

# Pirambulando

No Tempo da Ditadura Militar



## **PIRAMBULANDO NO TEMPO DA DITADURA MILITAR**

© 2021 Copyright by Vera Marques

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

### **Conselho Editorial**

DRA. AIALA VIEIRA AMORIM   UNILAB	DR. JOSÉ GERARDO VASCONCELOS   UFC
DR. ALUÍSIO MARQUES DA FONSECA   UNILAB	DRA. JOSEFA JACKLINE RABELO   UFC
DRA. ANA MARIA IORIO DIAS   UFC	DR. JUAN CARLOS ALVARADO ALCÓCER   UNILAB
DRA. ANA PAULA STHEL CAIADO   UNILAB	DRA. LIA MACHADO FIUZA FIALHO   UEC
DRA. ANTONIA IEDA DE SOUZA PRADO   UNINASSAU	DRA. LÍDIA AZEVEDO DE MENEZES   UVA
DR. ANTÔNIO ROBERTO XAVIER   UNILAB	DRA. LÍVIA PAULIA DIAS RIBEIRO   UNILAB
DR. CARLOS MENDES TAVARES   UNILAB	DR. LUIS MIGUEL DIAS CAETANO   UNILAB
DR. CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS   UNIFOR	DR. LUIS TÁVORA FURTADO RIBEIRO   UFC
DR. CHARLTON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO   UFPB	DRA. MÁRCIA BARBOSA DE SOUSA   UNILAB
DR. EDUARDO FERREIRA CHAGAS   UFC	DRA. MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA PORTELA CYSNE   UNILAB
DR. ELCIMAR SIMÃO MARTINS   UNILAB	DR. MICHEL LOPES GRANJEIRO   UNILAB
DRA. ELISÂNGELA ANDRÉ DA SILVA COSTA   UNILAB	DRA. MILENA MARCINTHÁ ALVES BRAZ   FGF
DR. ENÉAS DE ARAÚJO ARRAIS NETO   UFC	DR. OSVALDO DOS SANTOS BARROS   UFPA
DR. FRANCISCO ARI DE ANDRADE   UFC	DRA. REGILANY PAULO COLARES   UNILAB
DR. GERARDO JOSÉ PADILLA VÍQUEZ   UCR	DRA. ROSALINA SEMEDO DE ANDRADE TAVARES   UNILAB
DRA. HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO   UFC	DRA. SIMONE MARIA SILVA DANTAS   FACPED
DR. JAVIER BONATTI   UCR	DRA. SINARA MOTA NEVES DE ALMEIDA   UNILAB
DR. JOSÉ BERTO NETO   UNILAB	DRA. VANESSA LÚCIA RODRIGUES NOGUEIRA   UNILAB

**Projeto Gráfico e Capa | Carlos Alberto Alexandre Dantas**  
**Revisão | Juliane Elesbão**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**BIBLIOTECÁRIA: Regina Célia Paiva da Silva – CRB 1051**

---

M357p Marques, Vera

Pirambulando no tempo da ditadura militar / Vera Marques. –  
Fortaleza: Imprece, 2021.

164 p.14 cm x 21 cm.

ISBN: 978-65-87212-43-2

1. Romance Cearense. 2. Romance Brasileiro. I. Título.

---

CDD. B869.3

**Vera Marques**

# **Pirambulando**

## No Tempo da Ditadura Militar

Fortaleza | Ceará | 2021





## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe Maria Petronília, que mesmo sendo analfabeta, foi a minha primeira inspiração para me tornar uma leitora. Era ouvindo sua leitura dos panfletos de oração, mesmo soletrando, com muita dificuldade, que me fez sentir um grande desejo de aprender a ler e escrever.

Ao meu pai Regino Teixeira em homenagem póstuma, que também analfabeto dizia aos seus amigos no bar: “Minha filha é professora, mas eu nunca dei a ela um lápis”. Meu pai, hoje sei o quanto a sua força foi importante para a minha formação. Por tudo que me mostrou, sou grata!

A todos e todas professores e professoras que, ao longo da minha trajetória estudantil, me incentivaram lendo as minhas redações, corrigindo os meus erros e me estimulando com suas críticas a escrever mais e mais.

A todos e todas leitores e leitoras que se dispuseram a pirambular junto comigo. Tenham a certeza de que estão me incentivando a escrever muitos outros livros!



# **Sumário**

**RESUMO | 9**

**APRESENTAÇÃO | 11**

**CAPÍTULO I — “PRESENTE!” | 13**

**CAPÍTULO II — UMA CASA NADA ENGRAÇADA | 21**

**CAPÍTULO III — PRIMEIRO MILAGRE | 36**

**CAPÍTULO IV — ESTE MENINO NÃO QUER NADA! | 42**

**CAPÍTULO V — E POR FALAR EM SAUDADE... | 56**

**CAPÍTULO VI — A GRANDE DECISÃO | 65**

**CAPÍTULO VII — UMA CASA DE VERDADE | 84**

**CAPÍTULO VIII — O PATRÃO | 92**

**CAPÍTULO IX — O SEGUNDO MILAGRE | 100**

**CAPÍTULO X — SERÁ QUE ESTOU SONHANDO? | 110**

**CAPÍTULO XI — A EDUCAÇÃO INTEGRADA | 125**

**CAPÍTULO XII — ELE VOLTOU! | 139**

**A AUTORA | 161**



## RESUMO

Dadá caminhava sobre um dos trilhos tentando se equilibrar. Braços abertos, colocando cuidadosamente um pé diante do outro tentando se equilibrar. De vez em quando, apanhava uma das pedras que ficavam entre os trilhos e tentava acertar um dos frutos dos pés de ciúme e grão de galho que ficavam por perto da linha do trem. Como eram sete horas da manhã, Dadá sentia uma brisa suave assanhando os seus já despenteados cabelos.

Assim, seguiu a menina, pensando no que encontraria na Praça José de Alencar. O coração dava saltos no peito só de pensar no Teatro José de Alencar, quando entrasse pela primeira vez nas lojas Mesbla, Roncy, Samasa e Lobrás. Não ia comprar nada porque não possuía um tostão furado, mas veria a boneca Suzi igual à da Darlene... e os cadernos de arame de dez matérias que as vizinhas mostraram, ela veria na Lobrás, onde poderia encontrá-los.

O máximo que Dadá conhecia era o Jacarecanga, porque ia com a mãe Rosa, a avó Tita e o primo-irmão Didi aos domingos à igreja que ficava perto da Marinha do Brasil, com aquele muro imenso com suas guaritas e marinheiros armados a vigiar quem passasse pelo calçadão. Devia ser bom andar de patinete ali, mas certamente era proibido como tudo que era bom de se fazer. Os marinheiros eram pessoas muito bravas, dava medo chegar perto deles! Nunca sorriam...

Para as bandas do Centro mesmo, Dadá nunca foi. Era Dedé, o irmão mais velho de doze anos quem contava se pabulando de conhecer tudo: “Eu levei uma carreira do Rapa!”, “Eu entrei no Roncy, levei as compras de uma mulher rica e ganhei cinco Cruzeiros!”, “Entrei na caverna da Praça das Crianças, e tem um gorila que vive lá dentro. Ele corre atrás da gente!”, “Ouvi o rugido de um leão que vive no pôrâo da casa de um general lá na Praça dos Leões”.

Um dia, Dadá foi seguindo o trilho, caindo e voltando, caindo e voltando, e não prestou atenção no trem que apitava, se aproximando perigosamente. Somente quando o trem estava a uns dois metros, foi que a menina pulou do trilho e caiu bem na boca do panteão de uns

10 metros de altura, de onde se podia ver as águas do mar passando por baixo. Um cheiro forte de maresia tomou conta do olfato de Dadá que não tinha coragem de abrir os olhos. A vista começou a escurecer e ela não viu mais nada. Desmaiou com o tremendo susto que levou. Quando abriu os olhos, viu o rosto de um dos marinheiros que colava um líquido de cheiro forte no seu nariz.

## APRESENTAÇÃO

Pirambulando é uma narrativa em primeira pessoa da história de Dadá e sua sofrida família. Uma menina como tantas outras invisíveis para os governos e para a sociedade, que viveu a infância e adolescência entre as décadas de 70 e 80 no Pirambu, em meio às injustiças sociais promovidas pelos governos da Ditadura Militar. Sem direito à moradia digna, alimentação e escola, Dadá aprendeu a ler sozinha em casa soletrando a cartilha do ABC. Entrou pela primeira vez em uma escola somente aos nove anos de idade. Discriminada por ser muito pequena para a sua idade e “fora de faixa”, sofreu bullying, humilhações e assédio sexual nas casas onde trabalhou como cuidadora de crianças.

Um dos maiores sonhos de Dadá era conhecer o Centro de Fortaleza, com suas lojas, praças e museus, que ela via apenas na televisão. A menina um dia criou coragem, saiu bem cedinho de casa e começou uma caminhada às cegas para realizar o seu sonho. Nessa caminhada, quase foi atropelada pelo trem, quase caiu no panteão da Marinha do Brasil e foi parar nos braços de um dos aprendizes marinheiros.

Foi durante essa aventura que Dadá acabou encontrando o seu primeiro emprego: cuidadora de um menino de dois anos, filho de uma professora e de um motorista de ônibus interestadual. Foi nessa casa que Dadá pôde provar uma boa comida, ler enciclopédias, Atlas Geográficos, revistas com fotonovelas, mas também se deparou pela primeira vez com o assédio sexual por parte do marido da mulher que tanto admirava.

Pirambulando é um livro que retrata não apenas a situação de miséria causada pela Ditadura Militar, mas também mostra como as crianças curtiam as brincadeiras nos areais do Pirambu, construíam seus próprios brinquedos, como o patinete, os pés de lata, o rola-bosta... relembrava os personagens que causavam pavor e fascínio nas crianças como o jaraguá, Donana, que corria atrás das crianças para cheirar o traseiro do boi no Reisado, e muitos outros.

Quem ler Pirambulando vai relembrar quando a garotada seguia o palhaço pelas ruas e ganhava ingresso para assistir ao espe-

táculo no circo sem teto, as castanholas meio amargas que matavam aquela fome na volta da escola, vai revisitar, a partir da visão de uma menina sonhadora, a Praça das Crianças com sua caverna do gorila, vai se emocionar com a perseguição aos camelôs da Praça José de Alencar e da Praça do Ferreira, se revoltar com o tratamento que os “mirins” recebiam do Juizado de Menores.

Pirambulando é livro para resgatar a criança que ainda vive dentro de nós.

Boa leitura!

## CAPÍTULO I — “PRESENTE!”

“Dadá, lava a panela do feijão!” “Dadá, banha o Didi!” “Dadá, varre o quintal!” “Dadá, vamos brincar de casinha!”. Assim, eu sempre ouvi minha mãe Rosa, a Vó Tita, todo mundo que vive comigo e mais os vizinhos me chamarem. Talvez por preguiça ou por não acharrem que me pareço com o meu nome verdadeiro, desde que me entendo por gente, me chamam assim: “Dadá!”

Hoje acho muito lindo o meu nome verdadeiro. Parece nome de doutora, professora... Só vim descobri-lo em meio a uma grande confusão no primeiro dia de aula, quando foi feita a chamada dos alunos da sala do primeiro ano fraco na Escola As Pioneiras Sociais. Todo mundo respondeu “presente”. O André, o Aurélio, o Breno, o Cláudio, a Fernanda... todo mundo foi chamado, menos eu.

A professora fez a pergunta que sempre faz toda professora no primeiro dia de aula, para conferir se todo mundo está presente mesmo:

— Tem alguém que não foi chamado?

Nada de resposta. Eu era a menor da turma, embora já tivesse quase 10 anos. Todos os alunos daquela série deviam ter de oito a treze anos; os renegados “fora de faixa”, como eu.

Era a primeira vez que estava numa sala de aula. Levantei a mão em câmara lenta. Meio braço, quase me escondendo no meio da cabeleira cheia de nós, como a cabeleira do “Urso Cabeludo”, desenho animado mais curtido pela garotada que tinha TV na época. Não me lembro de ninguém ou eu mesma tê-los penteados antes de eu sair pra escola. Em casa a gente não tinha muito esse hábito, até porque sempre que eu tentava, o pente nem entrava na minha cabeleira. Tomava banho? Tomava! Lavava os cabelos? Lavava! Mas era com sabão em pedra. Xampu? Eu só via na TV da casa do Seu Ananias, da Dona Maria da bodega ou do Seu Tarcísio do JEEP de manivela, que morava depois do areal.

Tinha decorada a principal propaganda de xampu:

— Ei, você lembra da minha voz? Continua a mesma! Mas os meus cabelos...

Aí, aparecia a moça de lindos cabelos loiros, lisos, esvoaçantes, após o uso do produto anunciado.

As duas meninas que dividiam o banco escolar de três lugares comigo apontaram para mim com uma certa piedade.

De perto do seu birô de madeira velho, com a fórmica marrom largando, a professora perguntou o meu nome para conferir na lista. “Dadá”, respondi meio envergonhada. A professora, que tinha os cabelos pretos como a asa da graúna, como a Vó Tita descrevia a virgem dos lábios de mel quando contava a história da Iracema, a índia que tinha corrido do Ipu até a Praia de Iracema para encontrar o seu amado, os óculos de aros dourados mais charmosos, a roupa mais elegante, a voz mais doce do mundo e o nome mais incrível que eu já ouvi... Tia Suely:

— Tia Su para os íntimos. Vocês podem me chamar de tia Su, tia Suely ou professora Suely, ou professora Su...

Foi assim que ela se apresentou com um sorriso que foi de uma ponta a outra do rosto, exibindo lindos dentes certinhos, branquinhos como os das propagandas de pasta dental Kolynos! Tinha também duas covinhas nas bochechas. Nós, com cara de bobos, achávamos que estávamos vendo uma fada de verdade!

Tia Su ficou me olhando com seus olhos de boneca e com a voz de mel de abelha. — Dadá não é nome, meu amor! É apelido! Então você deve ser a Daniela Ferreira Mendes!

Eu fiquei indignada com a troca do meu nome. Muito envergonhada com a situação, porque os demais alunos olhavam ora para mim, ora para a professora, esperando o resultado daquela teima, que certamente sobraria um castigo para mim. Na melhor das hipóteses, ficar de joelhos atrás da porta...

Ela falava “Daniela”. Eu falava “Dadá”. A criançada começou a dar risadas, talvez admirando a minha coragem de teimar com a professora. Eu não podia admitir que trocassem o meu nome! Criei coragem e falei da altura que a minha voz conseguiu subir:

— O meu nome é Dadá!

Depois coloquei a cabeça entre os braços cruzados e comecei a chorar. Enquanto soluçava, pensava: “Nunca ninguém na minha casa e nem na vizinhança me chamou de Daniela... Era Dadá... Dadá e não Daniela! Por que trocaram o meu nome?”. Apenas pensei, não falei nada disso. Tremia de nervoso, minhas mãos ficaram geladas, o coração disparou. Medo de ficar de castigo... Minha mãe, minha vó e o

Dedé, meu irmão mais velho, de 12 anos, todos falavam da dureza da escola, dos deveres difíceis, que se a gente errasse, levava palmatória ou bolo e ainda ficava de castigo ajoelhada em caroços de milho, ou presa na sala da diretora até ficar escuro.

Pensei nisso tudo naquele momento; o pavor aumentou quando ouvi a professora Suely me chamar para perto do birô...

A vergonha aumentou porque o meu vestido tinha um rasgão debaixo do braço, estava todo amassado, e eu calçava uma chinela japonesa com os cabrestos de cores diferentes. Minha vó tinha colocado porque o cabresto de um dos pares tinha quebrado e não dava nem mais para colocar um arame ou um prego, como sempre fazia. Aí ela arrumou um cabresto de outra chinela, que era até de gente grande, e colocou na minha.

Eu sabia que todo mundo ia fazer chacota de mim. Que todos os alunos iam “mangar” da minha feira. Apertei a cabeça entre os braços e me recusei a ir até o birô. As lágrimas não paravam de descer dos meus olhos. Os soluços espasmódicos me deixaram ainda mais envergonhada. Pior, uma coriza começou a escorrer do meu nariz, e eu esfregava a mão que ficou suja e limpava no vestido já horrível. Na verdade, já achava como certo que receberia muitos castigos por não ter respondido à chamada e ainda ter teimado com a professora...

Ouvi, apavorada, o som do salto do sapato dela: toc... toc... toc... Era um sapato preto, fechado com salto quadrado. Vi por entre os braços lambuzados de baba. Estava vindo em minha direção. Os passos ecoavam nos meus ouvidos, e eu tremia feito vara verde. O medo foi tão grande que, para acabar de piorar aquele que já estava sendo o pior dia da minha vida, ainda fiz xixi ali mesmo, de tanto nervoso. A criançada ria muito da minha desgraça.

— Ela fez xixi! Ela fez xixi!

Anunciaram as minhas duas companheiras de banco escolar. O xixi se alastrou para baixo dos outros bancos, e as risadas ecoavam pela escola.

A professora Suely, com bastante autoridade, pediu silêncio! A turma parou imediatamente as gargalhadas, e ficaram de cabeça abaixada, rindo baixinho.

Então senti uma mão afagando os meus cabelos desgrenhados:

— “Calma, minha flor! Não precisa ficar assim...

Mas eu estava vendo o xixi escorrendo pela sala e sabia que meu rosto devia estar todo lambuzado de secreção do nariz.

Com toda a paciência, ela se agachou para ficar da mesma altura que eu. Tentou me acalmar, mas viu que não dava conta. Então pediu a uma das alunas que fosse chamar a inspetora. Aí eu vi que estava perdida de vez. Os soluços aumentaram, e meu choro se transformou em gritos de pavor:

— Nãããão, eu — não — que — roooo!

Logo se ouviram, além dos gritos tocantes da menina de cabeleira, os sons de tamancos pelo corredor da escola: toc,toc,toc... Depois, silêncio. E a porta, com suas fechaduras enferrujadas, emitiu um som de casa mal-assombrada: “ieeeeec”, e uma senhora baixinha, bem torneada, de óculos fundo de garrafa, de uns 60 anos, entrou na sala e, com uma voz que aos meus ouvidos soou como se fosse da bruxa da história da Branca de Neve que a Vó Tita contava, me convidou para ir com ela à sala da Diretoria.

Eu sabia que se fosse, seria o meu fim. Me grudei na carteira, e as convulsões dos soluços me sufocavam. Estava molhada de tudo que era líquido: suor, lágrimas, catarro, xixi. A cena ficou tão grotesca que até a diretora veio ver o que estava acontecendo. Então não teve jeito; as duas mulheres saíram me arrastando pelo corredor da escola, e eu fui parar em uma sala cheia de livros. Logo senti um cheiro forte que na época eu não sabia, mas era de desinfetante. Eu continuei chorando muito, e elas começaram a perguntar por que eu estava daquele jeito. Eu não conseguia falar o que estava sentindo, apenas soluçava muito. Trouxeram um copo de garapa de açúcar. Bebi. Então, com muita dificuldade, comecei a falar, separando as sílabas:

— Eu — não — que — ro — fi — car — de — cas — ti — go...

As duas mulheres me olhavam como se eu fosse um ser de outro planeta. A mulher — que depois eu descobri ser a diretora, Dona Marieta — cruzou os braços e, com um meio sorriso, mas querendo na verdade explodir numa gargalhada, perguntou:

— Mas quem falou que você vai ficar de castigo?”

Eu passei a mão nos olhos e, ainda soluçando, respondi:

— To-do mun-do!

E o choro compulsivo voltou. As mulheres não estavam mais conseguindo conter as risadas. A diretora perguntou novamente:

— Todo mundo de onde, daqui da escola?

E eu: “

— Lá-de-casa!

Então, com uma voz calma, a mulher falou que, para ficar de castigo, precisava fazer alguma coisa muito grave... a professora Suely tinha falado que eu não tinha feito nada de errado; só não havia respondido à chamada, e isso não era errado.

As mulheres me levaram até um banheiro e pediram que eu lavasse o rosto. Depois conseguiram uma saia de pregas azul e uma blusa branca de mangas. Um pouco grandes, mas era uma roupa bonita. Só não deram jeito na calcinha, que continuou molhada de xixi. Então me levaram de volta para a sala de aula e me deixaram já bem perto da professora. Ela, com toda a cautela que o momento exigia, me explicou que, na minha certidão de nascimento, o meu nome era Daniela. E que Dadá, era um apelido. Se eu quisesse, todos iriam me tratar por Dadá mesmo. Mas que, quando fizesse a chamada e eu ouvisse “Daniela”, era para responder “presente”.

Muito confusa, foi assim que me senti. Mas achei o nome quase tão bonito quanto o da professora. Então falei que queria ser tratada por Daniela mesmo. A professora me deu um abraço e eu senti o cheirinho de lavanda Alma de Flores que vinha dela... Eu não estava acostumada a receber abraços tão carinhosos como aquele, muito menos perfumados. Muito sem graça e envergonhada pelo que tinha aprontado logo no primeiro dia de aula, voltei para minha carteira toda riscada, meio molenga, no meio das duas meninas que continuaram a me olhar com aquele ar de superioridade, como se fossem melhores do que eu. Elas tinham os cabelos repartidos ao meio, amarrados com marias-chiquinhas, usavam batas azuis com blusa branca por baixo e sapatos Congas com meias brancas.

**Escola As Pioneiras Sociais.** Era esse o nome da minha primeira escola. Prédio antigo! Carteiras do tempo do Bumba, como dizia a Vó Tita. Ela aprendeu esses jargões lá pelo interior. Ela veio de Massapê, no tempo da seca de 58. Na verdade, o nome dela é Francisca. Ficou viúva aos 40 anos.

O meu avô Paulo, um alcoólatra desempregado, vivia de bico. Morreu de cirrose. Vó Tita sempre falava dele com amargura. Nunca deu vida boa para ela.

Muito pobre, morando num casebre cedido por um dos patrões de lavagem de roupas. Sim, Vó Tita vivia de lavar e engomar roupas para o pessoal que morava na rua Tenente Lisboa. O que lhe pagavam só dava mesmo para comprar comida. No casebre não havia energia e nem água encanada. Vó Tita puxava água na bomba, cozinhava no fogareiro de carvão e, de noite, acendia vela. Teve a Rosa, minha mãe, e mais dois outros filhos, que sumiram no mundo: o Mauro e o Carlos. Nunca conheci meus tios nem por fotos. Ela teve o primeiro filho com 15 anos. Quando tinha 27 anos, o Vô Paulo morreu. Minha mãe Rosa é a do meio, ela teve que criar os três sozinha. Meu tio mais velho foi embora com 15 anos e nunca mais apareceu, nem escreveu. Muitas vezes eu escutava a Vó chorando baixinho e rezando... Acho que era pedindo a Deus para proteger os filhos sumidos.

A Escola As Pioneiras Sociais era um projeto educacional para atender alunos “fora de faixa”, as crianças que não aprenderam a ler, escrever e contar no tempo do governo militar.

Minha mãe nunca teve dinheiro para comprar as coisas que as diretoras exigiam para poder matricular a gente na escola pública: pasta escolar, fardas, sapatos, merendeiras, livros, cadernos e outras coisas; fora uma tal de “caixa escolar”. Era uma taxa que cada aluno tinha que pagar para a escola pagar as despesas com manutenção.

Daí o tempo foi passando, e eu mais Dedé ficamos “fora de faixa”. Eu com 9 anos e Dedé com 11, sem saber ler nem escrever. Então um dia uma senhora apareceu em casa e falou para minha mãe ir lá fazer nossa matrícula. Mas tinha também uma taxa. Só que era mais barato e não exigia as coisas que a escola pública exigia, como farda e sapato. Tinha farda, mas não era obrigado comprar, só se pudesse. Assim, uns iam de farda e sapato, e outros com as roupas que pudessem. A mãe achou que ia dar certo. Pediu um adiantamento no trabalho e matriculou o Dedé e eu. Mas lá não havia merenda, como no Sales Campos. A gente tinha que levar a merenda de casa. Mas o quê? Nunca tinha nada.

Toda a mobília das salas de aula era muito velha. Mas tinha um piso legal, que dava para brincar de escorregar na hora do recreio; dois pegavam nos braços de um e saíam arrastando. Às vezes se batia com a cabeça na parede. Outras vezes se caía de boca no chão, machucava, sangrava... Era esse corredor e um pátio a céu aberto. Sol

muito quente ou chuva. Quando dava coragem, a gente brincava lá na hora do recreio; mas quando o sol esquentava muito ou a chuva ficava forte, a gente ficava mesmo no corredor, que era muito grande. Bem comprido. Lajotas vermelhas, bem enceradas, lisinho! Ali a gente brincava também de pega-pega, de quarta-última... Senhora Dona Cândida, Três, Três Passará... Cadê o Grilo, De Mavé, descer... Ciranda-Cirandinha... Mas só as meninas brincavam dessas coisas. Os meninos só brincavam de arrastar ou de pega-pega. Meninos não brincavam com meninas na escola. Mas na rua Travessa Espírito Santo, que era um areal, nós, meninas, nos misturávamos com os meninos sempre no final da tarde, quando o sol esfriava e ficávamos até umas seis da noite, brincando de Bandeirinha e muitas outras brincadeiras que davam muita confusão.

O Dedé que era o maioral da turma, sempre organizava os grupos. Estendia a mão e a gente colocava o dedo embaixo para ele capturar o dedo de quem seria o pegador nas brincadeiras de pega-pega, *Jou Cola, Jou atrepa...*

Mas a preferida, mais disputada e perigosa brincadeira, acontecia depois de uma chuva: a brincadeira do Triângulo. Era um ferro pontiagudo que a gente usava para furar e acertar as escamas de um peixe desenhado na areia molhada. Quem chegasse primeiro até a cabeça e arrancasse o olho, um pedaço de plástico ou papelão enterrado na areia, ganhava o jogo e podia dar chulipas nos perdedores. Dava muita confusão, porque quem perdia se evadia correndo do local, e os demais saíam em perseguição, até pegar a vítima para receber o castigo. Às vezes aconteciam acidentes, como acertar o triângulo no pé de alguém ou até na cabeça. Era uma correria para o SOS, a fim de socorrer o acidentado, mas a meninada não parava de brincar com os triângulos. O pião também causava alguns acidentes bem graves. As raias com as linhas de cerol para cortar as outras também sempre causaram muitos acidentes, até com quem não participava dos torneios que não eram combinados.

Mas, para mim, a brincadeira mais legal mesmo de fim de tarde e começo de noite era o Sete Pecados. A gente jogava uma bola para cima e chamava um nome para pegar a bola e carimbar que estivesse mais perto. Quem fosse carimbado sete vezes recebia boladas nas costas de todos os brincantes. Havia muitas confusões, ficavam “de

mal”, mas no outro dia estava todo mundo reunido na calçada do Seu Ari para escolher a brincadeira da tarde.

A molecada “fora de faixa” era também conhecida como pive-tes ou mirins. A maioria vivia “solta” pelo Centro de Fortaleza, ou pelo mercado São Sebastião, catando frutas refugadas pelos donos dos boxes. Muitos eram acusados de fazer pequenos furtos, e o Juizado de Menores, com sua kombi cinza, era acionado para catar os desordeiros e conduzi-los à FEBEMCE (Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará). Esses menores já não estavam mais nas Pioneiras Sociais, porque na escola faziam muita bagunça e muitos eram expulsos.

Eu tinha muito medo de ser expulsa e ficava sempre muito quieta. Desde aquele primeiro dia do escândalo, fiquei muito conhecida como a “chorona”. No recreio a molecada gostava de zoar qualquer um. Faziam um corredor humano e quando a gente passava para ir pegar a merenda que a Vó Tita trazia, ficavam gritando nossos apelidos. O Dedé era o “Lombriga”, e eu a “Chorona” ou “Mijona”. Todo mundo sabe por quê...

Dedé e eu fomos matriculados no primeiro ano fraco. Mas eu, como vivia estudando em casa na cartilha do ABC, já conhecia de cor o alfabeto em todas as suas formas; conhecia também as sílabas. Só não sabia soletrar, mas assim que a Professora Suely começou a falar os sons, eu logo aprendi a ler palavras e frases. Então fui, no mesmo mês que entrei, promovida para o primeiro ano forte.

No segundo semestre, eu já conseguia ler pequenos textos. No início do ano de 72, eu fui para o segundo ano forte. As turmas eram sempre formadas dessa maneira: uma turma fraca e uma turma forte da mesma série.

Quem era da série forte tirava onda com os alunos das turmas fracas. Havia assim uma rivalidade e separação entre os alunos. Por conta disso, eram constantes as brigas no recreio. Havia outros motivos, como as brincadeiras de tomar merenda: “Arreia!”, gritava alguém quando queria pegar a merenda de alguém. A pessoa tomava aquele susto! Para comer sossegado, tinha que pedir “com licença”. O “Arreia” valia também quando um maior queria tomar qualquer outra coisa que desejava dos menores. Também inventavam que um menino queria namorar uma menina, e o irmão tomava as dores da irmã... Tudo era motivo para uma briga no recreio. Até para se sentar,

tinha que falar “com licença”, senão vinha alguém e dizia: “filipim, filipim, filipim” e podia tomar qualquer coisa que desejasse do outro. Só não podia o caderno e o livro. Mas lápis, borracha, lápis de cores, arrastavam tudo.

Eu procurava me manter distante de tudo isso, só olhando de longe. Até porque a minha pobre pessoa não tinha nada que interessasse aos demais. Dentro do meu saco, só havia “cotocos” de lápis, uma gilete velha e um pedaço de chinela que me servia de borracha.

Para colar as gravuras dos trabalhos que Dona Salete, a professora, passava, a Vó Tita fazia grude com goma de mandioca e quando não tinha, a gente usava arroz mesmo. Não pregava muito bem, e eu levava muito carão da professora, porque as figuras ficavam borradas e mal pregadas.

Para me safar das brincadeiras de mau gosto e dos ataques da molecada, gostava de ficar escondida debaixo das carteiras da sala de aula, principalmente quando ia comer a “merenda” que a Vó Tita trazia; geralmente era pão velho de muitos dias que a mãe trazia da casa onde ela trabalhava e banana preta. Se a molecada visse, ia tirar o meu couro, mas era o jeito comer.

Vó Tita ia deixar merenda pra gente quando não tinha almoço. A gente comia café com farinha ou cuscuz de manhã e ia pra escola às 11h30. A aula começava às 12h e terminava às 16h. O recreio era das 14 às 14h30. Muito tempo para a molecada aprontar. Ninguém olhava o recreio. Era cada um por si. Acontecia tudo que era tipo de agressão: chulipa, cocorote no cocuruto, três dedos, piparote, safanão, empurrão, rasteira, cama de gato, sabacus e por aí tudo valia; e se enredasse, era pior: ficava marcado até na rua.



## CAPÍTULO II — UMA CASA NADA ENGRAÇADA

Telhado esburacado, cheio de goteiras quando chovia, enquanto esperava pelo café da manhã que quase sempre não tinha, eu ficava na minha “fianga” rasgada com cheiro de xixi, observando no chão esburacado as figuras que os raios de sol formavam. Imaginava personagens de história que eu inventava da minha cabeça. Dragões,

monstros e princesas. As paredes eram rebocadas, mas cheias de buracos, com o reboco caindo. Como era de taipa, aparecia o barro e logo aparecia o desejo de comer um pouco; diziam que era lombriga.

A “casa” era formada por dois vãos, que a Vó Tita dividia com uma cortina de chita floral. Sempre a mesma esburacada e encardida, desde que comecei a prestar atenção nas coisas. No primeiro compartimento, um sofá velho com as esponjas aparecendo, porque o couro estava todo rasgado. Um vizinho jogou na rua, e a vó pegou. A gente o dividia com as catitas e baratas que moravam nele. As redes penduradas nos armadores. As roupas eram guardadas em uma mala velha. Cabia tudo, porque a gente quase não tinha roupas. A mãe deixava as roupas dela lá na casa da patroa, no quarto da empregada. A Vó Tita só tinha uns 4 vestidos. Os de ficar em casa muito velhos, desbotados e remendados, e um para ir à missa no domingo. Era bonito; azul turquesa com botões dourados. Foi a mãe quem deu a ela. Comprou da patroa. Era usado, mas bonito.

No outro compartimento, um fogão enferrujado; só uma boca que funcionava. Vó Tita cozinhava tudo nela; o cuscuz e depois fritava os ovos. Ou o feijão que ela já colocava de molho na madrugada para ver se cozinhava mais rápido para economizar o gás que, quando acabava, demorava uns quinze dias para comprar outro. Aí era no fogareiro de carvão que a pobre da Vó Tita cozinhava. Acocorada, abanando com uma tampa de panela para o fogo não se apagar; não deixava a gente chegar perto para não se queimar; ela ficava com os olhos lacrimejando, molhada de suor, e os cabelos fedendo a fumaça.

Depois do feijão, o arroz quando tinha; depois fritava a carne de lata, os ovos ou a sardinha para fazer farofa. Por isso o almoço demorava muito a ficar pronto, e a gente ia pra escola sem almoçar e só comia de verdade, quando voltava de tardezinha. A barriga roncando na aula.

O armário onde a vó guardava os pratos e algum alimento era muito torto, escorado com tijolos porque as pernas já não existiam mais. As portas quase caindo, a Vó Tita amarrava com cordão de punho de rede. Uma tampa de geladeira velha, em cima de uma armação de cadeira, servia de mesa. O sonho da minha mãe e meu também era um dia comprar uma mesa de verdade; os galegos ofereciam, mas a mãe não comprava. Tinha umas cadeiras com os assentos rasgados

e soltos que ela comprou do Tadeu-do-ferro-velho. A patroa até oferecia umas coisas que não queria mais para ela ficar pagando devagar, mas a mãe não tinha nem como pagar e nem como transportar, porque era na Aldeota e não tinha dinheiro para pagar frete. Chegava triste no domingo, falando que a patroa tinha oferecido uma mesa, umas cadeiras, cama, colchão...

O meu sonho era dormir numa cama...vivia sentindo dor nas costas por dormir toda embolada na rede que, além de pequena, era toda remendada, e eu tinha medo de que se rasgasse. Também não me mexia muito nela, para não forçar os remendos.

Depois, quando foi preciso fazer exames para a educação física, fiquei sabendo que tinha escoliose.

Minha mãe muitas vezes até chorava de tão triste, por não poder trazer as coisas para casa, e a Vó Tita, com a sabedoria arranjada nem sei de onde, falava para ela: "Minha filha, a quem sabe esperar o tempo abre as portas!" Ou: "Quem quer colher rosas sabe suportar os espinhos!"

Eu amava esses provérbios da minha avó; às vezes pedia para ela falar alguns para mim, mesmo que não entendesse quase nada do que significavam:

— Vó Tita, fala aqueles provérbios pra mim?

E ela, balançando o Didi, ficava pensando e começava:

— Bondade em balde é devolvida em barril; e explicava: "É assim; se você pratica o bem, mesmo em pequena quantidade, um dia vai receber muito mais dos outros. Por exemplo: mesmo que você não tenha quase nada e mesmo assim divida o que tem com alguém com fome ou ajude um animalzinho doente, faminto e abandonado, isso que fez vai se transformar em coisas muito boas pra você."

Essas conversas de antes de a gente dormir substituíam a televisão que não tínhamos.

Interessante que a minha Vó Tita nem sabia ler direito. Ela pegava alguma página de jornal que o vento trazia até a nossa porta e começava a soletrar alguma manchete:

— Go-ver-no Fed-fe-der-ral cor-ta ver-ba da edu-ca-ção.

Depois parava, levantava os olhos para o céu, juntava as mãos em uma oração silenciosa e torcia a folha de jornal em forma de pavio para acender o fogo do fogareiro.

Quando falava os provérbios, no entanto, empostava a voz e falava como se estivesse dando uma palestra. Um dia, perguntei:

— Vó Tita, onde a Senhora aprendeu essas coisas que fala pra gente?

Ela levou o pensamento pra longe... Olhou para o infinito e respondeu:

— Acho que aprendi dos meus antepassados... às vezes sonho com alguém falando essas coisas bonitas. Acho que são eles, meus entes que já morreram e eu nem cheguei a conhecer...

Depois de ouvir os provérbios da Vó Tita, a minha mãe Rosa enxugava as lágrimas e começava os afazeres domingueiros, como olhar se tinha roupas do Dedé para lavar ou remendar, rede suja para lavar ou trocar punhos ou remendos. Depois fazia uma galinha cozida com cuscuz e arroz pra gente comer antes de ir para a missa.

Para economizar o dinheiro das passagens, a mãe passava a semana na casa da Dona Sara e só voltava no domingo. A mãe reclamava muito da patroa; que era miserável, unha de fome. Contava pra Vó Tita, pensando que a gente estava dormindo para não ouvir suas queixas, mas eu ouvia tudo. Dizia que às vezes não sobrava nada nas panelas, aí ela comia os restos dos pratos dos patrões. Ou então fazia macarrão com ovo, escondido de Dona Sara. Se ela visse, descontava o macarrão e o ovo do salário dela. Isso acontecia em todas as refeições, desde o café da manhã até a janta. Só podia comer banana se estivessem maduras demais. Tipo pretas, iguais aquelas que a Vó levava pra gente merendar na escola. As que a Vó Tita levava, ela conseguia na feira; aliás, tudo que a gente comia de verduras, frutas e legumes, a Vó conseguia nos latões da feira.

Até o sabonete, a pasta de dentes e a escova tinha que pagar para ela. A mãe fazia tudo na casa. Desde lavar roupas, engomar até os panos de prato, cozinar, limpar a casa, que era bem grande, com uns oito compartimentos, cuidar do jardim... a pobre chegava quebrada no domingo e ainda ia lavar roupas, porque a Vó Tita já tinha muito trabalho durante a semana.

Eu e o Dedé ficávamos puxando água na bomba do quintal para a mãe lavar as roupas.

A Vó Tita não era velha. Tinha 57 anos, mas cuidava de nós sozinha, e o Didi dava muito trabalho; vivia passando a noite na

calçada do posto de saúde pra marcar consultas pra ele e pra nós também. Fazer exame de fezes, pra receber remédio pra verme, sulfato ferroso pra anemia e leite do fisco pro Didi. Isso tudo era muito cansativo.

A mãe, coitada, reclamava muito do calor e das muriçocas. No quarto onde dormia, não tinha ventilador e ainda tinha que desligar a luz às oito da noite, para não gastar energia. Quase toda noite ficava até altas horas, coitada, sentada em um banco do jardim da casa que era iluminado. Aí, quando esfriava mais, ela ia dormir. Isso era lá para uma da matina. Dava graças a Deus quando começava o inverno para poder se cobrir, para não ser picada pelas muriçocas. As pernas dela eram cheias de perebas causadas pelas picadas dos insetos. Um dia ela acendeu um espiral, mas a patroa logo reclamou do cheiro de fumaça.

Dona Sara era dentista. A mãe, coitada, vivia com dor de dente; não aguentando mais, então criou coragem e resolveu falar com a patroa.

A mulher estava sentada no seu belo sofá, lendo um livro religioso. Sem tirar os olhos da leitura, suspirou profundamente, demonstrando aborrecimento:

— O que foi desta vez, Rosa? Quebrou outro copo de cristal? Vou descontar do seu ganho, viu?

Com o coração a mil por minuto, a mãe falou baixinho, como se estivesse espremendo um limão seco para tirar uma gota de sumo...

— Na...não, Do...na Sara... Eu...

Muito estressada, a mulher esbravejou:

— Então desembuche logo, criatura! Estou ocupada, não tenho tempo a perder, não!

Criando coragem, a mãe começou a falar:

— É que eu ando sentindo muita dor de dente...

E foi abrindo a boca para mostrar o dente que estava doendo. A patroa virou o rosto bruscamente, demonstrando repulsa.

Mesmo muito sentida e envergonhada, a mãe continuou:

— Será que a senhora podia extrair esse dente? É que está atrapalhando o meu serviço...

A dentista largou no sofá o livro que tinha uma linda imagem da Virgem Maria, colocou as duas mãos na cintura e soltou:

— Criatura, o meu consultório não é pra gente como tu não! Lá, só entra gente da alta! Se virem uma criatura toda esfarrapada entrando lá, vão pensar que virou favela! Procura o dentista do posto. Lá que é lugar de pobre! Onde já se viu... Vai, vai, vai cuidar do serviço! Chega de dengo! Mulher dengosa, não aguenta uma dorzinha de dente! Devia estar acostumada. Pobre o que mais tem é dor de dente! Aposto que nem escovam!

A pobre da mãe chegou em casa, no domingo, contando isso. Mas ela nunca liberava a mãe para ir ao dentista. Para marcar consulta, tinha que dormir na calçada do posto. A mãe se entupia de Cibalena para poder trabalhar. Até que um dia a Vó me levou com ela para pernoitar na calçada do posto. De manhã, conseguiu marcar a consulta da mãe. Quando ela foi para o dentista, extraiu os cacos dos que doíam, e o dentista falou que ela ia precisar extrair mais uns cinco que estavam muito cariados e que logo começariam a doer.

Dois desses dentes eram os da frente. Por isso que, quando ela ia sorrir, sempre colocava a mão na frente da boca. A patroa ainda descontou os 2 dias que a mãe ficou em casa por causa da extração dos dentes.

A patroa da mãe tinha um filho de doze anos e uma filha de oito. Um dia, a mãe a viu separando umas roupas que eles não queriam mais. Aí a mãe pediu para levar para nós. Dona Sara disse que vendia para descontar do salário. Mas se ela descontasse, iria faltar dinheiro para comprar comida e pagar a luz, que vivia atrasada. Muitas vezes a COELCE aparecia avisando que ia cortar. A Vó pedia, pelo amor de Deus, que não cortassem, porque tinha uma criança muito doente em casa. Aí, quando os funcionários viam o Didi na rede, todo encolhido, com o peitinho subindo e descendo com falta de ar, davam mais um prazo. E assim a gente ia levando a vida naquele Pirambu de governo sem piedade, sem assistência.

Um dia, um dos homens da COELCE olhou para o fogão da Vó Tita, que dava para ver da porta da sala, porque ela vivia com a cortina amarrada com um nó; já eram umas dez e meia, hora em que toda dona de casa começava a preparar o almoço. Aí, ele viu que não tinha nenhuma panela no fogo e deu cinco cruzeiros para ela e falou:

— Compre uma galinha pra fazer caldinho pro menino.

Ele viu que a única coisa que tínhamos que prestava na casa era uma geladeira que o Tadeu do ferro velho alugou pra mãe. Todo mês, a mãe tinha que dar um dinheiro a ele que a Vó Tita conseguia com a venda dos dindins.

Na casa não havia banheiro; nossas necessidades a gente fazia em um buraco que tinha nos fundos do quintal cercado por uma tanga de rede velha, fedida, porque o Dedé limpava a bunda nela, eu acho.

Pra gente tomar banho, a Vó Tita fez um cantinho cercado de palhas de coqueiro para esconder as vergonhas, porque o quintal não tinha muro, só cercas de arame farpado com trepadeiras ou ramos de melão-de-são-caetano; quem ia passando por lá podia ver o quintal dos outros.

A casa era a mesma em que a Vó Tita morava quando os filhos dela eram crianças. A estrutura foi piorando com o tempo. O dono da casa mandou colocar energia; só nunca ajeitou as portas e a janela; eram tão velhas que a Vó escorava com estacas, de noite.

Durante o dia, só a parte de baixo da porta da sala ficava fechada. De vez em quando, um galego ou vendedor de peixe aparecia de supetão na porta, e eu morria de susto. A porta da cozinha era só uma tábuia que nem dobradiças tinha; de noite era escorada por um caibro todo roído de cupins. Qualquer um que quisesse entrar, era só dar um empurrão. Toda noite, eu ia dormir com muito medo, e muitos pesadelos me atormentavam: que uns homens armados com facas tentavam entrar na casa, e nós empurrando a porta para eles não entrarem. A luta era tamanha que eu acordava muito ofegante, coração acelerado, molhada de suor e com a boca seca, mas não tinha coragem de levantar para tomar água.

A Vó parou de lavar roupas e engomar depois que pegou o Didi para criar. A mãe dele foi embora para São Paulo porque o meu tio Carlos a engravidou e não quis se casar. A mãe dela botou a pobre pra fora de casa. Diana, o nome dela. Ninguém aceitava uma filha mãe solteira.

Didi... Vó Tita colocou esse apelido nele por causa dos Trapalhões: Didi, Dedé e Zacarias. Dedé também era por causa do programa. O nome dele é José Maurício. O do Didi é Pedro Henrique. O meu apelido é só por preguiça mesmo, acho. A Vó era fã do programa. O único que ela assistia no seu Ananias. Era o único que tinha televisão

colorida. Para as crianças, ele abria a sala de cinco da tarde até as sete da noite. Não queria ninguém lá na hora dos jornais, para não atrapalhar as notícias do governo.

Ele era militar aposentado e admirava tudo que o governo fazia. As prisões dos comunistas e os exílios dos artistas. Ele dizia que era tudo subversivo e que mereciam isso. “Um bando de cantorzinho que faz música só pra atacar o governo”. “Bem feito que aquele tal de Caetano Veloso cabeludo foi embora”. “Onde já se viu, homens cabe-ludos, transviados sem moral querendo mandar no governo”. “Governo tem que ter moral; se tiver que matar pra defender a pátria, que mate!” Eu o escutava conversando com a Dona Maria da bodega. Falava bem alto para toda a vizinhança escutar, enquanto bebia cachaça tirando o gosto com queijo. Eu não entendia nada, mas ficava escutando, admirando aquele homem que deixava a gente assistir televisão na casa dele e às vezes dava bolacha com refresco de Ki-Suco. Ele sabia que aquela meninada sequer ia ter o que comer quando voltasse praças. Sabia também que muitos não estudavam e que seus pais eram analfabetos e desempregados. Mas ele fazia a parte dele, abrindo a sua casa para assistirem a televisão. Depois do Jornal, ele abria para os adultos assistirem às novelas com censura liberada. Até Saramandaia. Aos domingos, os Trapalhões para os adultos. A curiosidade era grande! As crianças ficavam do lado de fora, de ponta de pé ou se pendurando na janela de persianas, para brechar um pouco das palhaçadas do Renato Aragão. Ele dizia que não deixava a gente miúda assistir porque a casa ficaria muito cheia. As crianças ficavam sentadas no chão da sala. Umas dez. A sala do Sr. Ananias era bem grande, piso de ladrilhos vermelhos e encerados igual ao corredor das Pioneiras Sociais. Era quase um cinema para nós. Mas quando o pessoal começava a soltar pum e arengar, ele botava todo mundo pra fora. Aí a gente ia pra casa amuados, xingando e colocando a culpa uns nos outros, empurrando, dando cotovelada... às vezes até chutes. Eu saía logo de perto; nunca gostei de me meter em brigas.

Didi estava com quase 2 anos; chamava a Vó Tita de mãe. Nem se lembrava da mãe dele e nunca viu o pai. Sempre gripado, o nariz escorrendo, tossindo, febril... A Vó Tita fazia lambedor de cebola com açúcar. Quando levava o Didi ao posto, o médico passava a receita,

mas ela não tinha dinheiro para comprar os remédios. A Vó tinha umas plantas medicinais no quintal: mastruz, malva, cidreira, capim santo... Quando não tinha dinheiro para comprar café, ela fazia chá, e a gente tomava acompanhado com bolacha ou farinha, ou cuscuz... Pão quase a gente não comia. A padaria era distante, lá perto da Katu, a fábrica de castanhas, e mesmo assim não tinha dinheiro todo dia para comprar pão.

A nossa casa ficava na rua Travessa Espírito Santo. Era um areal. A molecada adorava brincar de bila. Faziam um triângulo e colocavam as bilas dentro dele. Era combinado. Cada um colocava uma ou duas, ou três. Dependia se todo mundo tinha muita ou pouca bila. Aí faziam uma risca horizontal a uns 10 metros do triângulo. Depois faziam “pedra, papel, tesoura”, às vezes par ou ímpar para ver quem era o primeiro, o segundo, o terceiro e assim por diante. Então começava o jogo. O primeiro jogava com o seu cocão na tentativa de acertar bem no centro das bilas do triângulo para que, com o impacto, muitas saíssem de dentro do triângulo. Aí o jogador ficava com elas. Mas quando errasse, o próximo podia acertar o cocão dele e ficar com todas que estavam em seu poder. Quase sempre o jogo acabava em briga. Tinha também o jogo de buracos. A gente também jogava bilas para ganhar as carteiras de cigarro dos outros. A molecada saía pelos monturos procurando carteiras de cigarros vazia; quando encontrava alguma com cigarro dentro, acendia e fumava. Era moda, e ninguém ligava se criança fumava ou não. Ninguém se importava com criança pobre. Mas as carteiras vazias tinham os valores estipulados como se fossem dinheiro: Clássico valia 5, Continental valia 10, Hollywood valia 20, Charme e as outras de material duro, mais caras, valiam 50 ou 100. Então ficavam uns tentando acertar a bila dos outros para ganhar carteiras de cigarro. A disputa era para ver quem tinha o bolo de carteiras maior e de mais valor. Fora essas brincadeiras, havia ainda as raias. Era a maior disputa para cortar as raias que apareciam flutuando pelo céu de brigadeiro do Pirambu. Cada raia mais bonita! Faziam com papel seda colorido, palito de coqueiro, linha e cola. Cada arte... A molecada se sentava nas calçadas e ficava fazendo os paquetões. Eu só olhando; meninas não podiam ficar por perto dos meninos. Eu não sabia por quê, admirava muito as habilidades dos meninos fazendo as raias coloridas e quando ficavam testando se a raia ia levantar

ao ser empinada. Depois faziam o cerol com pó de vidro e grude. Aí começavam a empinar e tentar cortar as raias dos outros. Quando uma raia era cortada, ficavam enlouquecidos, correndo de cara para cima, com as mãos em concha, protegendo os olhos dos raios solares, tentando adivinhar onde ela poderia cair; e quando descobriam, aos magotes, iam subindo nas castanholas, nos telhados das casas, para pegarem a raia que, cortada pela linha de cerol, saía bolando levada pelo vento.

Mas tudo isso era deixado de lado quando ouviam o chamado do palhaço, que trazia esperança de um dia animado pelo circo...

— Hoje tem palhaçada?”

E a molecada respondia:

— Tem sim senhor!

— Às sete horas da noite?

— É sim senhor!

— É no circo do Leleco?

— É sim senhor!

Aí, a meninada seguia o palhaço rua acima, rua abaixo, repetindo as quadrinhas engraçadas e às vezes picantes. Por isso as meninas não podiam seguir a trupe... Se alguma tentasse, era logo expulsa pelo grupo que em geral tinha irmãos. Por exemplo, o Dedé... Quando terminava a passeata, a molecada ganhava um ingresso.

Eu morria de inveja quando o Dedé chegava em casa, molhado de suor de tanto seguir o palhaço Leleco, passando o papelzinho branco com o carimbo do circo na minha cara:

— “Ó, ó... vou pro circo mais tarde!”

Eu ficava amuada, com vontade de chorar. O circo era sempre armado na outra rua, da qual eu nunca soube o nome. Só sei que era no terreno da dona Rita. Eles colocavam umas estacas e cercavam com uns panos coloridos; nas pontas das estacas, colocavam umas bandeirinhas coloridas em forma de triângulos. Dava pra ver um ferro com umas cordas penduradas. Era tudo que eu via do circo. De noite, a gente que não tinha ingresso ficava de bunda pra cima tentando ver o espetáculo por baixo da empanada, mas só via mesmo os pés da plateia e ouvia as risadas da negrada. Mas dava também pra ouvir as histórias engraçadas dos palhaços, e eu me acabava de rir.

Quando era depois do Natal, sempre tinha os reisados. Primeiro passava um pessoal tarde da noite, cantando e tocando instrumentos como bumbo, pandeiro e cabacinha:

— “Meu senhor, dono da casa, manjerona quem está aí! É o cravo, é a rosa, a fulô do bugari”.

Meu coração faltava sair pela boca de medo. A Vó Tita não abria a porta; ela não tinha nada para oferecer de esmola. Passavam uns minutos, e eles continuavam:

— Ó senhor, dono da casa, abre a porta, acende a luz! Tô pedindo uma esmola, em nome de Jesus!

A vó continuava com a porta fechada e a luz apagada. Meu coração batendo mais forte do que o bumbo deles. Mais alguns minutos de silêncio... eu pensando que tinham ido embora. Me benzia, agradecendo a Deus. Á começavam de novo. Ái não me lembro mais o que cantavam. Só sei que a estrofe seguinte não era nada agradável. A essa altura, eu estava com os dedos enfiados nos ouvidos, tremendo dentro da minha rede remendada. Eu ficava pensando que a gente era muito pobre porque não dava esmola pro Reisado. O povo dizia isso. Quem não desse esmolas para os grupos de Reisado era amaldiçoado e nunca iria sair da pobreza. Eram esses os comentários das vizinhas quando a Vó Tita dizia que não tinha aberto a porta porque não tinha nada para dar.

Mas, no dia seguinte, tinha a festa no mesmo terreno baldio do circo. Para entrar lá, tinha que levar donativos para Dona Rita. Ela ficava no portão improvisado, recebendo as doações. Ela dizia que era para distribuir para os pobres. Mas nunca chegou nada lá em casa. Será que ela não achava que a Vó Tita era pobre só porque o Dedé ia vender os dindins? Só sei que a bodegazinha dela vivia bem sortida. Era lá que eu comprava chiclete Ploc para fazer bolas quando o Dedé me dava umas moedas que ele conseguia vendendo ferro velho, latas de leite e garrafas que ele juntava nos monturos do Pirambu e da Francisco Sá. Sempre passava na frente de casa um homem gritando:

— Garrafa, panela de alumínio, lata de leite, eu compro!

Aí o pessoal vendia pra ele. O Dedé não fazia isso porque tinha vergonha de falar essas coisas. Um dia, eu comprei quatro chicletes Ploc, que era a marca do chiclete mais saboroso e molinho, que fazia a bola maior! Coloquei todos de uma vez só na boca; mastiguei, mas-

tiguei, mastiguei e quando estavam bem molinhos, comecei a fazer a bola. Ela foi crescendo... crescendo... crescendo... ficou gigante! Passando da minha cabeça. Meu coração disparou de emoção! Eu nunca tinha conseguido fazer uma bola tão grande daquele jeito... Foi então que o cão do Dedé estourou a bola bem na minha cara! Meu cabelo, que já era todo duro porque só era lavado com sabão, ficou cheio de chiclete. Enquanto eu chorava de ódio, Dedé rolava pelo chão sujo e esburacado com as mãos na barriga, que doía de tanto ele rir. E riu mais ainda quando a Vó Tita pegou a tesoura e começou a cortar os bolos de cabelo que estavam grudados de chiclete. O meu cabelo ficou todo picotado.

Na bodega da Dona Rita, havia também as chupetinhas de açúcar, bombons em que vinha um anelzinho de plástico, muitas outras guloseimas e brinquedinhos, mas eu nunca tinha dinheiro para comprar. Mas no Dia das Crianças, a Dona Rita fez um bingo de um saco de pirulitos que tinham, grudados neles, uns brindezinhos como anéis de plástico, pulseirinhas, miniaturas de animais e carrinhos coloridos. Acho que havia uns cinquenta pirulitos. Ela distribuiu as cartelinhas e começou a chamada dos números:

— Dois patinhos na lagoa!

Eu marquei o 22. “Duas varas de espantar caju”. Marquei também o 11. “Quraquaquá”! Era o 44, e eu não tinha. Sei que eu fui marcando, marcando, marcando e batí o bingo! Nunca senti tanta felicidade. Fiquei esperando a mulher me entregar o pacote de pirulitos premiados. Ia dar todos os carrinhos e bichinhos para o Didi. Vi os olinhos dele brilhando de alegria. Os anéis eu ia distribuir com as coleguinhas da escola; ia fazer muito sucesso! Elas iam ficar todas minhas amigas; talvez até me chamassem pra brincar na casa delas!

Mas isso não aconteceu. A mulher fez hora, fez hora, fez hora, até todo mundo ir para casa, e então me entregou um punhadinho de pirulitos sem nenhum brinde!

No dia da apresentação do Reisado, tinha também o desfile dos personagens pelas ruas, convidando o povoaréu para assistir. Mais uma vez os meninos acompanhavam, e as meninas, como sempre, eram excluídas do cortejo. Tinha o boi, que o pessoal inventava de colocar as crianças pra cheirar a traseira dele pra parar de fazer

xixi na rede; a burrinha, a ema, o Jaragu; era o que mais fazia medo. Pescoçã, muito alto com um blusão florido, uma cabeça parecida com um jacaré de boca aberta, cheia de dentes. Quando ia dormir, tinha pesadelos. A Donana dançava rodando e dando cambalhotas, colocava as crianças debaixo da saia pra serem enfeitiçadas; diziam que as que desobedeciam aos pais eram transformadas em lagartixas.

Donana ficava dançando ao redor do boi soltando baforadas de fumaça de um cigarrão pé duro, para chamar os espíritos curandeiros. O Boi que o Mateu tinha arrancado a língua para matar o desejo Catirina, que estava grávida, ficava primeiro parado no chão, e depois de ela fazer as danças e o povo cantar as modas, ele se levantava e começava a avançar no povo, querendo dar chifradas.

De tardezinha, chegava o Dedé exibindo o ingresso pra assistir. Eu, mais uma vez, tentava ver o espetáculo olhando pelas brechas das palhas que cercavam o terreno, e ainda havia as pessoas em pé bem na frente, atrapalhando ainda mais a visão. Acho que eu preferia ficar do lado de fora mesmo. Era tudo muito assustador. O Dedé, com seu jeito meio tímido, contava tudo pra gente depois. Ele colocava um pano nas costas e ficava imitando o boi. Depois imitava a Donana e ficava me fazendo medo. O Didi morria de rir. Mas eu não.

Na verdade, eu sentia era muita inveja daquele moleque que era livre pra ir pra onde queria; já sabia se virar! Era só na escola que eu sempre ganhava dele. O pobre ainda nem tinha aprendido a ler. Escrevia só o nome com letra de forma. Não conseguia escrever letras do caderno de caligrafia. Eu tinha a letra linda; sempre tirava o primeiro lugar em tudo. Adorava a história de Fortaleza e amava o Hino... “Entre as sombras dos muros do forte, a pequena cidade nasceu! Em redor para a glória do norte, a pequena semente cresceu!”. Eu cantava a plenos pulmões na hora dos hasteamentos das bandeiras no pátio da escola. A professora falava do forte Shoonemboorch; ela dizia que ficava no Centro, que um dia ia levar a gente lá.

A gente não tinha livros. A professora às vezes mostrava umas figuras de um livro que ela tinha. Falava do Porto do Mucuripe, que tinha muitos navios. Eu sonhava em conhecer todos os lugares que a professora falava, mas o máximo que eu conhecia era um pedacinho do mar que ficava perto da Marinha.

A mãe, uma vez ou outra, levava a gente pra tomar banho de mar, mas as ondas eram muito fortes, e ela logo voltava pra casa, com medo de que elas levasssem a gente embora. Também nem chegava perto das barracas que vendiam refrigerantes, peixe assado, baião-de-dois, caranguejo, camarão, e ainda tinha o vendedor de picolés da Kibon, que eram muito caros, e ela não tinha dinheiro para comprar nada; a gente tinha que se contentar com os dindins de Ki-Suco que a Vó Tita fazia, mas davam era roedeira na barriga. Então, antes de a fome apertar, a gente seguia o rumo de casa, enfrentando a areia queimando nossos pés e o sol escaldante do meio-dia queimando nossas já escurecidas costas e rostos. Chegávamos em casa esbaforidos e quase morrendo de fome. A Vó Tita já estava com a galinha com cuscuz pronta; dificilmente ela ia com a gente, porque o Didi estava sempre com aquela gripe que nunca acabava.

A gente comia, bebia água e ia curtir o resto do domingo brincando na sombra do quintal.

A paisagem do Pirambu era composta basicamente pelo areal branco, o belíssimo mar azul com ondas de espumas brancas quebrando na areia.

A vegetação era formada principalmente por carrapateiras, pés de ciúme que cresciam ao redor dos monturos de lixo dos fundos dos quintais dos casebres e de castanholas que estavam sempre perto de uma calçada, com seus frutos não muito aprazíveis, mas que generosamente aplacavam um pouco a fome da meninada.

Animais; cachorros magros e sarnentos que se deitavam à sombra dos pés das carrapateiras com a língua de fora, babando de fome e de sede.

Observando bem, podiam-se ver calangos e tijubinas se arrastando por entre as ervas daninhas que se espalhavam por sobre os montes de areia próximos aos monturos. De vez em quando, pousava um ou outro urubu à procura de alguma carniça, em geral um gato morto e pombos que eram criados como animais de estimativação por algumas pessoas; talvez até servissem de alimento. Animais de grande porte, apenas os burros dos carroceiros que faziam entregas de materiais para construções e um cavalo montado pelo vendedor de leite ou produtos para pratos típicos; ele passava batendo a tampa do cai-xote anunciando seus produtos. Em um dia, ele passava anunciando:

— Vai Buchaaada de bode, panelaaada, coração de boi!

Em outro, gritava:

— Olha o leiteeee!

Era sempre o mesmo homem com sua roupa encardida, manchada com o sangue das vísceras que despachava para as compradoras, na maioria das vezes fiado, colocando-as dentro de suas bacias ou panelas, e limpava a mão suja de sangue na própria roupa, atraindo muitas moscas varejeiras onde parava para fazer a sua venda.

Somente nos quintais dos casebres havia alguns coqueiros, bananeiras, mangueiras, goiabeiras e pés de seriguela. Os pés de jambô, só nos jardins das casas dos mais abastados; isso eu não sei o porquê, já que é uma frutinha muito da sem graça!

Nos finais de tarde, se alguém fincasse bem a vista, podia avisar no mar algumas jangadas com suas velas encardidas.

Um dia, fui seguindo o Dedé para ver as jangadas chegando de tardezinha, quase ao pôr do sol. Ele foi na frente, e eu fui seguindo de longe. Ele só me viu quando já estava bem longe de casa; aí foi o jeito aceitar eu ir com ele. Chegamos bem perto das areias molhadas. Se a mãe soubesse... Dedé queria ver se conseguia algum peixinho dos enjeitados pra Vó Tita fazer um pirão. Ele disse que, se ajudasse a arrastar as jangadas até a areia seca, o pescador dava.

Um amigo dele sempre fazia isso; então fomos nos aproximando pé ante pé, bem devagar. Um pescador nos olhou com cara de poucos amigos. Ralhou com Dedé porque tinha me levado até lá: “

— Leva a tua irmã pra casa, menino! Aqui não é lugar pra meninas; cheio de machos falando o que ela não pode ouvir!

Todos os adultos sempre tinham essa conversa de que não era bom uma menina ficar no meio de homens, mas nós teimamos e ficamos lá assim mesmo. Aí vi os pescadores puxando com tanta força as jangadas que as veias do pescoço só faltavam arrebentar. Eram homens musculosos de tanto botar força todos os dias para colocar a jangada no mar e tirá-la depois da pescaria. O mestre falou que chegavam a passar três dias em alto-mar.

Eles nus da cintura pra cima, só de calças arregaçadas quase até o joelho, chapéu de náilon com abas longas pra proteger do sol e as redes de pesca nos samburás.

Dedé ajudou a puxar uma jangada. Ia colocando as toras de madeira embaixo da jangada pra rolar pra longe da água. Pelo serviço, o mestre deu um cambo com três peixes mocinhas pra ele. Nesse dia, comemos um pirão delicioso com couve e coentro que a Vó Tita tinha no canteiro do quintal.



## CAPÍTULO III — PRIMEIRO MILAGRE

Dedé era de veneta; uma hora me tratava mal e não queria minha companhia pra nada. Eu bem que tentava ir com ele até a praia soltar raia, ao Mercado São Sebastião catar laranjas, para os monturos catar latas. Ele sempre me enxotava. Dizia que lugar de menina era em casa lavando pratos. Mas um dia me chamou para uma de suas aventuras. Só podia precisar muito da minha ajuda; ele só me chama quando não conseguia agir sozinho. Dedé, Dedé...

Só senti o cutucão nas minhas costelas. Era Dedé:

— Bora lá na praia! A maré tá seca, dá pra pegar siri nas locas. O Seu Antônio pescador disse que a maré só enche lá pra uma hora. Vai o Diego, o Daniel e a irmã dele também, só que ela vai ficar se bronzeando; de noite tem tertúlia na casa do Tadeu. Bora, te levanta e vamos logo antes que a Vó Tita acorde! Ela dormiu tarde por causa da tosse do Didi.

Nunca tinha visto o Dedé tão agitado; meio desconfiada, me levei bem depressa. Vesti o macacão que sempre usava para tomar banho de mar; não tinha maiô. O macacão amarelo com rosa era de malha. Até que era bonitinho!

Dedé pegou duas latas grandes de manteiga que a Dona Maria da bodega deu pra ele; disse que ia encher as duas latas de siri. Ele tinha muita fé.

Para chegar ao mar, bastava passar pela calçada da Katu do Brasil, descer um morro de areia e pronto, lá estava o mundo de água salgada. De cima do morro, dava para avistar bem ao longe os mastros dos navios lá do Mucuripe. Olhando aquele mundo de água azulada que até dava um frio na barriga só de olhar, lembrei de um texto que a professora escreveu na lousa pra gente copiar no caderno: “Ansio-

samente queremos ver a grandiosidade da natureza, esperando por momentos importantes nas nossas vidas. E quando nos deparamos com algo como o mar, sentimo-nos tão pequenos que temos que pedir ajuda. Vamos fazer o inverso, procurar descobrir nas coisas pequenas o que elas podem nos apresentar de belo, e, com isso, estaremos melhor preparados para enfrentar algo maior". Eu decorei esse texto, de tanto ler, ler e ler para responder à interpretação dele na prova.

Fomos chegando perto, e vi as pedras enormes que estavam descobertas cheias de algas escorregadias e laguinhos sobre elas, reluzindo com os raios do sol. As ondas estavam muito longe. Eu sempre ficava encantada com aquele mundo encantado das sereias e príncipes marinhos. Se pudesse, moraria em cima daquelas lajes e pedras com lagoinhas entre elas e em cima. Por que o mundo era tão lindo e eu tinha que morar numa casa tão feia, toda caindo aos pedaços? Eu não entendia Deus. Será que eu era tão pecadora que não merecesse uma vida boa? Será que aquelas pessoas que tinham casa bonita, comida boa todos os dias e uma cama macia para dormir eram melhores do que a vó Tita, minha mãe desdentada?

Uma revolta já começava a crescer em mim, quando Dedé interrompeu os meus devaneios:

— Bora, tamborete de forró, pegar siri e encher essas latas!

E começamos a procurar siris nas locas. Mas eles eram muito rápidos. Apareciam com os olhinhos piscando, mexendo as patinhas e logo sumiam entre as frestas das pedras. Precisava ser muito rápido pra pegar aqueles bichinhos deliciosos.

Dedé viu um grandão; ficou quieto e fez "shiii" pra eu não fazer barulho. O bicho colocou primeiro as anteninhas pra fora da loca. Depois sumiu rápido. Depois colocou as antenas e uma das patonas. Acho que só a pata dele dava pra Vó fazer uma moqueca. Aí começou a luta. Dedé agarrou a pata dele e puxou. O bicho fincou a outra patona no dedo dele, que soltou um berro de dor, mas conseguiu pegar o siri gigante. O bicho se debatia agarrado no dedão do Dedé; eu segurando a lata e tremendo de medo do bichão. Depois de muito lutar, finalmente, conseguimos colocar o siri dentro da lata. O dedo do pobre do meu irmão ficou vermelho; ele chupando o dedo, gemendo de dor. O bicho ainda ficou se remexendo muito dentro da lata, fazendo barulho arranhando, numa tentativa desesperada de sair. Coitadinha,

devia ser a mãe de uma penca de filhotinhos. Deu vontade de soltar a pobre da Dona Siri, mas se eu fizesse isso, Dedé ia me arrancar os cabelos. A Siri não desistia e se debatia, tanto, numa zanga sem fim. Acho que é daí que vem o ditado quando uma pessoa está muito zangada: “Que nem siri dendarlata”. Dedé colocou logo a tampa com um buraco no meio que ele tinha feito para poder entrar ar. Diziam que se o siri morresse, não prestava pra comer.

Diego e Daniel gritavam animados toda vez que pegavam um.

Eu não estava conseguindo pegar nada. E depois que vi o Dedé gritando de dor, entreguei as latas para ele. Dedé ficou furioso comigo e gritou:

— Tu não vai ganhar nenhuma pata, viu, sua covarde!

Saí logo de perto dele e fui me sentar em uma pedra mais adiante; vi que havia umas lagoinhas muito boas para tomar banho. Até que vi muitos olhinhos de siris aparecendo e desaparecendo entre as pedras, mas preferi manter o meu irmão distante de mim; ele só brigava, brigava, brigava. Enfim, descobri por que ele me chamou; queria que eu segurasse as latas pra poder ele colocar os siris dentro.

Cansada de tanto subir e descer de pedras atrás de ver siris, sentei no alto de uma das maiores. A faixa de areia ficava a uns cinqüenta metros da pedra onde eu estava. Fiquei olhando as moças deitadas ao sol, se bronzeando. Tinham corpos bem feitos. Será que eu ia ficar bonita como elas? Tinham peitos grandes. Olhei para os meus. Nem sinal. Elas passavam óleo no corpo para ficarem bem morenas, com as marcas do biquíni. De noite, iam exibir o bronzeado, paquerar nas quermesses ou nas tertúlias, dançar música lenta do Michael Jackson, Beatles. Rocknroll lullaby. Ben, Happy e outras internacionais que faziam muito sucesso.

Dedé gostava de ficar imitando os casais dançando coladinhos. Se remexia como uma serpente e fazia de conta que estava beijando uma moça invisível. Mas nunca dançou com ninguém; o Daniel falou que ele ficava só na janela olhando; não tinha coragem de chamar as mocinhas pra dançar. Também, nem roupa tinha. Ele contava como era a sala da tertúlia. Uma lâmpada coberta com papel seda azul deixava a sala da casa meio escura. Aí os rapazes e as moças dançavam tão colados que “não passava nem mosquito”. A Vó Tita ralhava com ele pra não ficar fazendo aquilo na minha frente,

que era imoral. Ele rolava no chão de tanto rir. Dedé também falava das quermesses. Das barcas que iam bem alto, da roda gigante, das cadeiras gira-gira... e do tiro ao alvo. Diego falava também os recados do coração. Os rapazes pagavam para o locutor oferecer músicas para as paqueras no alto-falante:

— Essa linda página musical Reginaldo oferece para Liduína!  
E colocava uma música do Fernando Mendes:

— Uma tarde tão linda de sol, ela me apareceu, um sorriso tão triste e um olhar tão profundo, já sofreu...

O Dedé imitava o locutor e o cantor. A gente se divertia enquanto o baião-de-dois secava. Só tinha quermesse perto da igreja quando tinha festa de padroeira. Lá na Francisco Sá. A Vó nunca me deixava ir; dizia que tinha muito homem enxerido lá.

Eu sonhava um dia poder ir para uma Tertúlia, mas ainda era muito pequena.

Perdida nos meus devaneios de pré-adolescente, acabei esquecendo do Dedé. Ficou ele lá longe catando siri, e eu ali tomando banho nas lagoinhas, catando conchinhas, brincando com os peixinhos coloridos. Depois de um bom tempo, ouvi a voz do Dedé me chamando:

— Bora, a maré tá enchendo!

Eu não entendi. Continuei tomando banho. Depois de um tempo ouvindo os gritos do meu irmão e dos outros meninos, senti uma onda mais forte já quase me cobrindo. Então subi na pedra mais alta. Foi aí que vi; a pedra estava cercada de água. As outras pedras cobertas pelas águas do mar.

Longe das areias e o marzão invadindo tudo. Lá na faixa de areia, Dedé e mais uma porção de gente gritando e acenando pra mim. Pelo visto, ninguém tinha coragem de ir me pegar. A maré já tinha tomado tudo. Só restava aquela pedra mais alta, e eu em cima dela, sabendo que o meu fim havia chegado. Nunca iria pra tertúlia e nem pra quermesse.

Eu sabia que as ondas iam me levar mais cedo ou mais tarde. A água subindo na pedrona e eu gritando:

— Dedé, vem me pegar!

Mas ele e o povo só gritavam, como se seus gritos pudessesem me puxar pra areia. Então, no meio daquele desespero, pensei na minha

mãe e na minha vozinha chorando perto do meu caixão, se é que ia ter corpo, porque eu sempre ouvia falar que quando alguém se afogava no mar, as ondas levavam o corpo lá pro fundão e era devorado por uma baleia.

Então me lembrei do Pinóquio e seu avô, que foram engolidos pelo enorme bicho. E as ondas aumentando. Não via saída; era só esperar a pedra ser coberta e eu morrer afogada naquele marzão azul de água salgada. Me lembrei do texto novamente, mas só da parte que fala do medo que o mar nos faz sentir... Aí, diante do irremediável, me veio uma esperança: talvez a história da cidade Atlântida existisse, então encontraria um príncipe peixe, me casava e voltava numa carruagem coberta de esmeraldas para ajudar minha mãe. Mas, caindo logo na real, pensei em enfrentar as ondas e tentar chegar até as areias nadando, mas lembrei do tanto de pedras cheias de corais e desisti. Ia morrer mesmo assim, de tanto me bater nelas. E a água subindo, ondas quebrando já bem perto de mim. Foi então que me lembrei mais ainda da minha Vó Tita, que sempre dizia: "Meu povo, vamos ter fé! Deus sempre age na hora certa!"

Lembrei de um dia em que o Dedé estava revoltado por não ter um Kichute pra jogar bola na quadra do Sales Campos e viva cheio de calos e tamos arrancados dos pés. Ele chorava, reclamando, e a Vó chegou perto dele, acariciou seu pixaim e falou com a sua voz imposta, vinda das profundezas da sua alma:

— Jamais se desespere em meio às mais sombrias aflições da sua vida, pois das mais negras pedras, cai a água límpida e fecunda!

Depois de relembrar essas palavras de minha vozinha querida, as lágrimas não me deixaram mais ver nada ao meu redor. Com os olhos fechados, comecei a rezar as orações que minha Vó Tita obrigava Dedé e eu a acompanhar com ela toda noite, no terço, e que tanto me chateava; eu não gostava de rezar, revoltada com a pobreza que era a nossa vida. Na igreja, eu ficava emburrada quando o padre Augusto começava com os sermões sobre humildade:

— É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu!

Então olhava para a minha mãe, para a minha avó, pensava no tamanho da miséria em que a gente vivia, olhava para as outras mu-

lheres com seus vestidos chiques, com seus cabelos lisos e brilhantes, enfeitados, para as outras meninas de vestidos bonitos, sapatos novos, meias rosa enfeitadas com bicos e rendas, cabelos bem penteados e brilhosos, enfeitados com laços de fitas de seda ou marias-chiquinhas caras, e eu sempre com a roupas surradas, de tamanhos maiores ou menores do que o meu corpo, sempre doadas por alguém que não as queria mais; então eu pensava que aquelas pessoas que se mostravam tanto não iam entrar no Céu, mas nem estavam se importando com isso, afinal iam colocar cédulas de dez cruzeiros na cestinha de coleta, enquanto a minha mãe só colocaria uma moeda.

Estava me preparando para colocar em Deus toda a culpa pela pobreza da minha família, quando senti uma pancada nas costas; uma onda gigantesca me atingiu em cheio! A partir daquele momento, fui sendo rebocada pela enorme onda, sem saber para onde estava sendo levada, porque não conseguia enxergar nada no meio daquele aguaceiro sem fim. Só sabia que estava viva, porque pensava, pensava e pensava que eu nunca realizaria nenhum dos meus sonhos; a casa bonita, a cama macia, a mochila nova, o caderno de arame com dez matérias... e a onda me levando. Pensei também na minha mãe chorando. No Dedé e na minha pobre Vó Tita, que sempre tinha tanto cuidado comigo. E a onda me jogando pra lá e pra cá; eu continuei com os olhos fechados. Senti uma suavidade, uma leveza, nada de pancadas, como se estivesse flutuando; então, de repente, senti meu corpo na areia. Permaneci com os olhos fechados, com medo de estar morta dentro de uma cova no cemitério São João Batista; ouvi vozes ao meu redor: "Será que ela está morta?"

Então, senti uma cabeça encostando em minha barriga. Quando abri os olhos, vi o povo ao meu redor; pensei que tinha morrido mesmo, porque vi um menino moreno tão bonito, cabelos tão lisinhos que não se assanhavam com o vento da praia; parecia um anjo de verdade. Acho que foi a primeira vez que conheci o amor. Olhando para aquele menino, não senti dor nenhuma, embora tivesse arranhões nos braços e nas pernas; o povo ao meu redor, e eu só via ele.

Uma senhora olhou se eu tinha algum galo na cabeça, outra me deu água, mas eu só conseguia enxergar o menino. Quando eu desviei a vista para o meu irmão, o menino sumiu. Só ouvi o Dedé me chamando de "lesada".

Pedi ao Dedé que não contasse nada daquilo em casa, senão eu nunca mais iria à praia. Ele falou com os amigos e com a irmã bronzeada deles e assim minha mãe e a Vó Tita nunca souberam dessa história.

Quando chegamos a casa, a Vó Tita estava que nem “siri na lata”, de tanta preocupação, mas quando viu as latas cheias daqueles bichos zangados, se mexendo, querendo fugir para o mar ou para qualquer lugar — sim, eles pareciam pressentir o próprio destino: a panela com água fervente, que era sempre o destino deles quando eram fisgados — a vó Tita colocou as mãos na cintura, remexeu as cadeiras e esqueceu de ralhar com a gente; tratou logo de colocar uma panela com água para ferver. Depois foi só saborear as cascas cheias de laminha com farinha. As patonas, a Vó Tita desfiou pra fazer uma moqueca no domingo, quando a mãe estivesse em casa. O Dedé colocou o indicador na boca: “Shiiii!” O Didi imitou: “Shiiii!”



## CAPÍTULO IV — ESTE MENINO NÃO QUER NADA!

A professora do Dedé vivia chamando a mãe lá pra reclamar dele. Ela dizia que o Dedé não queria nada, que ele precisava de reforço. A mãe mal sabia ler e nunca tinha tempo. A Vó Tita era analfabeta e não tinha dinheiro para pagar alguém para ensinar os deveres de casa a ele. Eu já tinha passado para o terceiro ano forte, e ele continuava no primeiro ano fraco. Quando eu me oferecia para ensinar o dever de casa dele, não aceitava. Dizia que eu não sabia nem pra mim... aí deixava o caderno de lado e saía pra catar coisas nos monturos pra vender pro Tadeu do ferro velho. Ganhava assim uns trocados, que dava para a Vó comprar açúcar e fazer os dindins de Ki-Suco pra vender na praia dia de domingo. A Vó Tita chorava baixinho, de noite... Sonhava com um futuro melhor para nós, mas não via o Dedé se interessando. Tinha medo de que ele acabasse como o pai... Dedé era muito esperto com os números. Sabia fazer contas de cabeça. ninguém enrolava ele. O Tadeu tentava às vezes, de brincadeira, dar menos dinheiro quando comprava as coisas dele, mas não conseguia. Aí o Tadeu dava gargalhadas e elogiava o Dedé:

— Eita caboco inteligente! Ninguém engana esse muleque!

Mas nas leituras ele só se dava mal. Não tirava nota boa em nada. Nem mesmo na Matemática, porque sempre tinha que ler os enunciados para resolver as questões, e a professora não ligava pra ele.

Dedé uma vez disse que a professora o chamou de burro, que ele nunca ia ser nada na vida. Que, além de ser negro, ainda era tapado feito um jumento. Apesar de brigarmos muito porque o Dedé exigia o dinheiro que ganhava, eu tinha muita pena dele porque na escola ele sofria muito. Ninguém o respeitava. Só vivia de castigo, porque não acertava a lição. Ficava sem brincar no recreio, e os outros alunos tirando sarro da cara dele. Um dia vi meu irmão chorando, limpando o rosto com uma ponta da camisa. Cheguei pertinho dele... aí ele logo fingiu que estava dando risada, tentando mostrar que era forte. Mas eu sabia que ele sofria muito por não conseguir se sair bem na escola. Mas ninguém ajudava o meu irmão. Nem a professora! E eu pensava que as professoras eram pessoas boas, que se preocupavam com os alunos mais fracos. Mas muitas delas só humilhavam os alunos que não conseguiam aprender. No terceiro ano forte, a professora era a Dona Salete. Tinha uns 40 anos. Baixinha, dos braços e pernas roliços, sempre de saia justa azul e blusa de voal branca, cabelos presos em coque, rosto redondo, sempre muito séria e carrancuda. Todo dia passava 10 questões na lousa pra gente copiar e resolver. Aí ela saía para conversar com a Diretora, a Dona Margarida. Voltava meia hora depois para corrigir o dever. Quem não tivesse feito ficava sem recreio. Eu ensinava o dever pra todo mundo que tinha dificuldade, aí me davam um pedaço da merenda deles.

Um dia, perto do final do terceiro ano forte, Dona Margarida lançou um desafio pra minha turma. Até estava um pouco sorridente nesse dia. Ficou em pé, atrás do birô, e falou com sua voz que me dava palpitação:

— Meninada do meu Brasil varonil, tenho uma surpresa pra vocês. Quem tirar as melhores notas nas provas finais vai ganhar um presente!

Era o mês de agosto, depois das férias. As provas finais seriam em novembro. Só havia prova semestral. Acho que era para economizar papel. Dona Salete foi até o armário e de lá tirou uma bola dentede-leite e uma boneca. Mas não era uma Maria-Chupa-Bico, como as

que a gente ganhava no Natal que a Dona Rita dava pra gente, quando o governo mandava para ela distribuir. Todo Natal tinha umas coisas pra criançada do Pirambu. Um dia, caíram uns pequenos paraquedas com brinquedinhos pendurados neles. Eram bonecos dos jogadores da Copa do Mundo de 74. A molecada saiu feito doidos por cima dos telhados pra pegar os brinquedos. Os mais espertos conseguiram pegar vários, e outros não pegaram nada.

A boneca que Dona Salete apresentou era uma linda boneca loirinha, daquelas que fechavam os olhos e choravam. O vestido dela era todo floridinho, de mangas fofas e saia rodada. Estava calçada com uns sapatinhos pretos... A boneca dos meus sonhos! Depois de exibir os brinquedos, sentou-se e começou a explicar sobre o concurso:

— O menino que tirar as notas mais altas vai ganhar a bola, e a menina, a boneca!

A turma ficou em silêncio, e acho que o único barulho que todos ouviam na sala era produzido pelas batidas do meu coração, que pareciam o som do bumbo do Reisado.

Eu passei a estudar loucamente, é claro. Só não tinha livros. Copiava todos os apontamentos e questionários que a professora Salete passava na lousa. Só vivia perturbando a mãe para comprar caderno. Ela comprava aqueles pequenos, e só davam pra uma semana. O meu sonho era um dia ganhar um caderno de matérias. Mas eram caros. A mãe dizia que, quando eu passasse pra quinta série, ela comprava. Eu ficava sonhando com esse dia. Sonhava também com uma bolsa pra levar minhas coisas pra escola. Eu carregava as coisas da escola em um saco de bolacha.

As coisas não iam nada bem pro nosso lado na Escola As Pioneiras Sociais. Apesar de ser muito mais barata a taxa do que no Sales Campos, a mãe não conseguia pagar. Já estava devendo 3 meses... Sexta-feira, a Dona Margarida chegou na sala de aula pra ler o nome de cada aluno que estava devendo:

— Antônio, devendo mensalidade! Francisco, devendo duas mensalidades. Daniela, devendo três mensalidades. Segunda-feira só entram se trouxerem o dinheiro.

O meu mundo caiu. Ela entregou um papel com o valor que eu tinha que levar e o outro para o Dedé. Eu tinha certeza de que a mãe não ia ter.

Na hora da saída da aula, Dedé me mostrou o papel da cobrança dele para que eu lesse:

— O que é que tá dizendo aí?

Até estranhei. Meu irmão mais velho não era muito de conversar comigo, muito menos pedir para eu ler alguma coisa pra ele. Mas o pobre estava muito aflito. Até meio contente e orgulhosa, porque finalmente o bonzão de tudo estava me pedindo alguma coisa e meu estudo começava a ser valorizado, enchi o peito de ar num suspiro vitorioso e li o documento em voz alta: “Senhora dona Rosa: boa tarde! Lamento informar que a senhora está devendo três mensalidades da nossa taxa escolar. Preciso lembrar-lhe que precisamos cumprir com nossos compromissos e esperamos, urgentemente, que essas mensalidades sejam efetivadas. São três mensalidades, mas se a senhora pagar pelo menos uma delas, seu filho poderá assistir aulas segunda-feira.

Sem mais para o momento, agradece. A Direção”.

Terminada a leitura, ficamos os dois em silêncio, com cara de quem tinha acabado de tomar uma colherada de sulfato ferroso. Dedé se sentou na calçada, debaixo do pé de castanhola. Limpou o rosto suado com uma das pontas da camisa encardida. Eu permaneci em pé com o meu saco de materiais escolares insignificantes, mas importantes para mim, em posição de executiva. Tinha acabado de demonstrar a minha melhor habilidade: ler. Dedé me olhou como que pedindo socorro. Os olhos estavam vermelhos, os lábios ressecados, o rosto pálido...

— E agora, Dadá? A mãe não vai ter como pagar. Eu não vou pra escola segunda, tu vai?”

Sentei perto dele na calçada, coloquei a mão em seu ombro. Eu também sabia que a mãe não tinha dinheiro pra pagar a escola. Mas eu não poderia deixar de ir pra aula de jeito nenhum! Queria muito ganhar a boneca loira que abre e fecha os olhos! Meu sonho! Quase chorando, falei:

— Acho que não vou entregar esse papel pra mãe não... Ela vai chorar. Será que a Vó Tita tem dinheiro? Ela sempre junta, esconde naquela lata de leite, lá em cima do armário. E se a gente pegar o dinheiro e pagar a escola sem ela saber?

Dedé coçou a cabeça:

O dinheiro da vó é pra comprar o açúcar dos dindins. Quando ela procurar e não achar, vai dar uma surra na gente.

Chorando, eu falei:

— Prefiro levar mil chineladas do que faltar aula. Não posso perder as matérias, Dedé! Não posso!! Como é que eu vou estudar para as provas? Preciso tirar 10 em tudo pra poder ganhar a boneca!

Dedé ficou com pena de mim, pela primeira vez na vida. Ele nunca tinha demonstrado qualquer sentimento. Me achava muito besta por saber ler e escrever. Aí sempre procurava me humilhar mostrando seus maços de carteiras de cigarro, que ganhava no jogo de buracos, as latas cheias de bolas e as moedas que ganhava vendendo bolsas, carteiras e coisas que juntava nos monturos. Mas não juntava nada. Dava sempre pra mãe pagar a passagem ou pra comprar alguma coisa pra casa. Leite para o pobre do Didi, que vivia doente. E também comprava merenda pra ele. Sempre chegava em casa com meio pão passado pra me fazer inveja:

— Olha, abestada! Nem te dou. Viu como posso ser rico sem precisar de estudar? Tu, toda sabichona, se mostrando porque tira primeiro lugar na sala, mas não tem um tostão!

Eu ficava só olhando com inveja. Pedia um pedacinho pra provar, mas ele só dava pro Didi. A vó intercedia por mim, mas ele não atendia.

Mas, diante da minha aflição naquele momento, passou a mão meio desajeitado na minha cabeça e falou com os olhos marejados e a voz trêmula:

— Vou pedir um dinheiro pro Tadeu. Quanto é?

— Acho que é 12 cruzeiros teu e 12 meu. Só uma mensalidade. Ao todo dá...

Dedé respondeu rapidamente:

— 24 cruzeiros! Ele não vai dar, não. E a Vó Tita também não tem esse dinheiro todo na latinha dela não... Estamos perdidos. Eu não vou pra escola segunda e nem vamos mostrar esses papéis pra mãe e nem pra Vó Tita, tá decidido!

Assim ficou acertado. Não falamos nada para nenhuma das duas.

Chegou segunda-feira. Dedé saiu logo antes da hora de ir pra aula. Eu decidi ir mesmo assim pra escola. Fui. Cheguei cedo, antes

de a diretora chegar. Fui direto pra sala de aula. Lá era assim. Os alunos entravam na sala antes da professora. Quando ela chegava, todo mundo se levantava e cantava:

— Entramos na nossa escola, cantamos com alegria, saudando a professora, boa tarde, boa tarde!

Depois, todo mundo ia pro pátio em fila, pra cantar os Hinos Nacional, do Ceará e de Fortaleza. Depois, começava a aula. Nesse dia, eu agradeci a Deus por ser tão pequena para a minha idade. Eu era sempre a última da fila, que era sempre formada do maior para o menor. Assim a Dona Margarida não me viu, porque, além de ser a menor, ainda fiquei me abaixando enquanto todos cantavam os hinos. Alguns alunos, para fazer graça, trocavam a letra do primeiro verso do Hino Nacional: “Ouviram dos calango lá de casa...”. Dona Margarida dava logo um berro daqueles de deixar a gente com dor nos ouvidos e saía procurando os engraçadinhos pra deixar sem recreio. Mas ninguém entregava, porque tinha medo de sofrer represálias por parte dos engraçadinhos na hora do recreio. Eu tremendo de medo de que a Diretora me descobrisse e mandasse embora da aula. Assim eu fui levando. Mas, passados uns quinze dias, Dona Margarida chegou na porta da sala de aula:

— Com licença, professora. Preciso falar com a turma.

Ao ouvir aquela voz estridente, fui me abaixando... abaixando... abaixando, até ficar quase debaixo da carteira. Para minha sorte, ela não estava ali para fazer cobrança, e nem entrou na sala. Falou da porta mesmo:

— Da próxima vez que algum engraçadinho trocar a letra do nosso glorioso Hino Nacional Brasileiro, todos os alunos ficarão uma semana sem recreio! Eu não vou mais admitir tamanho desrespeito! Imagina se vier alguma autoridade militar ouvir vocês cantando? Que vergonha vamos passar!

Como se alguma autoridade se dignasse a visitar qualquer escola. As autoridades estavam mais preocupadas em perseguir os subversivos. O Seu Ananias que falava...

Dona Margarida foi embora, e eu me levantei para continuar copiando o dever de casa.

Era domingo. A mãe estava lavando as nossas redes mijadas, acocorada no quintal. Não tinha tanque. Ela ensaboava as roupas

numa bacia. Eu estava em cima da goiabeira do quintal tentando pegar uma goiaba ainda esverdeada. Já era meio-dia e nada de almoço. Cedinho a gente tinha comido farinha com café preto. No quintal tinha também um pé de seriguela. A gente comia as frutas ainda verdes e muitas vezes também as folhas para aliviar a fome. Tinha também muitas bananeiras. Quando tinha bananas, a Vó Tita cozinhava ainda verdes dentro do feijão, ou temperadas como se fosse carne. Até que era bom. Mas o dono verdadeiro da casa sempre ia pegar a maioria dos cachos de banana para vender. Deixava só um ou dois cachos pra gente.

Bateram palmas na porta. A Vó Tita anunciou:

— É a diretora da escola!

A mãe se levantou da posição de cócoras, como se tivesse ouvido um disparo de arma de fogo: de um salto. Passou alguns segundos paralisada, como que esperando o sangue voltar a circular nas veias. Na verdade, já sabia do que se tratava. Como não tinha pago as mensalidades da caixa escolar... Enxugou as mãos na toalha encardida e poída que estava no varal, tentou desamassar o vestido desbotado e molhado, ajeitou um pouco os cabelos e foi atender. Solicita, como se deve ser com uma diretora de escola que visita a casa de alunos em pleno domingo, a mãe falou com a voz embargada pela surpresa nada esperada:

— Entre, Dona Margarida!"

A mulher continuou à soleira da porta. Olhou pra minha mãe com cara de piedade, depois subiu a vista para o telhado da casa, como que analisando a possibilidade de uma das telhas soltas despencar na sua cabeça como castigo divino por estar ali a ponto de cometer uma maldade. Ou talvez estivesse analisando como seria a situação daquele família em dias de chuva, com panelas e baldes espalhados pelo minúsculo compartimento, aparando as goteiras... Depois mirou o chão esburacado como se olhasse para um abismo em que pudesse cair, caso entrasse... Suspirou e recusou o convite:

— Estou bem aqui. Só vim falar pra senhora que não mande seus filhos para a escola sem pagar pelo menos uma das mensalidades, como informei no bilhete. A senhora está devendo 3 mensalidades da Daniela e 3 do José Maurício".

A mãe ficou olhando para a diretora sem entender. Passou as mãos no rosto suado, mexeu nos cabelos e perguntou:

— Que bilhete?

A Diretora olhou para dentro da casa para ver se via Dedé e eu. Dedé, eu não sei onde estava. Talvez jogando bola no areal, ou vendendo dindim na praia. Ele sempre fazia isso dia de domingo. Chegava pelas 4 da tarde, exibindo as moedas. Eu estava escondida atrás de uma touceira de bananeiras, só escutando a conversa. As pernas eu não sentia mais. Escorreguei pelo caule de uma bananeira e me sentei na areia molhada. Ia ser surra de corda, dessa vez. A mãe não gostava muito de açoitar a gente. Preferia colocar de castigo de joelhos, rezando o terço. Era mais o Dedé quando recebia o boletim cheio de Regular e Insuficiente. Recebia Bom só em Educação Artística, Educação Física e Religião. Até no comportamento recebia Regular, porque a professora tinha marcação com o coitado. Os outros alunos, aproveitando-se disso, faziam bagunça na sala e colocavam sempre a culpa no “Lombriga”. Ou “Neguim”. Dedé tentava se defender, mas professora não dava chance:

— Tu é o único que não quer nada aqui! Só vem pra aula bagunçar. Não aprende nada, porque não presta atenção! Fica o tempo todo arengando como os colegas. Devia era se dedicar a estudar para aprender a ler!

A turma caía nas gargalhadas. Dedé abaixava a cabeça e não levantava mais durante todo o resto da aula. Isso, segundo dizia ela pra Vó Tita, acontecia quase todos os dias. Quem ia para as reuniões era sempre a Vó Tita. As reuniões aconteciam uma vez por semestre e eram sempre dia de sexta-feira. A mãe nunca foi, porque estava sempre trabalhando. Depois da reunião, a Vó sempre chegava muito chateada em casa, de tanta reclamação do Dedé. A professora já anuncava que ele não ia passar de ano. Isso aconteceu em quatro semestres: 2 anos. Dedé nunca passou de ano.

Dona Margarida ficou mesmo do lado de fora explicando para a mãe que não dava mais para sustentar a situação. Que, nos outros anos, ela tinha perdoado muitas mensalidades e que a Escola estava com muitas dívidas, que não era só a mãe que devia. Então determinou que Dedé e eu só poderíamos voltar para a escola quando a mãe conseguisse pagar pelo menos uma mensalidade de cada um, que não adiantaria eu ir sem o dinheiro porque ela estaria no portão para não deixar nenhum inadimplente entrar.

Eu ouvindo tudo e o coração disparado, as lágrimas escorrendo, soluçando. Sabia que não ia poder estudar mais. E a boneca? Não ia mais poder ganhar a minha boneca loira de olhos que abrem e fecham. Eu não sabia o que era INADIMPLENTE, mas coisa boa não podia ser, porque a diretora falou com tanta força isso. Eu nunca imaginei que uma diretora falasse palavrões. Depois desse dia, quando eu queria arengar com o Dedé, chamava ele de “inadimplente”. Ele sempre me ameaçava de dar um coque, mas não fazia isso porque a Vó Tita olhava pra ele com cara de chinelada.

Terminada a conversa nada animadora com a diretora, a mãe me chamou e perguntou:

— Cadê o bilhete da diretora? Por que vocês não me entregaram? Achou bom eu passar esse vexame?

Eu de cabeça baixa, soluçando. Não estava com medo do castigo, de rezar o terço, ajoelhada. Estava apavorada com a ideia de não voltar mais para a escola. Eu peguei o meu saco da escola e entreguei o meu bilhete. Dedé rasgou o dele. Quando chegou da praia, ficou sabbendo da visita da diretora. Dessa vez não teve castigo. Dedé entregou todas as moedas da venda dos dindins pra ela.

A mãe foi falar com Dona Sara assim que chegou para trabalhar na segunda-feira. Ela saía de casa às 4 da manhã para poder chegar na Aldeota às 6 horas. Pegava o ônibus Tyrol para a Praça José de Alencar e lá pegava o Aldeota. Às 7 horas, tinha que colocar a mesa do café da manhã dos patrões, que saíam para o trabalho às 8 horas. Larissa e Otávio estudavam à tarde no Colégio 7 de Setembro, o melhor colégio de Fortaleza! A mãe falava que, nem se ela juntasse o dinheiro de 10 anos de trabalho dela, não dava pra pagar uma mensalidade daquele colégio.

Depois que tirou a mesa do café, a mãe criou coragem e foi conversar com a patroa:

— Dona Sara... eu preciso pedir uma coisa...

A mãe sabia que era muito difícil conseguir o dinheiro com aquela mulher do coração de pedra. A mulher, que já estava toda arrumada para sair, encarou a empregada de cima do salto:

— Fala, Rosa, o que é desta vez? Outra dor de dente? Já sabe, posto de saúde!

A mãe criou coragem e falou depressa, sem dar tempo de ela falar outra vez:

— Eu preciso de 100 cruzeiros pra pagar as mensalidades atrasadas dos meus filhos, senão eles vão ficar sem estudar..."

E desatou a chorar.

A patroa respirou fundo, como se a empregada tivesse falado um monte de desaforos com ela. Colocou as duas mãos na cintura, bateu o pé no chão e soltou o seu veneno:

— Tu tem certeza que está me pedindo 100 cruzeiros, Rosa? Tu enlouqueceu? Como é que tu vai me pagar? O que tu ganha aqui não dá nem pra tu dar de comer para os teus filhos, teu sobrinho e tua mãe. Eu já faço é o favor de te aguentar aqui, porque nem faz as coisas direito! Lava as roupas mal lavadas, engoma muito mal, não sabe cozinar e o jardim vive cheio de folhas pelo chão, minhas plantas morrendo. E ainda quer dinheiro emprestado? Só rindo mesmo.

Minha mãe tentou insistir, mas a mulher foi enfática:

— Não, não e não! Ponto final.

A mãe foi chorando para a cozinha. Quando chegou lá, encontrou o marido da Dona Sara: Durval. O homem olhou pra ela. Tinha ouvido toda a conversa. Sem falar uma palavra, pegou a carteira, tirou algumas notas e colocou na mão da minha mãe:

— Não fale nada pra Sara, viu? Pague a escola dos seus filhos e, quando eles começarem a trabalhar, você me paga.

O homem saiu da cozinha e foi ligar o carro para ir para o trabalho com a esposa Sara. Minha mãe não conseguia acreditar no que estava vendo. Os 100 cruzeiros de que ela precisava! Assim, as mensalidades foram pagas e Dedé e eu pudemos voltar pra escola.

Enfim tive paz para estudar pra valer todos os apontamentos e questionários que a professora Salete passou. O que eu mais gostava de estudar era sobre os pontos turísticos de Fortaleza. Eu nem sabia o que era ponto turístico, mas os nomes das praças e monumentos históricos eu sabia de cor. A Praça do Ferreira era a praça do relógio, no centro de Fortaleza. Também o grande Hotel Savanah e as lojas mais importantes: o Roncy, a Mesbla, a Samasa, a Lobras... A Praça José de Alencar, com o monumento ao famoso escritor José de Alencar, que escreveu *Iracema*, a virgem dos lábios de mel! Assim falava a Professora Salete nas aulas de História. Tinha também, em sua homen-

gem, o grande Theatro José de Alencar... Como eu tinha vontade de ir conhecer as praças e entrar nas lojas... Comprar uma roupa, um sapato...um caderno de 10 matérias! Uma caixa de lápis grande com 12 cores. Eu tinha uma pequena de 6 cores. Tinha muito cuidado pra não quebrar as pontas. Pintava tudo bem clarinho... Foi a professora Salete quem me deu no Dia das Crianças, porque eu ganhei o concurso de declamação de poesias. “Batatinha quando nasce, se esparrama pelo chão! Mamãezinha quando dorme, põe a mão no coração!” Eu só ganhei mesmo porque ninguém mais teve coragem de declamar. Ela insistiu muito para a Cybele declamar, mas ela não quis. Também já tinha uma caixa de lápis de 12 cores! Eu notava o quanto a Dona Salete gostava da Cybele. Cabelos bem penteados, vestido de lacinho na cintura do vestido de saia rodada, sapato de fivela e meias rosa... sempre levava uma maçã pra Dona Salete... A mãe nunca levava a gente para o Centro. Primeiro porque só tinha folga no domingo e estava cansada. Depois porque não tinha dinheiro. Sabia que se levasse a gente pro Centro, íamos querer as coisas. Às vezes levava a gente pra missa na Igreja do Jacarecanga. Eu tinha medo da imagem de São Francisco. Parecia uma pessoa de verdade, mas não falava. As pessoas colocavam moedas numa fenda que tinha nos pés dele. Eu não entendia para que davam dinheiro pra ele. Deviam dar pra minha mãe, pra minha Vó... Elas sim precisavam. Aquela imagem não comia... Eu tinha muita vontade de tirar aquele dinheiro de dentro daquele negócio e dar tudo pra minha mãe comprar comida.

Na calçada da igreja, tinha o pipoqueiro, o palhaço vendendo pirulito, um outro homem vendendo balões coloridos. Assim que terminava a missa, a mãe e a Vó saíam bem depressa, arrastando a gente pra ir embora. E eu com água na boca, a barriga roncando, sentindo o cheirinho da pipoca. O Didi chorava, apontando para os balões e se deitava no chão esperneando, mas não tinha jeito; a mãe nunca comprava. Eu nem ousava pedir nada. O único dinheiro que a Vó Tita levava era pra colocar na coleta da igreja. Pra nós, só restava água na boca de vontade. O Dedé nunca ia pra missa. Sumia todo domingo pra vender dindim. O que eu mais achava bonito era o prédio da Marinha do Brasil. Ficava olhando, admirada, para os marinheiros que estavam sempre nas guaritas e no portão segurando uma arma. Eu não sabia o que eles faziam ali, mas achava muito bonito.

Finalmente chegou novembro, o mês das provas finais. Eu tinha tudo decorado. As provas foram muito fáceis. Eu até me admirei. Quase nada dos apontamentos longos que ela tinha passado. A prova de Português, só pra separar as sílabas, passar algumas palavras para o plural, aumentativo e diminutivo. A de Matemática, pra escrever de 5 em 5 até 100, resolver uma continha de adição e outra de subtração, escrever algarismos romanos, e outras questões muito fáceis. Claro que tirei Ótimo em todas as provas. A professora falou que a entrega dos brindes seria na quinta-feira, quando entregaria as provas. O boletim seria entregue aos responsáveis na sexta-feira. Era quarta-feira. Eu quase não dormi pensando no momento em que eu receberia a boneca. Finalmente chegou a hora de ir pra escola. O almoço, como sempre, não estava pronto. O fogão só tinha uma boca. A Vó Tita colocou um pouco do feijão ainda meio duro no prato, jogou farinha, e eu fiz uns “capitão” pra poder engolir. Meus dentes estavam doloridos, não conseguia mastigar direito. Todas as noites sentia dor de dente, mas evitava chorar alto para não perturbar a Vó. Apertava o dente com o polegar pra diminuir a dor. Eu sabia que precisava ir ao dentista, mas não tinha coragem de falar pra Vó Tita, que já tinha muito problema com o Didi... Assim a dor vinha, ia embora, o queixo ficava inchado, eu disfarçava colocando a mão pra Vó não ver, e fui levando... Os dentes quebraram e ficaram só os cacos, mas eu aguentava. Importante era estudar, tirar notas boas, embora a professora nunca me elogiasse. Meus boletins cheios de conceitos Ótimos, mas nenhum elogio...

Coloquei o meu traje de sempre. Era uma bata marrom clara com uma blusa de mangas fofas por baixo. A mãe conseguiu ganhar da filha da patroa. Não servia mais pra ela. O ano todo usei como farda. Quando entrei na sala, havia uma mesa com uma toalha e as nossas provas enroladas em formato de canudos, amarradas com tiras. As dos meninos, tiras azuis. As das meninas, tiras vermelhas ou rosa. Na ponta das tiras, o nome da gente escrito em um pedacinho de papel. Acho que era pra fazer suspense. Comida, nenhuma. Aliás, uma coisa que nunca tinha naquela escola era comida. Nem em dia de festa. Dia das Crianças, nada! A gente só cantava: “Criança feliz, que vive a cantar, alegre a embalar, seu sonho infantil! Oh meu Bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil!”. Só se fosse Ele mesmo, porque os governantes não davam nem um lápis pra gente.

A minha mãe comprava um lápis pra cada um. Eu cortava o meu no meio e fazia ponta com a gilete dos dois lados de cada pedaço; assim, transformava em quatro. Tinha o maior cuidado pra não quebrar as pontas, porque era muito ruim de fazer. Quase sempre me cortava. Aí chupava o sangue que ficava escorrendo do dedo.

Um dia depois que a gente cantou no pátio, uma menina já bem grande perguntou pra dona Margarida se ia ter bolo com refresco na nossa festa. A diretora encarou a garota como se a menina fosse um ser de outro planeta, ousando falar com ela daquela maneira. Colocou um dedo na cara dela e falou bem alto, pra que todos ouvissemos:

— Minha filhinha! Escola é lugar de estudar e não de comer. Vocês deviam dar graças a Deus por ter um lugar pra estudar! E ainda querem comer?

E encerrou o assunto com uma gargalhada:

— Agora todos pra classe pra receber as provas. Boa sorte!

Eu me sentei no lugar de sempre: entre a Silvinha e a Carol. As duas eram muito legais. A gente nunca arengava. Eu as ajudava nas tarefas. Quer dizer; elas pescavam tudo. Quando a professora chegou, como sempre todos de pé, cantando pra ela a canção de boas-vindas. Ela, muito solene como a ocasião pedia, falou:

— Bem, meus amores! Agora chegou a hora mais importante do ano. Vamos saber quem tirou nota boa nas provas. Amanhã vocês vão saber quem passou direto e quem ficou de recuperação. Quem passou fica de férias logo, e quem ficou de recuperação vai ficar estudando até o dia 30 de novembro.

O meu coração batia cada vez mais forte. Dona Salete foi chamando uma a uma as crianças. Recebiam as provas, abriam e saíam cabisbaixas. Apesar de serem muito fáceis, a maioria não conseguiu tirar notas muito altas como queriam para concorrer aos prêmios, então ficavam decepcionadas. Quando recebi as minhas provas e abri, tive a certeza de que ganharia a boneca. Todas com ótimo bem grande no canto com *Parabéns!!* Meu coração disparou mais ainda. As coleguinhas me cutucando, como que já me dando os parabéns pela conquista. Eu havia passado o semestre inteiro falando para elas do meu sonho de ganhar aquela boneca. Elas torcendo por mim. Sabiam que eu tinha muito mais chance do que qualquer menina da sala. Estudava muito. Sempre me oferecia para ler os textos, enquan-

to os demais se recusavam; e quando a Dona Salete obrigava, iam com dificuldade. Também na tabuada eu não errava.

A professora pegou os dois prêmios no armário. Primeiro chamou o Sávio. Deu-lhe os parabéns. Tinha tirado 3 ótimos e o restante bom. Todos aplaudiram quando ele recebeu a bola. Agora seria a minha vez. 6 ótimos com *Parabéns!* Eu não estava aguentando de tanta emoção. A professora ia chamar o meu nome, entregar a boneca... Dona Salete pigarreou. Quando ela pigarreava, era porque ia falar algo que não agradaria à turma, algo que iria contrariar alguém:

— Antes de entregar a boneca para a vencedora, quero fazer algumas considerações. Espero que entendam, de coração!

A professora continuou, sabendo que magoaria alguém, que seria injusta, mas isso não parecia incomodá-la. Pelo contrário, ela sentia prazer!

— Gente, nem sempre quem tira as notas mais altas é a melhor aluna...

Eu fui murchando... As mãos ficando geladas, a boca ficando seca... Ela continuou:

— Para ser a melhor aluna, tem outros aspectos que devem ser observados... a organização do material escolar, a boa apresentação da roupa ao vir para a escola, a higiene...

A partir dali eu sabia que não era eu a melhor aluna. Havia na sala muitas meninas que tinham boa mochila, cadernos grandes de arame, iam de sapato de fivela pra aula, bons vestidos... Eu havia passado o ano todo com a mesma roupa, sempre amassada, porque não tinha ferro de passar em casa e nem a Vó Tita se incomodava com isso. Já tinha muito com o que se preocupar: a saúde do Didi, as notas baixas do Dedé, a falta de dinheiro pra comprar comida e pagar as contas... Quando eu chegava da escola, jogava a roupa em cima do sofá velho, ou em cima de alguma cadeira, sem a preocupação se iria amassar. Aliás, eu não sabia se isso tinha importância. A única coisa que a mãe comprava para mim era uma chinela japonesa, e quando o cabresto quebrava, a Vó Tita colocava outro, ou colocava um arame pra aguentar mais tempo. A chinela era encardida. Eu não me preocupava em lavar, por que eu ia mesmo andar com ela na areia... Meus cabelos sempre soltos, lavados com sabão em pedra. Não tinha xampu. Penteava quando estava molhado, mas com o vento que vinha

do mar e a maresia, logo ficava muito alto, desalinhado. Eu via que as outras meninas iam sempre bem penteadas, com tiaras coloridas, marias-chiquinhas. Eu achava bonito, mas não perturbava a pobre da mãe com isso não... Eu pensava que bastava ser estudiosa, bem-comportada, não arengar com ninguém, não ficar conversando na hora das explicações... Era isso que eu sempre ouvia quando a professora falava sobre as regras da sala de aula. Tinha até um cartaz na parede e tudo! Ela nunca tinha falado essas outras coisas...

A professora fez suspense:

— Pois agora eu vou chamar a menina que, apesar de não ter tirado tudo ótimo nas provas, ficou com tudo ótimo no boletim. Ela é a mais organizada, a mais participativa, alegre...

E a professora se retorcia toda quando falava essas coisas:

— Cibele!

A menina nem acreditou que tinha sido a vencedora. As meninas do meu lado ficaram de boca aberta. Cibele era a mais exibida e esnobe da sala. Sempre muito cheirosa, bem penteada, exibindo brinquedos novos. Devia ter várias bonecas loiras. Todo mundo da sala sabia do meu esforço e desejo de ganhar aquela boneca! Ninguém aplaudiu quando a menina recebeu a boneca. Mas essa não seria a primeira e nem a última vez que eu passaria por esse tipo de injustiça...



## CAPÍTULO V — E POR FALAR EM SAUDADE...

Quando eu ouvia a música tocando na radiola dos vizinhos, “e por falar em saudade, onde anda você, onde andam seus olhos, que a gente não vê”, as lágrimas rolavam pelo meu rosto. É que eu ficava me lembrando do meu pai... Tobias, o nome dele. quando minha mãe começou a namorar com ele, tinha 16 anos; ele, 19; era mais um dos camelôs que tentavam ganhar a vida pelo centro de Fortaleza; vendia maçãs e laranjas penduradas numa vara, em pacotes de cinco, envolvidas por uma malha de nylon que ele sempre trazia quando sobrava mercadoria; Dedé e eu gostávamos de enfiar na cabeça como touca ou máscara pra fazer caretas.

Todos os dias meu pai ficava gritando pelas praças do Centro:

— Olha a maçã! Olha a laranja doce como mel! Vai querer, senhora?

E as mulheres sempre compravam quando sobrava algum dinheiro das compras; ele chegava contando sobre o seu trabalho. O que ele mais falava era que os guardas do “Rapa” não davam sossego; eram assim chamados por eles, porque rapavam tudo que eles vendiam no Centro, perseguiam sempre os pobres camelôs sem piedade, xingavam de vagabundos, malandros, bandoleiros, agrediam e tomavam as mercadorias deles.

Vi meu pai pela última vez quando tinha 8 pra 9 anos. Ele sempre chegava em casa reclamando dos guardas do Rapa. Contava como tinha se escondido dentro da loja do Roncy, da Mesbla ou Samasa para não ser preso. Seu crime: vender maçã e laranja nas praças. Coçava a cabeça e falava:

— Eu não entendo porque a gente não pode vender maçã e laranja naquelas praças do Centro; o camarada só quer ganhar o sustento dos filhos! Por que a gente é tratado como criminoso? Agora é crime trabalhar? Se tivesse roubando tá certo que prendesse... Mas vendendo, não tá certo!

Às vezes, via meu pai enxugando uma lágrima escondido, porque todos diziam que “homem que é homem não chora”. Ele tinha uns 30 anos. Não sabia ler direito, soletrava mal e mal, aprendeu a fazer o nome porque a mãe ensinou pra poder ele votar no vereador do bairro que prometeu dar a dentadura da minha mãe e colocar água encanada na casa, mas depois da eleição nunca apareceu.

Quando era mais novo tinha tentado emprego na Fábrica de tecelagem Filomeno Gomes; nessa tecelagem, eram feitas as belas redes que eram vendidas em todo o Brasil. Ficava perto da Marinha do Brasil; tudo ficava perto da Marinha. O pai nunca conseguiu emprego lá.... Só empregavam mais mulheres. Na Katu, a fábrica de beneficiar castanhas de caju, foi também procurar emprego, mas também nada conseguiu. Até falou com o Seu Assis que era motorista do carro do gás da Ceará Gás Butano, mas também nada!

Seu Assis morava vizinho. A casa era melhorzinha; as portas inteiras, piso de cimento queimado, lisinho, telhado com poucas gofeiras. Não tinha televisão, mas o fogão era novo e a geladeira tam-

bém; as filhas e o filho dormiam em cama. Era casado com dona Neide, uma mulher morena, de pernas grossas, peitos grandes sempre querendo sair de dentro do corpete; cabelos pretos lisos, bonita e muito linguaruda.

Queria ser melhor do que todo mundo na rua; só respeitava quem morava nas casas melhores, como o Seu Ananias, a Dona Maria da bodega e o Seu Elias que tinha o *Jeepe* e grades nas janelas da casa. Perto da casa do Seu Elias, tinha o melhor monturo das redondezas; era lá que era jogado o lixo da casa dele; era um monturo particular, por assim dizer.

No monturo do seu Elias a gente achava as carteiras de cigarros mais raras, de embalagem duras, as que mais tinham propaganda na televisão. “Ao sucesso”, “Gosto de levar vantagem em tudo certo”, essa propaganda era feita por um grande jogador de futebol da Seleção Brasileira. Quanto mais o cigarro era caro, mais rara e valiosa era sua carteira no ranking criado pela molecada pirambulante.

Além das carteiras de cigarro valiosas, a gente achava também latas de sardinha lacrada, latas de leite que dava para vender, brinquedos quebrados, e a gente se escondia entre as carrapateiras quando brincava de esconde-esconde à noitinha, depois de assistir Nacional Kid na casa do Seu Ananias. O seu Elias era meio nervoso. Quando via a gente no monturo particular dele, que ficava bem rente à janela do seu quarto, gritava:

— O que é que tu quer aí? Vai embora se não meto bala!

Mas tinha tanta coisa boa no monturo dele, que a gente fingia que não acreditava nas balas dele e até dava uma adrenalina; a molecada até fazia aposta pra ver quem tinha coragem de procurar coisa lá. As moedas usadas nas apostas eram carteiras de cigarro, bilas e raias.

Voltando à esposa do seu Assis da Gás Butano, ela gostava de falar palavrões bem alto para xingar as outras mulheres, porque achava que todo mundo queria roubar seu marido bem empregado. Se arrumava toda quando ia à missa. As filhas também, todas duas de vestido novo, pulseiras, relógio... eu ficava só admirando. As meninas, embora fossem arengueiras, me aceitaram como amiga.

Brincávamos muito de casinha; elas tinham fogãozinho com panelas, caminhas de madeira, copabar. Eu era sempre a empregada delas, que me davam ordens:

— Empregada, vai fazer o almoço.

Dizia Eliane, a mais velha, com uns 10 anos.

— Vai varrer a casa!

Dizia a mais nova, Aline, do alto de seus 9 anos, mais ou menos.

Eram muito maiores do que eu, por serem muito bem alimentadas.

Às vezes, quando sobrava comida do almoço ou da janta, dona Neide dava pra gente.

O marido era tão soberbo, que nem aceitava a comida da casa dele. Todos os dias uma das meninas precisava buscar a janta dele na casa da avó que morava na Tenente Lisboa; já bem perto da Marinha. Às vezes, eu também ia com elas. Era um pouco longe. A casa da avó delas era bonita. A mulher, que já era idosa, morava com a filha; nem nos convidava para entrar. A neta e eu ficávamos esperando na área, enquanto a empregada colocava a comida na marmita. Um dia eu perguntei para a Eliane porque a vó dela não deixava a gente entrar na casa, e ela contou que a vó nunca aceitou o casamento do filho com a mãe dela, então dizia que os filhos dele não eram netos dela. Diziam as más línguas que ele a tirou da vida. Eu não sabia o que isso significava, mas sempre ouvia as vizinhas contando que “fulana se fingia de santinha, mas era mulher da vida”.

Às vezes, a mulher dava refresco com bolacha pra gente. A comida era tão cheirosa; a gente sempre comia um pedacinho da mistura, mas só uma provinha mesmo que era pra ninguém notar. Seu Assis almoçava no trabalho e quando chegava não queria a comida que a esposa fazia; queria comer carne todos os dias, mas só comprava ovos, sardinha... dizia que o salário que ganhava só dava para comprar os luxos da mulher e das filhas. “Viva o luxo e morra o bucho”, assim era o ditado que as vizinhas repetiam em “coro” quando se reuniam nas calçadas debaixo do pé de castanholas para catar piolho nas filhas e falar mal da vida alheia; no caso, Dona Neide que esnobava todo mundo.

De amiga eu tinha também Darlene, filha do seu Ananias que nunca ia brincar na casa de ninguém.

O pai falava:

— Casa dos outros é terra que ninguém pisa!

Mas ele não se importava que a filha me chamassem para brincar com ela, mas só eu, porque ele dizia:

— Esta menina é quietinha, não faz barulho e nem pergunta besteira.

Darlene me deixava entrar na casa dela para brincar de fazer comidinha. Mas não me deixava pegar nas bonecas dela. Eram muito bonitas. Havia uma boneca quase do meu tamanho, uma tal de “Amiguinha”. Darlene me mostrou. Ficava em pé junto à cama dela. As outras bonecas louras de olhos azuis ficavam em cima do guarda-roupas da mãe dela. Bem novinhas! Pra pegar nelas, só se a mãe pegasse.

A gente fazia comidinha de folhas no quintal. Darlene tinha uma porção de panelinhas de barro que a mãe dela comprava no Mercado Central. Eram pequenas, lindas! Tinha também um fogãozinho de quatro bocas até grandinho, caminhas de madeira, copa-bar e uma mesinha com cadeiras. Ela arrumava tudo como se fosse uma cozinha de verdade, igual à cozinha da mãe dela. Eu não pegava em nada, pois ela não deixava. Fazia tudo e eu só ficava olhando. Só me mandava ir colher as folhas no jardim. Ela temperava as folhas como se fosse carne e colocava alho, pimenta do reino, colorau... Ficava tão cheirosa, que dava vontade de comer mesmo.

Um dia, a fome estava tão grande e o cheirinho de tempero tão parecido com o que vinha da cozinha, que não resisti à tentação... Comi um pouco das folhas temperadas. Darlene chorou de rir e saiu correndo contar para a mãe dela:

— Mãe do céu! A Senhora nem sabe o que aconteceu! A doida da Dadá comeu a comidinha de folhas!

A mulher olhou para mim com cara de piedade e falou:

— Menina, não come isso não, tu pode se envenenar!

Eu falei:

— Por que eu tô com muita fome...

Ela balançou a cabeça desaprovando a minha atitude. Como já era quase na hora do almoço, mandou eu ir embora.

Sai pela rua de areia pensando no cheiro da comida que vinha da cozinha da casa da Darlene. Cheguei em casa, o feijão ainda estava cozinhando e a barriga roncando...

Um dia o meu pai chegou muito chateado da rua. Todas as mercadorias tinham sido levadas pelo Rapa. Nesse dia não consegui se esconder em nenhuma das lojas. Entrou no Roncy, o gerente expulsou. Saiu em disparada pela Guilherme Rocha, e os guardas do

Rapa atrás dele. Chegou na General Sampaio, tentou entrar na Samasa, mas um vendedor o impediu de entrar. Continuou correndo e os guardas apitando atrás dele. Áí um dos vendedores de uma loja de móveis colocou o pé no meio pensando talvez que ele fosse um ladrão. O meu pai tropeçou no pé dele e caiu. Os guardas o pegaram e tomaram os 10 pacotes de laranja e os 5 de maçãs que ele levava. Ainda levou cacete nas costas. O guarda esbravejou:

— Da próxima vez que a gente te pegar, leva preso!

Calado estava, calado ele ficou.

Como não tinha vendido nada, no dia seguinte não ia ter dinheiro para comprar outra mercadoria. Não tinha dinheiro nem para comprar comida para nós. De cabeça baixa, começou a reclamar:

— Isso não é vida... como é que um homem pode viver desse jeito? O governo não dá chance de nada! Não tem emprego de carteira assinada e nem a gente pode se virar como camelô... eu vi as lágrimas do meu pai molhando o chão esburacado. Meu coração ficou doendo, mas nesse dia eu não tive coragem de chegar perto dele... Não ia saber o que falar.

Embora fosse um analfabeto, meu pai sabia conversar. Entendia um pouco de política. Gostava de comentar as notícias que ouvia pelo Centro. Que um cantor chamado Caetano Veloso tinha sido exilado por que falou mal do governo... quando conseguia vender bem as frutas, chegava assobiando “Asa Branca”, do Luiz Gonzaga. Áí chamava o Dedé e eu para pertinho dele. Dava um chiclete para cada um e falava:

— Vocês vão estudar pra não ter que apanhar do Rapa na Praça José de alencar, viu? O José Maurício vai pra Marinha! Vai ganhar muito dinheiro e comprar esse terreno pra fazer uma casa boa! Eu não estudei porque vivia na roça ajudando o meu pai. Nunca pude ir pra escola. O meu pai era um carrasco! Dizia que filho de pobre não tinha que sonhar, tinha mesmo era que puxar enxada!

Dedé e eu ficávamos só ouvindo sem entender nada. Ele continuava:

— Daniela vai ser Doutora advogada, arrumar um marido honesto e trabalhador pra se casar! Eu não pude me casar com a mãe de vocês, porque nunca tive emprego.

O dia em que o pai mais vendia maçã e laranja era sábado, porque era folga da guarda. Aí ele ficava até de tardezinha na rua. Chegava, dava um cheiro no cangote da mãe, tomava banho, vestia a camisa do Fortaleza, pegava o radinho de pilha, se deitava na rede com o Dedé para ouvir o jogo narrado pelo Gomes Farias. Eu não entendia nada do que o homem falava, porque era muito rápido. Só entendia quando ele gritava:

— Gooooooooool!

Se fosse do Fortaleza, o pai e o Dedé pulavam da rede gritando. Às vezes, até soltava um foguete. O pai dizia que um dia ainda ia assistir ao jogo do Fortaleza e Ceará no Presidente Vargas! Talvez até levasse umas laranjas e maçãs para vender lá. Era só a mãe começar a trabalhar na Aldeota, que ia sobrar um dinheirinho para comprar o ingresso, ou então quando acertasse um milhar no Jogo do Bicho.

O pai sempre jogava no macaco, mas só conseguia acertar no grupo. Aí o prêmio era muito pouco. Se acertasse um milhar, aí sim, ficava rico!

Dia de domingo ele gostava de jogar bola no areal perto da Katu. Era “time fora”. Só levava o Dedé. Olhava para mim, que ficava cercando ele:

— Dadá, menina não pode ir olhar jogo de bola, viu?

E se abaixava para ficar da minha altura. Eu ficava triste porque queria muito passear com ele. Os amigos do meu pai chamavam ele de “Nego”. A mãe não gostava desse apelido. Ela dizia que a cor dele era escura por causa do sol que pegava o dia todo no Centro. Ele saía de casa às 5 horas e só voltava lá pelas 5 da tarde todos os dias. Ia a pé. A passagem era cara, ele dizia. Almoçava pelo Centro mesmo. Todos os dias, chegava em casa narrando as perseguições dos guardas do Rapa e as proezas dos camelôs para driblar os assédios morais, físicos e financeiros dos homens da Lei.

Nesse dia, o meu estava muito, muito, mas muito revoltado mesmo, mas não via outra coisa que pudesse fazer para ganhar o sustento da família. Não sabia fazer mais nada. Tinha tentado vender peixe, mas os pescadores exploravam demais. E ainda mais, vendia fiado e as pessoas não pagavam.

Depois desse dia, a mãe começou a procurar emprego em casas de família. Foi a mãe do Seu Assis que levou ela lá na casa da dona Sara. Aí a mãe começou a trabalhar, mas o ganho era muito pouco.

Um dia o pai chegou muito animado em casa e assobiava muito forte a “Asa Branca”. Deu até um abraço na mãe. Admirada, perguntou:

— O que foi, homem? Viu passarinho verde?

Ele continuou assobiando e dançou com ela um forrozinho; envergonhada ela o empurrou para longe dela, porque a Vó Tita, o Dedé e eu estávamos olhando e achando graça.

— Fala logo! Acertou a milhar do macaco, foi?

— Não, Rosinha! Eu consegui um serviço de carteira assinada e tudo!

— Aonde? Na Katu? Na Cajubrás? Na Ironte?

Ele ficou parado olhando pra nós.

— Mas eu vou ter que viajar pra Goiás. Vou trabalhar em uma fazenda! O salário é muito bom. Vou mandar dinheiro pra vocês todo mês. E ainda vou ter carteira assinada! Pagar INPS! Um dia vou me aposentar!

A mãe não gostou nada daquela conversa.

— E eu vou ficar aqui sozinha pra criar esses dois? Você vai me largar!

E a mãe começou a chorar.

O pai explicou que era melhor do que apanhar do Rapa todo dia, pois ele ia ter um salário todo mês...

A mãe teve que aceitar, mas o coração dela estava aflito. À noite, ouvi a mãe chorando alto e o pai consolando-a.

Eu e o Dedé choramos também, cada um na sua rede remendada com cheiro de mijo enxugado no sol.

Era domingo de manhã. Nesse dia o pai não saiu pra jogar bola. Um homem chegou na porta chamando o pai:

— “Nego”, vamos lá, para a reunião. O patrão quer explicar uma coisa do nosso trabalho na fazenda e entregar as nossas passagens!

O homem estava muito entusiasmado. A mãe exigiu ir junto e nos levou também. Queria saber de tudo sobre esse negócio do pai ir para tão longe.

A reunião era no pátio do Sales Campos. Havia muita gente, o que girava em torno de umas 50 pessoas. De mulher e filhos, só nós

mesmo. O chefe pareceu não aprovar a nossa presença. Chamou um outro companheiro pro lado e cochichou com ele. A gente não ouviu nada do que eles falaram entre si.

Depois o homem bem vestido começou a falar:

— Bem, pessoal, a viagem vai ser quinta-feira. O ônibus sai da Rodoviária às 9 horas da noite. Cada um vai receber a sua passagem e 50 Cruzeiros para as despesas da viagem. Serão 6 dias de viagem, mais ou menos. Quando chegarem na rodoviária de Goiânia, vai ter lá o capataz da fazenda pra pegar vocês e transporte até a fazenda de soja. Lá vocês terão alojamento, instrumentos de trabalho, e o gerente vai assinar a carteira de trabalho de vocês. Vão ganhar por diárida. Cada diárida será de 20 Cruzeiros, mas vocês só recebem no final de cada mês. Mas não se preocupem. No primeiro mês, o patrão vai garantir café da manhã, almoço e janta. Também vai dar sabão pra vocês lavarem as roupas.

A mãe desconfiada, perguntou:

— E o endereço da fazenda? O senhor vai dar?

— Claro, senhora! Vamos deixar com cada família! Nossa Agência é séria! Inclusive já vou entregar o endereço da fazenda e da Agência pra vocês.

O rapaz saiu distribuindo um papel com o nome e endereço da Agência de empregos. A mãe olhou, mas não pareceu nada tranquila...

No caminho de volta para casa, foi falando que isso não parecia nada bom. Onde já se viu, largar a família e ir para outro estado, longe desse jeito, com 6 dias de viagem? E começou a chorar. O pai ficou calado até chegar em casa.

O pai vendeu o rádio de pilha e comprou uma malinha amarela. A primeira roupa que colocou dentro dela foi a camisa do Leão do Pici. Era assim que o pai se referia ao seu time do coração. Fora isso, uma calça faroeste, 2 bermudas, mais 3 camisas de manga curta, e as cuecas samba canção.

A mãe fez uma lata de farofa de galinha. Ele também comprou um pacote de bolacha água e sal.

A mãe, coitada, não parava de chorar. O pai também chorava, tentava consolar a mulher:

— Tem calma, Rosinha, eu volto daqui pro final do ano, eu volto. Vai ter folga! E mesmo eu vou juntar dinheiro e volto pra botar

uma bodeguinha, quem sabe! Confia em Deus, mulher! Vai dar tudo certo! Eu peço a um dos companheiros pra escrever carta pra vocês.

Quanto mais ele falava, mais a mãe chorava, assoando o nariz nas pontas da blusa que já estava ensopada!

Dedé e eu acompanhamos os dois no chororô. A Vó Tita, com os olhos marejados, tentava consolar a mãe. Sabia o que era isso. Os 2 filhos tinham sumido no mundo. De lembrança, só o pobre do Didi que estava na rede com apenas 5 meses.

Dali a pouco, o homem bem vestido apareceu à porta. Veio buscar o pai. O carro ficou parado na Tenente Lisboa. Nós fomos nos despedir dele. Muito choro! Ficamos nós três olhando o carro indo... indo...indo... E o pai acenando com os olhos vermelhos de chorar.

A mãe nunca recebeu uma única carta dele.

De resto a saudade que não cessa. Lembranças do cheirinho de maçã que o meu pai sempre trazia no suor de camelô. Às vezes, quando sobrava maçã, ele trazia nem que fosse uma e cortava pra gente com o seu canivete.

A mãe sempre esperando uma notícia, ou uma surpresa. Quem sabe um dia ele volta! Ela sempre falava isso quando a Vó Tita a aconselhava para ela arrumar um namorado:

— Tão nova, minha filha, se arruma, vai pra quermesse, ou pro forró. Eu fico com aqui cuidando dos teus filhos... Vai se distrair!

Mas o pai era o único que aceitava a mãe sem se importar com os dentes estragados dela.

Tinha o Zé Gerado, que sempre aparecia na porta de casa mostrando os dentes pra mãe. Mas ela fingia que não entendia. Ele bebia cachaça. A mãe se lembra do Vô que chegava em casa querendo bater na Vó Tita e neles também... Muitas vezes ficaram à noite no meio da rua debaixo de um pé de castanhola, esperando ele pegar no sono.



## CAPÍTULO VI — A GRANDE DECISÃO

Era janeiro de 1975. Eu passei para o quarto ano fraco, mas sabia por experiência própria que, no meio do ano, já estaria no quarto ano forte. Havia sido assim todos os anos. Embora não tivesse ganha-

do a boneca dos meus sonhos, estava feliz e ansiosa pra começar logo a estudar. Quem sabe a mãe comprava aquele caderno de dez matérias que eu sempre pedia e ela não dava. Talvez por que não vendia esse tipo de caderno grosso de arame nas bodegas, somente nas livrarias e papelarias do Centro. Quem disse foi a Darlene, quando me mostrou o material escolar novinho e completo que comprou junto com a mãe dela. Contou como eram as lojas: a Mesbla, o Roncy, a Samasa... Mas também falou que o caderno foi caro: cinco cruzeiros! A mãe nunca teria esse dinheiro para comprar um caderno. Era lindo! Capa dura, onde havia uma foto do Tony Ramos. Para mim, ele era o ator mais lindo do mundo! O meu caderno, a mãe nem havia comprado ainda, mas as aulas só começariam mesmo em fevereiro, depois do Carnaval. Ainda era janeiro. Eu sabia que ela ia comprar um caderno pequeno. Se ela comprasse pelo menos um caderno de desenho, daqueles que têm folhas fininhas pelas quais dá pra ver as figuras quando a gente colocava a folha em cima. Eu queria muito desenhar bem bonito, como o Mapa do brasil, a Bandeira e o Brasão, porque desenhava tudo só de olho mesmo. Quando a professora passava esses trabalhos, eu só conseguia tirar Bom, pois o mapa não ficava perfeito. Eu desenhava só olhando mesmo. Eu nunca conseguia desenhar perfeito!

Dona Sara, a patroa da mãe, deu um calendário para ela no Natal. Pra mim, mandou uma boneca chupa bico. Pro Didi, um caminhãozinho com bois coloridos. Pro Dedé, uma camisa de mangas compridas usada que não servia mais para o filho dela. Ele era mais novo que o Dedé, mas mesmo assim a camisa ficou grande; a Vó Tita teve que fazer umas costuras dos lados e ele dobrou os punhos. Assim mesmo, Dedé ficou muito faceiro.

O calendário era muito bonito. Cada folha de mês trazia a foto de uma das praças de Fortaleza. Eram doze, a mesma quantidade dos meses do ano. Passei dias e dias levantando as folhas daquele calendário. Decorei o nome de cada uma das praças, imaginando-me a andar por lá, entrando nas lojas, olhando os cadernos de arame. O que não entendi direito foram as fases da Lua. Só a Lua cheia, porque era muito grande. A praça mais linda que achei foi a Praça das Crianças; fiquei apaixonada. Na foto dava para ver uns balanços de ferro, uma lagoazinha com garças nadando, uma fonte jorrando água, canteiros

de plantas e umas casinhas que pareciam de bonecas. Aí vi uma coisa estranha na foto, que parecia uma caverna de pedras. A Vó Tita falou que era a caverna do gorila. Dedé completou dizendo que o bicho peludo comia as crianças que iam sozinhas lá. Fiquei toda arrepiada só de pensar nisso, mas sabia que era mentira dele e que só dizia aquilo para me dar medo. Outra praça que me chamou muito a atenção foi a dos Leões. O Dedé disse também que viviam leões de verdade nela que comiam quem fosse pego por lá à noite e que a polícia jogava os prisioneiros na praça. Além disso, ele ainda afirmou que o General soltava os leões para pastorar o palácio dele. Fiquei muito assustada, mas muito curiosa. De noite tinha pesadelos com o gorila e os leões me perseguindo. Diante daquele calendário, tomei uma importante decisão.

Era uma noite qualquer de janeiro. Depois de comer cuscuz com café, fui deitar na minha rede. Enquanto olhava as estrelas pelos buracos do telhado, fiquei pensando nas praças do calendário. Quando será que eu poderia visitá-las? A Darlene só vivia dizendo:

— Amanhã vou pra rua com a mãe.

Só eu que nunca tinha ido lá e já estava com 12 anos!

Tinha que ir! Um dia, havia chamado o Dedé para a gente ir a pé mesmo. Ele disse que tinha muito “mirim” por lá e que eu só poderia ir com a mãe. Também falou do Juiz-de-Menor que levava criança que estivesse sozinha pela rua. De tanto ficar pensando, dormi com uma ideia na cabeça: ir sozinha mesmo para o Centro de Fortaleza conhecer as praças do calendário e as lojas.

Naquele dia, acordei umas sete horas. Não possuía relógio, mas acostumei a ver as horas olhando para as bolinhas de sol que se formavam nas paredes, vindas dos buracos do telhado. Quando era seis horas, as bolinhas ficavam bem em cima da minha rede. Achei muito estranho o silêncio, pois todos os dias a Vó Tita gritava:

— Levanta preguiçosa! O sol já tá alto!

Isso sempre acontecia umas sete horas, no máximo. Dessa vez acordei sem ela chamar. Espreguicei, cocei os olhos, cocei a cabeça e pulei da rede. Vi um pedaço de batata doce no prato e o comi. Estava sozinha. Vó Tita devia ter ido ao Posto de Saúde com Didi, já que ele tinha ido dormir com febre. A Vó deu uma Melhoral Infantil pra ele. O pobrezinho tossia tanto! Eu tampei os ouvidos com o molambo

para não ouvir; tinha muita pena do bichinho, sempre tão doentinho. Toda noite a gente achava que ele ia amanhecer o dia morto. A Vó Tita passava quase a noite toda fazendo massagem no peito dele com folha de alfavaca e dando lambedor de mangará de bananeira, mas ele só dormia pela madrugada.

O Dedé devia ter ido para o Mercado São Sebastião. Aproveitei que não tinha ninguém em casa e fui me medir na parede. Jamais fazia isso na presença do Dedé, pois era zombaria na certa.

Encostei-me na parede com os pés bem juntinhos, ainda meio levantando os calcanhares, prendi a respiração, estiquei bem o pescoço e passei o carvão acima da cabeça; quando me afastei, vi que a marca estava na mesma altura da última. Continuava do mesmo tamanho! Não passei um centímetro sequer da última marca de carvão que fizera na parede, ainda no início de 1975. Todas as meninas de doze anos eram muito mais altas do que eu. Fiquei muito melancólica. Eu não ia crescer; seria anã como o Dedé sempre falava, zombando de mim. Todos os apelidos que se poderia atribuir a uma pessoa de baixa estatura ele colocava em mim: “tamborete de forró”, era o seu preferido; anãzinha, usava quando queria ser carinhoso; toco de amarrar burro, etc, etc.

Eu, por minha vez, sentada no chão esburacado da sala, ficava cochichando para a boneca Maria chupa-bico que eu tinha batizado de Lili:

— Lili, você sabia que o Dedé é jumento? Ele não sabe ler, o abestado. Ele só conhece se for letra de forma; as minúsculas, confunde tudo: b, p, d, e q.

Mesmo falando muito baixo, às vezes ele ouvia e me cobria de cascudos e chutes nas pernas. Mas a verdade é que, quando passava a raiva, eu tinha muita pena dele. Por conta disso, Dedé não consegui ler nada nos livros que a professora passava como lição e, muitas vezes, vi o pobrezinho tentando, mas sem sucesso e por isso chorava de raiva, saía logo para a rua a soltar raia, jogar “bilas”, procurar coisas nos monturos para depois vendê-las no ferro velho do Tadeu.

Depois de medir a altura e ver que não tinha crescido nada, procurei no monte de roupas lavadas que estava no sofá velho uma que desse para passear pelas lojas do Centro. No entanto, a única que estava limpa era a que minha mãe tinha trazido para mim junto com

a Maria chupa-bico, uma bata azul e um short laranja. Na verdade, era uma das fardas da escola onde a filha da patroa de minha mãe estudava. Quando terminava o ano, eu sempre herdava as fardas velhas dela. A menina tinha nove anos, mas a roupas dela serviam em mim, que já estava com doze.

Estava amassada e a gente não possuía ferro de engomar. Vesti, passei as mãos pela bata com bastante força, tentando desamassar. Como era de tecido grosso, ficou mais ou menos. Sapatos eu não tinha; apenas a chinela japonesa de sempre, com um arame prendendo os cabrestos que tinham se partido. Depois fui para perto do calendário, olhei as figuras novamente, suspirei, já sentindo cansaço porque a caminhada seria longa, mais ou menos duas horas para chegar lá, segundo o meu pai e o Dedé que já estavam acostumados a ir ao Centro de fortaleza a pé. Dinheiro para pagar passagem de ônibus não tinha mesmo.

Se eu queria conhecer aquelas praças, não podia esperar pela boa vontade da minha mãe e da Vó Tita, que fugiam daquele centro como o diabo foge da cruz. Eu só vivia aperreando as duas, mas era em vão. Minha mãe prometia, prometia, prometia, mas sempre vinha com a mesma resposta: “um dia desses nós vamos”, mas esse dia nunca chegava. Então, era chegada a hora de criar coragem, enfrentar os medos e ir mesmo sozinha. Eu só queria entrar nas lojas, ver as bonecas loirinhas como as de Dalene, Eliana e Elisa...

Comecei a cair na realidade e a analisar os problemas daquela minha viagem insólita. Se o Juiz-de-Menor me pegasse? Iria me levar para a FEBENCE. Diziam que nesse lugar os de menor ficavam vários meses levando cacetada no lombo que nem o jumento criado pelo Seu Antônio carroceiro, que levava paulada no lombo quando parava pra comer alguma rama ou capim que via pelo caminho. Dava pena de ver o pobre do animal apanhando. Cheguei a sentir como se fosse em mim, mas nada podia fazer pelo pobre animal, eu era apenas uma menina.

Assim acontecia com os meninos e meninas quando se recusavam a limpar o chão, pintar o prédio todo. Foram os “mirins” amigos do Dedé que já tinha sido recolhidos, sentados debaixo do pé de castanhol quebrando os coquinhas pra comer, que contaram sobre os maus tratos que recebiam dos “monitores”. Estremeci só de pensar

nisso, mas criei coragem novamente quando me lembrei de uma das frases que minha avó dizia:

— Se queres colher as rosas, terás que enfrentar os espinhos!

Isso era verdade mesmo. Um dia saí com umas meninas a pedir flores para colocar no caixão de um anjinho da rua. O bichinho morreu de desidratação, de tanto fazer cocô que era só a água. Deram mingau de brolo da folha de goiabeira, chá de mangará de bananeira, mas nada adiantou. Lá estava ele com apenas um aninho, dentro do caixãozinho enfeitado com papel seda, mãozinhas postas com um raminho de lírio, olhinhos fechados, esperando o momento de ser enterrado. E nós, meninas cumprindo a tradição; sair de casa em casa pedindo flores para ele. Vi um lindo cacho de rosinhas brancas do lado de fora de um dos muros e corri na frente para pegá-lo. Sem prestar atenção, tentei arrancar o cacho e não vi que tinha espinhos; minha mão ficou toda espetada e comecei a gritar de dor, o sangue vermelho escorrendo. A mulher dona da casa ouviu meus gritos e veio saber o que estava acontecendo. Contamos para ela da nossa missão e ela cortou com uma tesoura muitas rosas e outras flores.

O caixãozinho do pequeno ficou lindo e minha mão enfaiçada.

A mãe pegava o Tyrol todos os dias. Um dia pedi para ela me levar junto. Ela respondeu que não tinha dinheiro para pagar a minha passagem.

O Dedé disse que o trocador era sempre muito bravo e não deixava ninguém passar por baixo da borboleta. Às vezes, eu ia até a parada do ônibus ver a mãe subindo no transporte. Era em frente ao Sales Campos. Havia umas casas bonitas. Depois eu voltava para casa, sonhando em um dia andar naquele ônibus, com roupa bonita, sapatos. Aí, parava no monturo pra procurar brinquedos. Achava cabeça de boneca, tampas de remédio que eu usava pra brincar de arrumar casinha. Procurava caixas de fósforos vazias para fazer sofá, caixas de remédio e de pasta de dentes pra fazer camas e armários... Esses eram os meus brinquedos. Eu também desenhava bonecas, roupas, pintava, recortava e montava.

Depois de fazer a minha coleta no monturo, ia para casa sonhando e procurando moedas enterradas nas areias. Eu tinha esse costume e, às vezes, achava mesmo. Por ali passava muitos bêbados que, cambaleando, tiravam moedas do bolso e deixavam cair

algumas na areia. Um dia vi isso acontecer: o homem deixou cair várias moedas. Quando ele foi embora, fui lá e catei três moedas, muito alegre. Comprei meio pão passado na Dona Maria da bodega e comi todo, escondida em cima da goiabeira.

A única rua asfaltada no Tyrol era onde passava o ônibus. O resto era só o areal.

Estava decidido: iria a pé mesmo. Peguei um chapéu de crochê feito de sacos de leite pela Vó Tita. Ela cortava em finas tirinhas e depois ia tecendo sentada na rede depois do almoço e depois de fazer os dindins. Antes ela lavava com sabão. Usava qualquer saco de plástico para fazer os chapéus. Quando tinha uns cinco, mandava o Dedé vender, mas ninguém comprava. Dedé dizia que as pessoas riam dos chapéus de saco da Vó Tita. Até quando a gente usava, a molecada zombava da gente, porém eu sabia que o sol ia esquentar e deixei a vergonha de lado. Saí pela porta do quintal, peguei umas siriguelas verdes e coloquei em um saco. Quando ficasse com fome, comeria.

Prestei bastante atenção se não tinha alguma vizinha nos outros quintais, separados por cercas de arame farpado com ramas de melão Caetano. Ainda era cedo, estávamos de férias escolares. Todo mundo acordava mais tarde um pouco.

Passei pelo buraco da cerca, subi o monturo, catei um braço de boneca. Devia ser de uma Susi. Era muito fino. Olhei ao redor para ver se via as outras partes. Diana, uma das meninas da vizinhança, tinha uma Susi, que era muito linda. Magrinha, com sapatos de salto, vestido longo, cabelos louros, olhos azuis. Parecia a princesa Rapunzel dos contos de fadas. Fiquei imaginando se na Mesbla havia bonecas como a Susi ou quem sabe na Samasa. Caminhei um bom tempo pelo areal, mexendo sempre a terra com os pés, na esperança de encontrar alguma moeda para comprar chiclete. Saí do areal, cheguei no calçamento. Havia uma placa onde se lia Rua Tenente Lisboa. Logo adiante, vi a linha do trem. De vez em quando eu ia com o Dedé ver o trem passar. Depois ele me mandava ir de volta pra casa e sumia com o patinete pra brincar com os moleques na calçada da Cajubras.

Eu ficava olhando ele fazer aquele patinete: pegava uma tábua, comprava do Tadeu do ferro velho, pequenas rodinhas de ferro que ele chamava de rolemãs, fazia o eixo com um, com um caibro que ele alisava com a faca, depois pregava na tábua, colocava um giro e ali

estava o melhor brinquedo que ele podia ter. Quando terminava, ia orgulhoso escorregar sentado em cima do patinete nas calçadas das fábricas. Levava muitas carreiras dos vigias porque arranhava a calçada com o brinquedo.

Fiquei olhando as casas da rua Tenente Lisboa. Eu sempre gostava de olhar as casas bonitas daquela rua, de ficar sonhando que um dia moraria numa casa igual aquelas, com telhado sem goteiras, portas que se podia trancar, banheiro com vaso sanitário e chuveiro.

Na escola havia um banheiro, mas sem vaso sanitário. Era só um buraco no chão. Na casa da Darlene tinha banheiro, mas eu nunca entrei. Ela não deixava, pois dizia que eu ia sujar e sua mãe brigaria.

Fiquei parada criando coragem para seguir a minha jornada. Sabia dos perigos que correria até chegar ao Centro e antes de chegar lá também. E se encontrasse um cachorro louco?

Isso mesmo. Havia uma doença que deixava os cachorros loucos. Muita gente tinha sido mordida por um deles. Aí era necessário tomar muitas injeções na barriga. Até o Seu Jaime morreu. O nome da doença era Raiva. Estremeci, as pernas adormeceram um pouco e senti uma vertigem, a coragem até diminuiu.

Dedé sempre falava dos mirins que atacavam as pessoas, cortavam as bolsas das mulheres que ia fazer compras para roubar. Tremi só de pensar que poderia encontrar um bando de mirins, pois eles só andavam em bandos. Contudo, eu não podia mais ficar sem conhecer as praças e as lojas, já que a mãe nunca me levava. Eu já estava com doze anos e só conhecia mesmo o Pirambu e, mesmo assim, apenas um pedaço da avenida Leste Oeste, o Kart Clube e a praia que ficava perto da Marinha.

Lembrei do dia da inauguração do Kart Clube, quando aconteceu aquela tragédia. Foi no mesmo mês em que eu nasci. Era 20 de outubro de 1973. Durante as comemorações, aviões sobrevoavam o local fazendo piruetas no ar, deixando um rabo de fumaça; todo mundo olhando para cima, protegendo os olhos com as mãos em forma de arco, fazendo caretas. As cabeças em uma espécie de balé, giravam procurando acompanhar os movimentos das aeronaves que coloriam o céu de brigadeiro do Pirambu, aquele lugar sem eira nem beira, mas que, a partir dali, via uma serpente negra cortando suas areias brancas molhadas de água salgada de Leste a Oeste. Além disso, uma pista

de corrida de Kart, esporte praticado pela burguesia de Fortaleza e de outros estados. Para assistir, precisava ter dinheiro para comprar ingressos, coisa que nós, pirambulenses, não possuíamos.

De repente, um dos aviões se desgovernou e caiu em cima de três casas. Só ouvi a gritaria. Ambulâncias, carros do corpo de bombeiros, helicópteros. Ouvi dizer que morreram muitas pessoas e muitas ficaram feridas. Disseram que foi no bairro Nossa Senhora das Graças.

Uma coisa me confundia sempre: afinal, era Pirambu, Tyrol ou Nossa Senhora das Graças o nome do lugar onde eu morava? De verdade, esses três nomes valiam, mas o Pirambu sempre vai ser Pirambu

Um dia a professora escreveu na lousa o significado de Pirambu: “Palavra de origem tupi-guarani, significa peixe grande, abundância, grandiosidade. Lagoas extensas, praias, dunas, manguezais e coqueirais fazem parte do cenário”. Foi assim que a professora escreveu na lousa, mas o que se via mesmo no Pirambu era muita pobreza. A maioria dos homens analfabetos, vivendo de pesca artesanal, serventes de pedreiro, galegos, camelôs, ou iam embora para longe da família tentar a sorte em outro estado, como o meu pai.

Poucos tinham um emprego de carteira assinada. Muitos casebres e lama pelas vielas. As mulheres, se não conseguissem trabalhar nas fábricas de castanhas ou na Filomeno Gomes nos teares, iam ser empregadas domésticas na Aldeota deixando os filhos sob os cuidados da avó se tivesse uma, como a minha pobre mãe, ou eles ficavam sozinhos, fugindo para as ruas a formarem seus bandos de “mirins”.

A avenida Leste-Oeste atravessava toda essa situação de miséria, mas não foi investido nada para melhorar as casas dos pobres.

Havia uma época em que apareciam uns homens de paletó e gravata na nossa porta. A Vó Tita conversava com eles, recebia um retrato deles e ouvia as promessas de que iam construir banheiros nas casas, colocar calçamento na rua e muito mais. Aí, pediam pra Vó Tita votar neles. Depois nunca mais apareciam.

Eu não conseguia entender essas coisas de umas pessoas viverem em casas tão bonitas e outras como eu, Vó Tita, minha mãe Rosa, Dedé e os nossos vizinhos morarmos em casa tão horríveis. Até na Travessa Jacinto de Matos tinha umas casas bonitas: a casa da Dar-

lene, do Seu Elias que tinha até um Jipe de manivela, o qual todos os dias ele ligava rodando aquela manivela. O carro tossia, soltava uma fumaça branca e parava. Lá ia ele de novo com toda força girar a manivela. Só depois de tentar umas dez vezes, é que o carro pegava. Era pior no inverno. Eu achava muito interessante aquilo. Só às vezes conseguia sair com o carro no areal porque as rodas eram bem largas. Mas outros carros não entravam na nossa rua e nem em muitas outras que não tinham calçamento, já que atolavam.

Tinham os homens que tentavam a sorte vendendo peixe na vara:

-Vai peixeee! Mocinha, cioba, tucunaré...

Tudo peixe que os pobres podiam comprar e ainda fiado. Às vezes, nem pagavam. Isso mesmo aconteceu com o pobre do meu pai.

Havia um homem que sempre discutia com o Seu Ananias, pai da Darlene: o Seu Aroldo, que falava mal do governo. Dizia que era ditadura, que não ligava para a pobreza, que mandava até torturar quem falasse mal. Aí, Seu Ananias dizia que ele tivesse cuidado por que, se algum policial o ouvisse falando aquelas coisas, seria preso.

Eu ficava só ouvindo a discussão enquanto esperava a Dona Maria da bodega pesar meio quilo de feijão, meio quilo de arroz, meio quilo de açúcar... A gente só tinha dinheiro pra comprar tudo de meio quilo. Seu Aroldo bufava de raiva, engolia um gole de cachaça, chupava um pedaço de limão e cuspiu no pé do balcão. Dona Maria ralhava com ele:

— Tenha vergonha, Seu Aroldo! Dizia ela: — Além de vir falar mal do governo aqui, ainda cospe no pé do meu balcão?

O homem olhava pra ela envergonhado:

— Perdoa eu, Dona Maria. Eu num tive estudo, não. Sou um pobre “inguinorante”.

Então o homem suspirava, colocava o boné com o emblema do time do coração, o Ceará, e pedia para Dona Maria colocar na radio-lá o disco do Waldik Soriano: “Eu não sou cachorro, não! Pra viver tão humilhado!”. E cantava dançando com uma mulher invisível. Aí eu pegava minhas compras feitas no fiado e ia para casa cutucando a areia para ver se achava alguma moeda. Dona Maria, a dona da bodega, era uma boa senhora de uns cinquenta e cinco anos, a única que vendia fiado para Vó Tita, mas que cobrava quando via que a conta já

estava alta. Acho que quando completava uns vinte cruzeiros. Não sei quanto a minha mãe ganhava no trabalho de doméstica, mas sei que era pouco, porque nem dava para comprar um caderno de matérias para mim.

Enquanto pensava que rumo tomar para chegar ao Centro, vi um pé de castanholha carregado, cachos de frutas avermelhadas e outras bem amarelinhas, que estavam nos galhos altos. Um casal de rolinhas fazia um ninho. Eu tinha muita vontade de pegar uma. Muito lindinhas com seus biquinhos afilados e os olhinhos redondinhos. Então, lembrei de uma história que a Vó Tita sempre contava para o Didi. Ela se sentava no sofá velho, colocava o menino no colo e começava com a voz mansa:

— Sabe, Didi, uma coruja que não gostava da rolinha queria que a águia comesse os filhos dela.

Didi olhava para avó com o nariz escorrendo, chupando o dedo, e enrolando uma pontinha da camisa. E a Vó Tita continuava:

— Um dia a coruja encontrou a águia e foi logo dizendo: “Camarada águia, se encontraras por aí um ninho com uns filhotes de olhos grandes esbugalhados, um bico achatado e pelados, pode devorar que são os filhotes daquela rolinha orgulhosa”.

Didi começava a cochilar com sua respiração ofegante, o peitinho subindo e descendo. Eu ficava com gastura e sempre achava que daquela noite o bichinho não passava. Mas como amava aquela fábula, o jeitinho da minha avó contando, impostando a voz, esquecia o Didi, o seu chiado no peito, e continuava atenta à Vóvó:

— Então, a raposa encontrou o tal ninho com os filhotes descritos pela coruja e devorou todos os filhotinhos.

A essas alturas, Didi já pegava no sono, mas minha vozinha continuava, por que gostava muito da história.

— Dias depois, a águia, encontrou a coruja aos prantos e perguntou: “o que houve camarada, coruja?”. A coruja, soluçando, contou que os seus filhotinhos haviam sido devorados enquanto ela tinha ido procurar comida para eles, que a águia havia se enganado de ninho e, em vez de comer os filhotes da rolinha, tinha comido os seus lindos filhinhos. A águia, muito chateada, falou: “Mas, camarada coruja, eu comi os filhotinhos dos olhos grandes e esbugalhados e do bico achatado! Você disse que eram os filhotes da rolinha! Não culpe

senão a você!”, falou a comilona. “Aqueles filhotes assustavam e correspondiam ao retrato feito por você”.

Aí a Vó, já colocando o ofegante Didi adormecido na rede, finalizava:

— Moral da história: o belo para sapo é sapa!

E dava o beijinho no dorminhoco Didi que respirava com dificuldade por causa do nariz entupido.

Vi que o casal de rolinhas estava colocando gravetinhos no ninho; sinal de que a fêmea ainda iria colocar os ovinhos. O casal arrulhava e sacudia as asinhas pousadas no galho próximo ao ninho. As castanholas maduras me deixavam com água na boca; havia umas no chão, mas, desde que fiz os exames de fezes que deu mais cruzes que no Cemitério São João Batista, nunca mais comi castanholas do chão.

Foi assim: uma mulher falou pra Vó Tita que estavam dando arroz burgo e leite do fisco lá no posto de saúde, mas tinha que fazer exame de fezes. A Vó Tita foi logo para o posto marcar os meus exames, do Dedé e do Didi, pois ela queria muito receber aquele benefício, já que era um pacote de leite e um de arroz para cada criança que fizesse os exames. Além disso, recebia também os remédios pra verme, um vidro de sulfato ferroso para os pequenos e uns comprimidos enormes para os maiores. Depois que fizesse o tratamento tinha que voltar pra pra se pesar e receber mais. Tinha que acordar de madrugada para defecar, colocar dentro de um vidrinho que ela recebeu no posto e levar até lá. Acontece que eu não tive vontade. Vó Tita me deu uns cocorotes e pronto. Foi assim mesmo levar o vidrinho do Didi e do Dedé. Achei que ela levaria o meu no dia seguinte, mas ela não falou mais no assunto.

Uns quinze dias depois, ela chamou o Dedé e eu para irmos ao Posto para receber os resultados dos exames e ganhar o leite e o arroz. Eu tinha nove anos na época, mas sabia que alguma coisa estava errada naquela história. Quando o médico chamou a gente, logo vi que me olhou com muita preocupação. Convidou a vó Tita para sentar. Ela se sentou. Olhou o exame do Didi e entregou o remédio dele para verme e um vidrinho de vitamina B12. O mesmo fez com Dedé e continuou me olhando com ar de preocupação. Quando pegou meu exame, olhou bem e me chamou para perto dele. Examinou meus olhos com

uma lanterninha, mandou que eu abrisse bem a boca, apalpou minha barriga, enfim, fez um exame clínico completo. Depois falou:

— Dona Francisca, esta menina anda comendo terra?

Vó Tita olhou para mim com cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança.

— Sei não, doutor.

O médico olhou novamente para o exame e soltou:

— O exame da sua neta tem mais cruzes do que no Cemitério São João Batista. Ela vai precisar tomar um remédio muito caro. Vai precisar pedir ajuda à família para comprar. Se ela não tomar, vai morrer em pouco tempo.

Vó Tita abaixou a cabeça.

— Não tenho ninguém da família aqui em Fortaleza. Fui adotada e, depois que casei, nunca mais vi a mulher que me criou. Falou vó Tita.

O médico pegou a carteira e entregou uma cédula de 500 cruzeiros pra Vó Tita. Ela ficou pálida. Nunca tinha visto tanto dinheiro na vida.

— Aí está, Dona Francisca. Compre o remédio de Daniela hoje mesmo. Não vamos deixar uma menina de olhos tão inteligentes morrer por falta de tratamento.

Minha avó, olhou para o médico e as lágrimas desceram dos seus olhos sofridos.

-Doutor, este exame aqui não é dela. Eu peguei umas fezes que estavam no chão do quintal porque ela não conseguiu fazer... eu...eu queria muito o leite do fisco e o arroz. Aí coloquei dentro do potinho e trouxe.

O médico, vermelho de raiva, gritou:

— A Senhora é louca? Já tem uma junta médica estudando o caso da menina!

Minha vó devolveu o dinheiro para ele.

Acho que aquele dinheiro dava para comprar comida por um ano e muitos cadernos de arame pra mim.

Agarrei-me no tronco do pé de castanholha procurando apoio para firmar os pés; qualquer fendinha ou elevação servia. Eu era acostumada a fazer isso. Subia nas goiabeiras do quintal de casa e dos vizinhos quando avistava alguma fruta sendo verde, da vez ou madu-

ra, porque era assim que matava a fome. Subia também nos pés de siriguela e no pé de castanhola que havia na frente de casa. Quando a fome batia e via as panelas vazias, comia goiabas e siriguelas mesmo verdes, mas as castanholas não dava para comer verdes, pois amargavam muito.

Com muito esforço, consegui subir e chegar até as castanholas madurinhas. Depois de pegar cinco frutas, me sentei em um dos galhos e comecei a comer. Senti alguns pingos molhando meu braço. Já sabia o que era: Maria mijona. Como fedia! Todo pé de castanhola era infestado de Marias Mijonas, mas a meninada não se intimidava com elas. Enquanto comia as frutas, vi uma lesma subindo no galho acima do que eu ocupava. Fiquei pensando como uma lesma tinha chegado tão alto. Ela deixava um caminho gosmento por onde passava. As lesmas são muito lentas, mas muito perseverantes também. Aí, meditei que assim como eu e muitas outras crianças, a lesma se esforçava para chegar até uma castanhola para matar sua fome.,

Terminei de comer as castanholas e me aprontava para descer. Pular não porque, diferente da rua onde morava, ali tinha pedras de calçamento e podia me machucar. Lá na rua Travessa Jacinto de Matos a gente pulava do galho para o chão, porque a terra frouxa amortecia a queda. Mas, na castanhola, dava para me pendurar no galho e ficar mais perto do chão, descer deslizando pelo tronco, o que arranhava ainda mais os meus braços.

Enquanto analisava a situação ainda sentada no galho aproveitando a sombra e a brisa que vinha do mar, avistei o “barba branca” carregando um saco encardido nas costas, apoiando-se em um pedaço de pau torto... Caminhava lentamente pela rua Tenente Lisboa. Parava um pouco, olhava para cima, conversava com um ser invisível fazendo gestos com as mãos como se estivesse discutindo. A roupa toda amarrrotada, com remendos. Parou um pouco, limpou o suor com a manga da camisa, tirou o chapéu velho de palha todo remendado e se sentou na sombra de outra castanhola, que ficava perto de uma outra calçada alta a uns cinquenta metros de onde eu estava. Não fiquei com muito medo, porque ele sempre aparecia na nossa rua. O velho fazia brinquedos com lata de óleo e chinelas velhas; aviôezinhos, carrinhos e cata-ventos. Aí trocava por comida nas casas. Lá em casa nunca parou. Talvez soubesse, pelas condições do casebre, que ali

não haveria nada para lhe oferecer, e estava certo. O que aparecia era logo devorado por nós.

Quando a molecada via o “barba branca” chegando na rua, corria com sua lata de óleo vazia e uma chinela velha: “barba branca, faz um aviôozim”, “Barba branca, faz um cata-vento”. Os meninos ficavam olhando ele fazer os brinquedos; eu nunca cheguei muito perto, pois a Vó Tita não deixava.

Desci do pé de castanholha e segui o trilho no rumo do Jacarecanga; eu sabia que, passando por dentro Cemitério São João Batista, chegaria ao Centro mais rápido. Foi o Dedé quem me disse uma vez quando foi à missa com a gente.

Antes ele me falou muitas coisas que metiam medo: que as almas andavam por ali e carregavam meninas que andassem sozinhas e levavam para suas tumbas cheias de caveiras.

A vó ralhava e dizia que ele não fizesse aquilo porque eu teria pesadelos à noite. E tinha mesmo. Acordava gritando. Dedé era um contador de histórias, principalmente as de terror.

Pensando nisso, mas evitando ficar com medo, subi em um dos trilhos tentando me equilibrar de braços abertos, trocando de pé, para seguir minha arriscada viagem rumo ao Centro. Mesmo com todas as proibições e os avisos dos perigos que isso trazia, não dava mais para voltar atrás. Lembrei de outra frase que a minha avó dizia nos seus momentos de filosofia: “Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida.” Repetindo essas palavras em voz alta, cada vez mais alta, tentava me equilibrar; caía, subia novamente, caía, subia novamente e sempre repetindo as palavras de minha Vó Tita.

Eu conseguia andar uns dez metros me equilibrando no trilho do trem; caía e logo subia novamente; era um desafio andar sobre os trilhos.

Depois de ter andado mais ou menos meia hora sobre os trilhos, já dava para ver o enorme quartel da Marinha do Brasil e até os marinheiros que ficavam nas guaritas vigiando. Isso queria dizer que estava perto do Cemitério São João Batista; deu-me um arrepião na espinha e uma dormência nas pernas, mas não desisti. Vi também a Tecelagem Filomeno Gomes que ficava mais embaixo, por causa do

panteão e sabia que logo depois tinha a igreja. Esses eram os pontos de referências que eu conhecia.

Perdida nos meus pensamentos, sonhando com bonecas de cabelos longos, com o caderno de arames, com as lojas e praças, não ouvi o apito do trem. Então, como naquele dia da onda gigante, ouvi uns gritos muito ao longe:

— Saia dos trilhos, menina!

Depois os gritos ficaram mais fortes e ouvi também um apito. Olhei no rumo das guaritas e vi que um marinheiro agitava os braços e eu acenei para ele de volta. Desesperado, ele apitou bem forte, mas eu não entendi. Quando olhei de volta para os trilhos, vi o monstro! Ele estava a uns dez metros de mim. Sem pensar, pulei pra fora dos trilhos e caí bem rente ao panteão; dali, vi as rodas de ferro do trem passando em cima dos trilhos, fazendo um barulho ensurdecedor; vi faíscas saindo deles. Por uns cinco minutos, não dava para ver ou ouvir mais nada. Quando o trem terminou de passar, percebi que estava na beirinha do buraco do panteão; ondas do mar batendo nas pedras que havia lá embaixo. O buraco tinha altura de uns vinte metros. Fiquei ali, deitada sobre as pedras que separavam um conjunto de trilhos do outro, paralisada, olhando para baixo, sentindo cheiro de maresia misturado com ferro e óleo do trem. Não conseguia sentir minhas pernas que estavam adormecidas pelo medo. Dali, conseguia ouvir uma gritaria: muitas pessoas estavam vindo na direção do panteão. Continuei deitada com a cara voltada para o buraco. As pessoas gritavam:

— A menina caiu no mar, a menina caiu no mar!

Sem coragem de me levantar, e com muita vergonha, fechei os olhos e permaneci deitada, com medo de cair lá embaixo. Era como se eu estivesse congelada, e as pernas não obedeciam.

Pensei outra vez no menino dos cabelos lisos. Fez-se um silêncio, já que as pessoas não gritavam mais. De repente, senti que fui erguida e parecia que estava flutuando. Senti um perfume suave entrando pelo meu nariz. A sensação era tão boa, que continuei com os olhos fechados, porque pensei estar nos braços de um anjo ou em uma nuvem, lá no céu. Então ouvi vozes novamente:

— Quase caiu no panteão! Que menina maluca! Será que caiu do trem? Alguém conhece ela? Deve ser uma menor abandonada. Melhor levar pra FEBENCE!

Abri os olhos e vi que estava nos braços de um homem de branco, então percebi que era um marinheiro. Ele não era tão bonito quanto o meu anjo, mas possuía feições agradáveis. Ele entrou na Marinha me levando no colo. Com medo de ir para a tal FEBENCE, resolvi falar:

— Me coloca no chão! Eu não me machuquei, não; pulei do trilho e fiquei deitada pra não me machucar. Não tenho nenhum arranhão!

O rapaz me colocou sentada em um dos bancos da entrada do quartel, enquanto outro já estava com um copo de água para eu tomar. Depois, um dos militares me fez muitas perguntas: meu nome, endereço, onde eu estudava, se sabia ler. Quando disse que sabia ler, ele não acreditou, então me entregou um panfleto das forças armadas e pediu que eu lesse. Eu peguei o panfleto e, sem gaguejar, li em alto e bom som; afinal, era o que eu mais sabia fazer na vida: “As Forças armadas têm como missão defender a honra, o território e a vida dos cidadãos que habitam a Pátria Brasileira. Avante bravos marinheiros!”.

O homem ouviu a minha leitura, levantando os calcanhares do chão. Depois perguntou para onde eu estava indo. Falei que era para a casa da minha tia que ficava depois da rua da igreja. Ele acreditou e me liberou para ir embora, sem sequer mandar um dos marinheiros me acompanhar.

Quando dei por mim, estava deitada em cima de um monte de palhas de coqueiro, com uma mulher vestida de preto, cheia de terços no pescoço, cabelos longos assanhados, sorrindo para mim, com os dois únicos dentes à mostra. Tinha uns sessenta e tantos anos. Ela havia me puxado do trilho antes que o trem passasse por cima de mim.

Assustada com o coração quase saindo pela boca, me levantei e quis sair correndo, mas ela estava tapando a única passagem. Se não era uma bruxa daquelas das histórias da Carochinha que minha vó contava, então eu não sabia mais o que era uma bruxa.

— Pra onde vai sozinha, menina?

Falou a mulher com uma voz rouca. Pronto, só podia ser uma bruxa. Fiquei gelada, me arrepiando dos pés à cabeça.

-Fui só levar uma encomenda na casa da minha tia!

Menti tentando ganhar tempo e olhando em volta pra ver se tinha como escapar. Mas de um lado havia uma cerca de arame cheia

de melões caetano e do outro lado do trilho um pequeno abismo. A mulher notou que eu estava com medo dela.

— Não tenha medo, minha menina, eu não sou bruxa, não. Sou rezadeira. Eu curo quebranto, espinhela caída, dor nas cruz, dor de dente.

Foi então que lembrei que a Vó Tita sempre levava o Didi na rezadeira quando ele ficava com diarreia. Fiquei mais sossegada, mas ainda com medo. Ela me olhou com os olhos quase fechados, bem de pertinho, e perguntou:

— Você não é a neta da Tita?

— Sss sou...

Respondi com um fiapinho de voz.

— Pois vá pra casa, viu? Você ia morrendo debaixo do trem. Se não fosse eu... Nunca ande nos trilhos! Mesmo que não passe um trem grande, pode passar um troiller e lhe atropelar.

O troiller parecia um patinete gigante. E assim como apareceu do nada, a mulher se foi. Nem prestei atenção que rumo tomou. Era mais uma personagem do Pirambu.

De verdade, eu só sabia aquele caminho que dava no Centro, porque a gente ia para a missa no Jacarecanga todo domingo. Por isso, eu sabia que o Centro era para aqueles lados.

Acho que já era umas dez horas, e a fome apertando. Só tinha comido um pedaço de batata doce, as siriguelas verdes e as castanholas. A barriga roncando. O cheirinho de comida boa vindo das casas da rua Tenente Lisboa. Ora, sentia cheiro de galinha cozida, de galinha torrando, carne de boi, e a boca enchendo de água... Sentei-me em uma calçada para pensar melhor se seguia viagem para o Centro ou se voltava para casa.

A calçada era de uma casa muito boa. Havia um jardim com roseiras, pés de papoulas, cestas de samambaia penduradas na área... Fiquei olhando pelas grades do portão de ferro. Até a grade era bonita. Mais adiante, vi uma bola colorida bem grande. A porta estava aberta e vi um sofá vermelho tão bonito! Vi também uma estante cheia de bibelôs.

E o cheirinho de comida boa. Feijão com cheiro verde, carne. A baba escorrendo da minha boca, a barriga roncando. De repente vi um menino lindo, de uns dois anos. Ele saiu para o jardim, pegou a

bola e começou a chutar meio desajeitado. Muito diferente do Didi. Era tão gordinho. O pobre do Didi com três anos tinha uns “cambitinhos” finos, um barrigão que a Vó Tita enchia de mingau de milho ou de arroz Burgo.

O menino forte como ele só pegou a bola e jogou por cima do muro. A bola saiu rolando pela rua. Eu corri atrás e peguei. Quando ia chegando pertinho do portão, a mãe do menino já estava lá me esperando. entreguei a bola para ela.

A mulher tinha uns 25 anos. Cabelos pretos, olhos verdes, unhas pintadas e um lindo sorriso de dentes branquinhos, retinhos. Eu tinha muita inveja de quem tinha os dentes como os dela. Os meus “entramelados” e encardidos. A pobre da minha mãe era banguela. Nunca conseguiu juntar dinheiro pra comprar uma chapa. Um Vereador prometeu, mas nunca deu. Às vezes sonhava que minha mãe possuía os dentes bonitos, mas era somente sonho. A Vó Tita usava chapa, mas foi a mãe adotiva dela que deu. Todavia, já estava muito velha, às vezes caía da boca dela. Eu, por exemplo, já sentia muita dor de dente. Mas era nos dentes de traz. Aí a Vó Tita colocava um algodão com vinagre para a dor, que não passava, mas eu fingia para ela não ficar triste. Eu apertava o local com o dedo e até que melhorava. Dentista, não tinha. Só de vez em quando aparecia um no posto, mas tinha que dormir lá para marcar consulta para depois de uns seis meses. A gente acabava esquecendo o dia e perdia. O pobre do Dedé só tinha os cacos atrás e os da frente todos estragados. Acho que foi por isso também que ele parou de ir à escola, já que sentia vergonha dos dentes.

Entreguei a bola. A mulher agradeceu. Como eu estava mesmo decidida a seguir o meu plano de chegar ao Centro, perguntei meio encabulada se ela não tinha uma bolacha para me dar.

A mulher sorriu e falou:

— Pois, entre! O almoço já está quase pronto; coloco um prato de comida pra você.

Ela abriu o portão e eu entrei. O menino foi logo segurando na minha mão. Meus olhos se encheram de lágrimas, pois nunca imaginei que uma pessoa me daria um prato de comida tão cheirosa.

A casa era um brinco! Mais bonita do que a casa da Darlene. A cozinha toda de azulejo, com fogão novinho, geladeira vermelha,

copa bar de madeira. Na sala, um tapete lindo, cheio de brinquedinhos do menino espalhados. Carrinhos coloridos, palhacinhos, e muitos outros brinquedos. Tinha televisão colorida! Estava passando um desenho do Tom & Jerry.

Fiquei em pé olhando tudo de boca aberta.

— Como é o seu nome? Perguntou a mulher.

— Dadá, respondi.

Ela me olhou sorrindo e falou:

— Dadá, deve ser apelido. Quero saber o seu nome.

Meio encabulada, mas nem tanto, respondi:

— É Daniela.

— Você estuda, Daniela? A encantadora mulher perguntou.

— Sim, estudo, vou fazer o quarto ano fraco lá nas Pioneiras Sociais.

A mulher me olhou demoradamente e depois perguntou:

— Você não quer ficar aqui em casa? É só para brincar com o Pedrinho.

Eu fiquei maravilhada com a proposta, afinal, quem, na minha situação, não gostaria de passar algumas horas naquela casa e ainda comer comida boa?

— Se a minha mãe deixar, eu venho. Sim, estudo só a tarde. Respondi prontamente.

O cheirinho de comida boa inundou a minha alma faminta.

---

## CAPÍTULO VII — UMA CASA DE VERDADE

Depois de comer um delicioso prato de comida feito pela dona Raimunda, carne assada com feijão, salada, arroz e macarrão, sentei-me no tapete ao lado do menino Pedrinho e comecei a brincar com ele. Ele tinha menos de dois anos, mas já falava algumas palavras. Pegava brinquedos e me entregava. Eu, naturalmente, encantada com tudo aquilo. Dona Martinha, a dona da casa, foi para o quarto tirar uma soneca. Dona Raimunda parou de lavar a louça do almoço, chegou à porta da sala e perguntou:

— Tua mãe não fica preocupada não? Tu saiu que horas de casa?

Então, expliquei que minha mãe passava a semana toda na casa da patroa na Aldeota e que minha avó estava no posto de saúde com o meu primo Didi. A mulher entendeu e voltou para os seus afazeres resmungando que não era certo uma menina tão miúda andar sozinha por aí. Acho que ela não sabia que eu morava a apenas uns dois quarteirões dali. Acho que também não tinha ideia que, embora muito pequena, já tinha doze anos nos couros. Todo mundo pensava que eu tinha uns sete anos no máximo. Contudo, eu já havia notado uns pelinhos aparecendo embaixo dos braços e na região pubiana. Pelas conversas que ouvia entre as vizinhas, já sabia que estava perto de “ficar moça”. Eu realmente não sabia o que isso significava, mas tinha certeza de que minha vida mudaria. Não sabia se era para melhor ou pior. As mulheres diziam que as meninas, quando “ficavam moças”, tinham que ter muito cuidado com os homens. As mães ficavam de olho nas filhas para não arrumar namorado.

Era umas duas horas da tarde quando dona Martinha acordou. Então me perguntou quando ela poderia ir falar com minha mãe. Eu expliquei para ela a mesma coisa que tinha falado para Dona Raimunda. A partir daí, ela disse que eu fosse com minha mãe domingo à sua casa para conversar com ela. Eu perguntei se ela não queria ir logo falar com a minha Vó Tita, pois eu estava ansiosa para ficar naquela casa bonita, comendo do bom e do melhor e ainda podendo assistir televisão colorida sem ser pelas frestas da janela das casas.

Ela aceitou e foi comigo até a minha casa, enquanto Pedrinho estava dormindo.

Quando nos aproximamos de onde eu morava, Vó Tita vinha chegando do posto de Saúde com o Didi nos braços. O sol das três horas da tarde queimando tudo, mas Vó Tita tinha a sua velha sombrinha de aspas caídas que protegia os dois do sol a pino. Vó Tita, quando viu aquela bela mulher de cabelos compridos, unhas pintadas, dentes brancos, olhos esverdeados e vestido amarelo justo de alças, embora esbaforida e com fome, ficou parada na frente da casa, tentando entender o que estava acontecendo. A mulher, notando que a minha avó estava confusa, tratou logo de se apresentar:

— Boa tarde! A senhora é a avó de Daniela?

Vó Tita, ainda meio zonza, respondeu:

— Eu mesma. E a senhora?

A mulher com pena da Vó Tita, que parecia exausta com o peso do Didi, falou rapidamente:

— Sou Martinha e vim falar com a senhora sobre Daniela.

Vó Tita convidou a mulher para entrar, já que não aguentava mais o cansaço.

-Pois é, Dona Francisca. Eu vim aqui para pedir que deixe Daniela passar algumas horas na minha casa para brincar com o meu filho Pedrinho. Ele vai fazer dois anos. Vó Tita, do alto de seus cinqüenta e seis anos, fez uma pergunta bastante coerente:

— e por que a senhora não brinca com o seu filho? Precisa da minha neta pra brincar com ele?

A mulher esfregou uma mão na outra e respondeu:

— Eu preciso corrigir os cadernos dos meus alunos e o sono do Pedrinho é de tetel. Não me dá sossego.

Vó Tita então falou:

— Ah, a Senhora é professora!

— Sim, sou! Respondeu prontamente a mulher. — Leciono numa escola particular no São Gerardo, o Colégio Santa Isabel. Meu marido trabalha na Expresso de Luxo dirigindo um ônibus para São Paulo. Só vem em casa de quinze em quinze dias. Passa três dias e viaja novamente.

Vó Tita acendeu a única boca do fogão velho, colocou uma panela com água para ferver e começou a lavar o arroz Burgo. Depois deu duas bolachas Maria para Didi. Encostou-se no velho armário com um dos pés escorado na outra perna e ficou observando a professora.

-Tu quer ir pra casa dela, Dadá? Quer ir brincar com o filhinho da professora?

Eu ainda lembrando da delícia de comida que havia experimentado e da televisão colorida, respondi logo:

— Quero sim, eu gostei muito do Pedrinho!

Então Vó Tita falou que por ela não tinha nada contra, mas que era preciso conversar com minha mãe e que, no dia seguinte, domingo, minha mãe iria conversar com ela. Vó Tita ainda enfatizou que, se fosse só por ela, permitiria que eu brincasse com Pedrinho enquanto a professora corrigia os deveres dos alunos.

No domingo cedinho, a mãe chegou e a Vó Tita conversou com ela, que achou até bom, assim eu poderia comer melhor, foi o que comentou com Vó Tita. Mas se virou para mim e começou:

— Dadá, você pode ir, mas não mexa em nada! Só coma o que te derem, mesmo que esteja em cima da mesa! Se tiver dinheiro em cima das coisas, não mexa, pelo amor de Deus! Não entre no quarto da mulher, não abra a geladeira, não ligue a televisão. Nunca, nunca pegue em nada dela, ouviu bem?

Minha mãe tinha muita experiência com casa alheia; vivia há mais de cinco anos em uma. Sabia muito bem: tudo que sumia, a primeira suspeita era a empregada. Um dia dona Sara sentiu falta de um colar de missanga e foi logo perguntar para minha mãe do jeito grosseiro dela:

— Rosa, cadê aquele colar que eu ganhei de presente do Otávio no meu aniversário?

Minha mãe nem sabia que colar era esse. Então, a filha dela lembrou que a mãe havia emprestado para a tia usar em um casamento. Minha mãe suspirou aliviada.

Domingo minha mãe e eu chegamos à casa de Dona Martinha por volta das 10 horas. De tarde não dava porque íamos para missa no Jacarecanga. A mãe e a Vó tita nunca faltavam à missa do domingo.

Minha mãe bateu palmas. Dona Martinha botou a cara na porta de venezianas, saiu e veio nos receber ao portão. Entramos. A mulher chamou a gente pra cozinha. Estava fazendo o almoço. Em dias de sábado e domingo dona Raimunda ia fazer faxina em outras casas.

Dona Martinha perguntou para minha mãe sobre o trabalho dela, enquanto colocava refresco em dois copos. Depois, pegou um pote de bolachas salgadas, colocou várias em uma pequena bandeja, pegou queijo na geladeira, cortou algumas fatias e nos ofereceu. Eu nunca tinha comido tanto queijo. Tinha provado um pedacinho que Darlene me deu um dia, mas era um pedaço tão pequeno, que mal deu para sentir o gosto. Agora, estava comendo dois pedaços generosos. A mulher olhava para minha mãe, demonstrando muita piedade. Minha mãe sempre colocando a mão sobre a boca quando falava.

— Rosa — falou a mulher — não precisa tapar a boca ao falar. Sei que lhe faltam dentes. Não tenha vergonha!

Minha mãe começou a soluçar. A mulher afagou a cabeça dela que chorou ainda mais. Eu também chorei. Minha mãe soluçou por alguns minutos e depois começou a contar sobre sua vida: da tristeza de não saber de nada do meu pai desde que foi trabalhar no Mato Grosso, das humilhações que passava na casa da Dona Sara, das dificuldades para comprar as coisas para casa, que o dinheiro que ganhava mal dava para pagar luz, água e gás, que nem um caderno de arame podia comprar para mim. Vi umas lágrimas caindo dos olhos de dona Martinha. Então, minha mãe falou que permitia que eu olhasse o filhinho dela enquanto corrigia os deveres dos alunos dela, mas que não podia ser o dia todo. Só pela manhã.

— Tudo bem — falou Dona Martinha. — Eu levo Pedrinho para casa da vó dele de tarde e vou trabalhar. Só chego de noite.

Na segunda-feira cheguei às sete horas na casa de Dona Martinha. Ela já estava pronta para começar a corrigir os deveres dos alunos. Pedrinho estava sentado no tapete, rodeado de brinquedos. Dona Raimunda, na cozinha se aprontando para fazer o almoço. A professora almoçava pontualmente às onze horas e saía para a escola ao meio-dia em ponto. Era só o tempo de entregar o menino para a avó que morava na Avenida Francisco Sá, perto da fábrica de panelas Ironte, e pegar o ônibus até o Colégio Santa Isabel. Enquanto a professora corrigia os cadernos de seus alunos, fiquei observando seu jeito. Cabelos amarrados em um rabo de cavalo, sentada junto a uma mesa no quarto, muito concentrada no trabalho. De vez em quando, balançava a cabeça afirmativamente ou negativamente. Com a caneta, ia colocando certo, errado ou corrigindo erros dos alunos, mas de vez em quando olhava para nossa direção na sala. Estava observando se eu estava cuidando do menino mesmo.

Às oito horas, Dona Raimunda amassou bananas e me entregou para dar o lanche do menino. Ele não quis comer comigo, começou a se retorcer e a choramingar. A partir daí, Dona Martinha interrompeu suas correções, pegou o lindo menino no colo, começou a colocar a banana amassada em sua boquinha vermelha e este comeu sem resistência alguma. Fiquei meio frustrada, mas entendi que o menino estava acostumado a comer no colo da mãe.

Então aproveitei a folga para olhar mais a casa.

Perguntei se podia ver o quarto dela. Ela disse que sim. Fui entrando devagar, como se estivesse entrando no paraíso. O quarto era muito grande. Uma janela enorme com uma cortina bege esvoaçando ao vento. As paredes pintadas de uma cor muito linda, Acho que era rosa grená. Na parede maior, um guarda-roupas de madeira marrom enorme, com várias portas e malas em cima. Na outra parede, uma estante de uns quatro metros de comprimento por dois de altura repleta de livros infantis, enciclopédias, clássicos da literatura brasileira. Tinha mais livros do que na sala da diretora da escola. Depois vi uma porta. Abri e me deparei com um banheiro muito lindo: vaso sanitário branquinho com tampa, armário com um monte de shampoos, cremes, pastas de dentes, sabonetes e um chuveiro! Nunca tinha visto nada parecido.

Aí vi a cama. que cama linda! Colcha de Chenille igual à que tinha na cama da mãe de Darlene. Era azul. Fiquei com vontade de me sentar, mas lembrei do que minha mãe havia me dito: “Não mexa em nada, não pegue em nada da mulher”. Então, suspirei e voltei para a sala. Dona Martinha estava dando muitos beijinhos no Pedrinho, colocou-o de volta ao tapete e foi direto para o quarto continuar suas correções. Eu sentindo o cheirinho da comida que dona Raimunda preparava na cozinha, assistindo Tom & Jerry. Depois de uns minutos, perguntei para Dona Martinha se podia brincar com Pedrinho no quintal. Ela respondeu que sim, pois tinha uma sombra muito boa.

Entrei na cozinha. Passei por Dona Raimunda. Me deparei com um enorme quintal. Muito maior do que o que circundava o casebre onde eu morava e também muito diferente. Havia um pé de jambo cheio de frutinha ainda por amadurecer, um abacateiro também carregado, um sapotizeiro, uma mangueira florando e um pequeno cajueiro com alguns cajuzinhos de final de safra. Passarinhas de muitas espécies voavam para lá e para cá, circulando entre as fruteiras. Um beija-flor estava sugando uma flor que eu não sabia o nome. Eles cantavam, como que festejando o nascimento de mais um dia e comemorando comigo a esperança que brotava dentro de mim, de que a minha vida ia melhorar muito a partir daquele dia. Pelo menos almoço nunca ia faltar. Enquanto Pedrinho brincava com uns dos carrões, observei que não tinha pé de siriguela e nem goiabeira.

O quintal estava todo varrido e metade dele, coberto por ladrilhos vermelhos. Havia ainda quatro cadeiras de balanço e muitos vasos de plantas grandes, como palmeirinhas e roseiras. Embaixo da mangueira na parte de terra, um escorregador e um balanço de ferro para o menino brincar, além de muitos outros brinquedos de praia.

Era 9 horas, horário da costumeira soneca do Pedrinho. Dona Raimunda pediu que eu desse banho no menino, ali mesmo com a mangueira de regar as plantas. O menino se divertiu muito. Dona Raimunda o enxugou, colocou a fralda e colocou o garotinho na rede. Eu o balanceei e cantei as mesmas canções de ninar que cantava para Didi: "Dorme, neném, que eu tenho o que fazer, lavar e engomar camisinhas pra você". Depois de uns dez minutos a criança pegou no sono.

Então, perguntei para Dona Martinha se podia olhar uma das enciclopédias. e ela me entregou uma muito bonita. Grandona, vermelha com dourado. A História dos grandes personagens da história do Brasil. Sentei-me no tapete, perto da rede do Pedrinho e comecei a ler. Fiquei encantada! Foi o primeiro livro de verdade que li.

Às dez e meia Pedrinho acordou. Sentou-se na rede e tive que fechar o lido livro. Entreguei-o para dona Martinha e tirei o pequeno da rede. Dona Marta pegou o filho no colo, deu muitos beijinhos em suas bochechinhas rosadas, colocou-o no tapete e foi para o quarto tomar banho e se arrumar.

Dona Raimunda estava terminando de aprontar o almoço. só faltava passar o macarrão. O cheiro de comida inundando a casa toda. Minha barriga estava roncando. Desde que cheguei, não comi nada. Ainda estava com o que havia comido em casa. Café com farinha. Fiquei com vergonha de pedir merenda. Também achei que tinham esquecido de me oferecer algo para comer.

Quando terminou de se arrumar, Dona Martinha foi para a sala de jantar que ficava grudada na cozinha. Uma mesa com seis cadeiras, toalha de renda e um vaso no centro. Vi isso enquanto atravessava a cozinha ao levar Pedrinho para o quintal. A professora me pediu para levar o menino até a mesa para comer junto com ela. Entreguei o menino e fui me retirando para retornar a minha casa. O combinado era que eu ficaria só pela manhã. Quando eu já estava saindo pela porta da sala, a mulher me chamou:

— Daniela, volte, você não vai para casa sem almoçar. Venha comer comigo, Pedrinho e Dona Raimunda.

Fiquei paralisada, pois nunca imaginei que iria almoçar naquela sala de jantar tão bonita. Fui andando devagar, como se estivesse flutuando dentro de um sonho e que logo minha vó gritaria: “Acorda, preguiçosa, o sol já tá alto!”. Mas ela não gritou. Vi sobre a mesa várias travessas com comida: galinha cozida com legumes, bife com bastante cebola, arroz, feijão, macarrão... Minha boca encheu de saliva e quase babei na roupa! Sentei à mesa. A cadeira era alta; quase não conseguia encostar os pés no chão. Fiquei parada, olhando aquele mundo de comida que nunca tinha na minha casa. Ao notar a minha parálisia, Dona Martinha mandou que eu colocasse comida no meu prato, mas comecei a tremer. Senti um nó na garganta e lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Dona Martinha falou comigo com a sua voz mansa de professora:

— Que é isso, Daniela! Não chore! De agora em diante, você será muito bem cuidada, viu? Você é muito importante para mim e para Pedrinho. Se acalme e coma.

Depois de falar essas palavras, ela pediu para Dona Raimunda colocar comida no meu prato. Quando me soltei um pouco mais, desandei a comer e eu repeti duas vezes. Comi até purê de batatas, que eu nunca tinha experimentado. Após do almoço, fui para casa de barriga cheia. Quando entrei, vi Dedé sentado no sofá velho esburacado, contando umas moedas; tinha vendido latas e garrafas no ferro-velho do Tadeu. Olhou para mim com aquele ar superior e falou:

— Agora tu é babá? E tu pelo menos pode com o menino? A mãe falou que ele é maior e mais gordo do que o Didi. Tu não pode nem com o Didi!

E Dedé começou a dar risadas. Então eu falei com altivez, mesmo com medo de levar uma bordoada como sempre:

— Ele sabe andar! Eu não preciso botar ele nos braços, viu seu abestado! E tem mais: eu comi com a patroa na mesa chique!

E saí rodopiando igual ao pião que Dedé soltava na calçada e pegava na palma da mão. E ele:

— Eita, que mentira cabeluda! Nunca vi rico tratar pobre assim. Só se ela for doida!

E eu:

— Comi sim, sabe o quê? Galinha ao molho com legumes, macarrão, arroz, feijão e purê de batata. Comi três pratas!

A vó Tita ralhou comigo:

— Menina, não faça mais isso. É falta de educação comer mais de um prato nas casas alheias. Nem que ainda fique com fome. Nem que ofereçam, não é para repetir, viu? É muito feio!

Dedé falou:

— Pois se fosse eu, comia era cinco vezes, até o bucho espocar!

Eu concordei com a Vó Tita, fui muito mal educada mesmo. Prometi para mim mesma que nunca mais ia repetir um prato na casa da Dona Martinha.



## CAPÍTULO VIII — O PATRÃO

Já estava com quase quinze dias que eu ia todas as manhãs para a casa da professora Martinha. Eu estava como sempre, brincando com Pedrinho no quintal. Era o nosso lugar preferido. Ele até já comia o que eu lhe oferecia. Chamava-me de “Daele”. Tudo que pegava vinha me mostrar. Quando eu me sentava, vinha para o meu pequeno colo, mas eu sempre preferia que ele brincasse no chão. Era muito pesado. Acho que tinha uns quinze quilos. Era muito gordinho e enorme. Dona Martinha juntou várias roupas dele e me mandou levar para o meu primo-irmão, mas as roupas dele ficavam muito grandes no Dídi. Ela também comprou bolachas para ele

Era quase nove horas, quando ouvi uma voz de homem vinda lá da sala. Dona Martinha me chamou:

— Daniela, traz aqui o Pedrinho! O pai dele chegou!

Meu coração deu um salto. Sempre imaginei o dia em que aquele homem chegassem. Eu o vi na foto do casamento que ficava na estante do quarto. Era muito bonito, combinava com Dona Martinha. Formavam um lindo casal.

Na verdade, estava apavorada! E se me mandasse embora? Se não quisesse uma garota baixinha e feia, dos cabelos amaranhados e dentes “entramelados”, tortos e cariados cuidando do filho dele? Imaginava ele ralhando com a esposa:

— Onde você arrumou esse monstrengº? Pode mandá-la embora! Arrume uma outra mocinha para cuidar do Pedrinho!

Quando entrei na sala acompanhada de Pedrinho, vi que o homem era ainda mais bonito do que na foto. Parecia o Francisco Cuoco. Estava vestindo uma calça vinho, uma camisa branca com detalhes vinho nas mangas e na gola. trazia uma plaquinha de bronze dourada com o nome “Expresso de Luxo” em letras douradas. Seu rosto era comprido, cabelos bem cortados, olhos azuis esverdeados, que pareciam as águas do mar. Os dentes tão brancos e perfeitos quanto os da esposa. Eu não conseguia entender o porquê de umas pessoas terem dentes perfeitos e outras, como eu, não. O homem foi logo pegando Pedrinho no colo e lhe beijando as bochechas. Nem notou a minha existência. Aproveitei aquela euforia do encontro da família e fui para o quintal. Na verdade, eu queria mesmo era ir para minha casa. Meu coração estava disparado e as mãos geladas. Decidi não fugir para casa com medo que Dona Martinha ficasse aborrecida comigo. Então, fiquei escondida atrás do tronco da mangueira. Fui escorregando e me sentei no chão porque as pernas estavam tremendo e eu não conseguia me sustentar em pé, de tão nervosa.

Depois de uns quarenta minutos, já com a bunda dormente e depois de ter a vista escurecendo umas dez vezes, comecei a ouvir passos, cada vez mais próximos. Minha vista escureceu desta vez quase como um desmaio. Queria que tivesse um buraco bem fundo ali para eu cair dentro, mas não tinha. Ele chegou bem perto, com o Pedrinho nos braços. Colocou o menino no escorregador. Eu me encolhi mais ainda, como se fosse um tatu bola, perto do tronco da mangueira e fui me afastando para mais atrás. O tronco era bem grosso, por isso dava para uma menina quase anã e magrela se esconder. O homem ficou brincando com o menino. Eu, achando que ele não estava me vendo ali.

De repente com voz de pai carinhoso, perguntou para o Pedrinho

— Cadê a Daniele?

O menino falou com sua vozinha linda:

— “Daele”.

O pai tirou o menino do escorregador e falou:

— Vamos procurar a Daniele?

O menino saiu a minha procura falando:

— “Daele”, Daele”

E me encontrou atrás do tronco e me abraçou, falando:

— “Daele”, “Daele”

O homem, cujo nome era Williams (nome de príncipe), ficou de cócoras perto de mim e de Pedrinho.

— Tudo bem, Daniele? Pelo visto Antônio Pedro gosta muito de você!

Eu baixei os olhos. Ele falou:

— Não precisa ter vergonha de mim. Sei que nunca tinha me visto, mas, se minha mulher e meu filho gostam de você, eu também já gosto!

Ele me ofereceu a mão, me ergueu e me chamou para ir para a sala de jantar para almoçar, pois a comida já estava na mesa. Desta vez, não teve quem fizesse eu me sentar à mesa. Fiquei empacada no quintal. Dona Raimunda levou um prato de comida pra mim. Depois que comi sem pela primeira vez sentir o gosto delicioso da comida de dona Raimunda, entreguei o prato para ela e fui saindo de mansinho pelos lados da casa e fui embora. Ainda bem que ninguém me chamou; acho que resolveram respeitar aquele meu momento de timidez. Ainda bem que era sexta-feira e ele viajaria na segunda bem cedinho. Dona Raimunda que falou que o patrão saía de casa por volta das quatro e meia da manhã. Melhor. Assim eu não o encontraria porque só chegava às sete. Segunda-feira calcei a chinela nova que ganhei de Dona Martinha, vesti meu macacão tipo jardineira que ela também me deu; era de uma sobrinha que não usava mais. Um dia, trouxe para mim muitas roupas usadas da casa da irmã dela. Vestidos, saias, blusas e até calcinhas, mas sapatos nenhum deu para mim. Enquanto a menina calçava 36 eu calçava 34. A menina em questão tinha oito anos. Ainda assim, eu estava feliz com as roupas. Pelo menos andava mais apresentável. Até os cabelos tinha cortado. Agora estavam bem curtinhos.

Quando cheguei à casa de Dona Martinha naquela manhã de segunda-feira, encontrei o portão entreaberto. Estranhei logo, porque eu sempre precisava tocar a campainha e Dona Raimunda vinha abrir o portão. Entrei devagar. Cheguei à porta da sala e senti cheiro de café fresquinho. Outra coisa estranha. Eu nunca havia sentido

cheiro de café quando chegava. Geralmente, dona Martinha já estava trabalhando no quarto e eu ganhava uma banana ou um copo de refresco com bolacha. Depois pegava o Pedrinho no quarto de dona Martinha e ia brincar com ele no quintal, no jardim ou na sala, até as nove horas, quando ele tirava a soneca. Então pegava um livro ou enciclopédia para ficar lendo perto da rede do menino. Era essa a rotina. Eu sempre adentrava a casa pela porta da cozinha. Seguia pela lateral da casa que ia dar no enorme e arborizado quintal. Ali tinha a área de serviço e logo depois a porta da cozinha. Dona Raimunda estava fazendo tapioca e, quando me viu, foi logo falando com o seu jeito de Vó Tita:

— Lava as Mãoz e vai passando manteiga nas tapiocas. Vamos, menina, vamos!

Eu obedeci meio sem entender o nervosismo da mulher. Ela cochichou:

— Eles vão já se levantar pra tomar café. ainda estão no quarto...

Aí meu coração disparou. O homem não tinha viajado! Estava em casa! Lascou! Falei com dona Raimunda:

— Então, eu vou embora, ele brinca com o Pedrinho, né?

A mulher colocou as mãos na cintura, chacoalhou a cabeça e falou:

— Só o que faltava! Eles vão é passar a manhã namorando! Depois ele vai levar ela até a escola. É sempre assim. Ele viaja só daqui a dois dias. Ele pegou o fim de semana. Isso só acontece a cada dois meses.

-Eles estão brincando com o menino, mas estavam só esperando tu chegar, a mulher completou.

— E tu deixa de besteira que o Seu Williams é muito bom. Ele gostou de tu. Deixa de ser envergonhada. Tá bom de se acostumar com ele. Uns dez minutos depois dessa conversa, o casal e o filho chegaram à sala de jantar e começaram a comer tapioca com café. Eu continuei no quintal. Já havia tomado meu café com tapioca antes deles chegarem.

Meia hora depois, Dona Raimunda trouxe o Pedrinho para mim e nós começamos as nossas brincadeiras de fazer buracos, estradinhas, morrinhos... O casal retornou para o quarto e o patrão nem chegou perto de mim. Eu fiz o sinal da cruz agradecendo a Deus por isso.

Dei banho no menino, alimentei-o com maçã raspadinha, coloquei para dormir, fiquei assistindo televisão, e o casal no quarto. Pedrinho acordou às dez e meia e o almoço já estava quase pronto. Desta vez, Dona Raimunda estava fazendo baião de dois, peixe frito e salada de legumes.

Pedrinho acordou chamando “Daele”, Daele”, estendendo os bracinhos gordos para sair da rede. Com muito esforço, consegui erguer o menino e colocá-lo no tapete. Dez minutos depois o casal saiu do quarto de banho tomado e roupas de passeio. Ele, com uma calça jeans azul, camisa gola polo da marca Pool e sapatos tipo mocassim. Ela, de vestido justinho marrom na altura do joelho e sandália modelo anabela com rosto dourado. Um lindo casal apaixonado.

Dessa vez não deu para fugir. Foi o jeito encarar. Ele passou a mão na minha cabeça, pegou o Pedrinho e foi direto para a sala de jantar. Almoçaram. Dona Martinha me chamou para o quarto, pegou um envelope e me entregou:

— Entregue para a sua mãe, viu? Você ainda é muito criança para ficar com dinheiro.

— Eu prefiro que a senhora entregue para ela ou para minha avó. Tenho medo de perder.

Ela passou a mão na minha cabeça e falou:

— Muito Bem, Daniela! Então, vamos passar lá na sua casa e entregar para sua vó, já que sua mãe não está em casa.

Eu fui para casa muito feliz. Não sabia que ia ganhar dinheiro pelo que estava fazendo. Para mim, só de lanchar, almoçar e ainda ganhar roupas e chinela, já estava bom demais.

Lá pelas sete da noite, Dona Martinha e o Seu Williams chegaram a minha casa. Parecia que havia saído da televisão.

Vó Tita abriu a porta e eles entraram. Eu não falei nada dessa visita para minha vó, pois podia não ser verdade. Mas eles estavam ali, bem na minha frente. A Vó Tita pediu que se sentassem, mas acho que ficaram com medo de afundar no sofá velho e rasgado, o que era compreensível. As cadeiras também com os assentos soltos não eram nada acolhedoras, por isso ficaram de pé mesmo. Dona Martinha tirou o envelope da bolsa e entregou pra vó Tita. Ela abriu e viu o dinheiro:

— O que é isso? —

Falou com a voz embargada.

— É só uma ajudinha pelo que Daniele está fazendo lá em casa, cuidando do Pedrinho enquanto eu corrojo as tarefas dos meus alunos. Se pudesse, pagaria mais. Acho que esse dinheirinho vai dar para comprar o caderno de arame que ela tanto deseja e precisa.

E os dois se foram. Vó Tita contou o dinheiro depois que o casal saiu: cinco cruzeiros. Acabei me acostumando com o patrão com cara de artista. Ele passou aquela semana toda em casa, mas durante o resto do mês de janeiro não apareceu mais. Não sei como Dona Martinha aguentava aquilo. Passava o tempo todo sozinha com o Pedrinho. Não sei o que fazia nos finais de semana. Dona Raimunda e eu não ficávamos lá. Talvez fosse para a casa da irmã. A mãe e o pai dela tinham falecido afogados no mar da Praia do Futuro. Ela nem gostava de falar do assunto. Foi Dona Raimunda quem me contou. Só restava de parente a irmã dela.

Acabou janeiro. Graças à Dona Martinha, Vó Tita tinha o dinheiro para pagar a minha matrícula de doze cruzeiros e a do Didi, uma taxa de oito cruzeiros. Ainda podia comprar a farda, a merendeira e a pasta escolar dele. Fiquei com medo de não sobrar para comprar o meu caderno. A mãe falou que dava sim e ela ia completar, caso faltasse dinheiro. Um dia minha mãe chegou com o meu primeiro caderno de arame. Não era de dez matérias, mas fiquei muito feliz, pois havia uma capa linda, uma arara pousada em um galho cheio de folhagens e flores. Meus olhos se encheram de lágrima. Vi que a minha vida estava mudando para melhor, graças à Dona Martinha que mostrava a cada dia se preocupar comigo e com o meu futuro. Também passou a ajudar a Vó Tita com o Didi. Sempre comprava leite para ele. Até que o bichinho começou a ganhar uma corzinha e o cansaço diminuiu. Minha mãe comprou também lápis, caneta, uma caixa de lápis colorido com doze cores. Certo que era de uma marca bem ruizinha. As pontas quebravam fácil. Não deu para comprar o caderno de desenho.

Fevereiro de 1975. Chegou o dia da reunião inicial das aulas. Eu fui com a Vó Tita. Dedé ficou olhando o Didi. O pátio estava lotado de mães, pais, avós e avôs, para escutarem as instruções do novo ano letivo e as quatro professoras sentadas do outro lado. Dona Salete entrou no salão com a sua saia azul marinho, blusa branca, o costumei-

ro coque no cocuruto, óculos de grau na ponta do nariz e uma cara muito séria.

— Boa tarde, Senhoras e Senhores.

Assim mesmo, sem exclamação. Curta e grossa. Os presentes responderam “Boa tarde” quase no mesmo tom dela. A mulher prosseguiu.

— Sei que estão muito ansiosos pelo retorno das aulas, mas infelizmente isso não vai acontecer aqui neste lugar.

Fez-se um silêncio tão profundo que, se caísse um alfinete, daria para ouvir quando encostasse no chão. Depois começou um burburinho de vozes aflitas. A Diretora pediu silêncio. Estava difícil o povo ficar calado. Ela bateu palmas e berrou um “Silêncio” tão alto que certamente depois seria difícil para ela usar a voz. Mas como já estava acostumada a gritar com a gente quase todos os dias para que retornássemos para a sala de aula depois do recreio cujo fim nunca queríamos aceitar, ela conseguiu. O povo passou a cochichar, tentando adivinhar o que estava acontecendo. A Diretora prosseguiu:

— O Projeto As Pioneiras Sociais foi encerrado. Agora este prédio será de uma escola particular. Quem quiser estudar aqui vai ter que pagar uma mensalidade de cinquenta cruzeiros por mês, comprar fardas e material escolar. Eu não sou mais a Diretora.

Depois disso, entrou uma mulher alta, de cabelos louros bem penteados, vestido longo azul turquesa e sapato alto. A mulher explicou que havia comprado o prédio e que, a partir daquele dia, a escola seria paga. Depois disso, não consegui escutar mais nada. O pensamento era onde eu iria estudar. Voltamos para casa arrasadas. Vi umas lágrimas escorrendo no rosto de minha avó. Ela sabia que jamais teria dinheiro para pagar aquele valor e ainda mais comprar farda, sapato, materiais de uma lista de materiais que as escolas impunham para que fossem comprados. Em escolas públicas, eu nunca fui aceita, por ser considerada “fora de faixa”. Com doze anos na quarte série fraca. Era para estar na quinta série. Quando vi a Vó Tita chorando, comecei a chorar também. Seguimos rumo a nossa casa molhando as areias do Pirambu com nossas lágrimas desesperadas, pois era o que nos restava fazer. As aulas iam iniciar depois do Carnaval, na segunda quinzena de fevereiro. Quando a minha mãe chegou no domingo, a Vó Tita passou a situação para ela. Minha mãe sem-

pre chegava umas sete horas, depois de deixar o café dos patrões na mesa. O certo seria minha mãe sair de lá no sábado à noite, mas a patroa dizia que a folga era domingo e não sábado.

Eu ainda estava na minha rede, só escutando a conversa das duas mulheres que eram responsáveis pelo meu futuro. Só escutei o “E agora?” da minha mãe e depois, mais nada.

Diante daquele silêncio delas, percebi que seria mais um ano sem estudar. Pelo menos tinha a estante de Dona Martinha com muitos livros e ela sempre me emprestava enquanto o Pedrinho dormia. Podia fazer cópias no caderno de arame. Havia até uma Enciclopédia de Matemática. Eu podia fazer contas, estudar a tabuada e o Atlas! Estudaria Geografia nele e, quando estivesse bem sabida, faria o exame de admissão para a quinta série lá no Sales Campos. Podia estudar à noite com quatorze anos. Eu ouvi falar disso pelos vizinhos que estudavam lá. Fiquei olhando para o telhado cheio de buracos, sem coragem de sair da rede e encarar aquela dura realidade. Além disso, estava com muita pena da minha mãe. Dedé já não estudava e agora eu? Seria demais para ela. Vi que a pobrezinha se aproximou da minha rede, mas não falou nada. Decidi encarar a realidade. Levantei-me e cheguei perto dela:

— Deixa, mãe. Quando fizer quatorze anos vou estudar de noite no Sales Campos. Eu passo no exame de admissão.

Minha mãe colocou as duas mãos nos meus ombros e falou:

-Vou ver se arrumo uma bolsa para você.

Eu escutei, mas não entendi. Se eu não iria para a escola, por que minha mãe queria arrumar uma bolsa pra mim?

Cheguei cabisbaixa na casa da dona Martinha. Ela estava aguando as plantas. Dei bom dia e fui para o meu posto de trabalho: o tapete da sala onde Pedrinho já estava montando um joguinho de encaixar para formar um palhaço. Assim que me viu, foi logo me mostrando o seu feito extraordinário:

— Daele, paaxo!

Mesmo com a minha profunda tristeza, não pude deixar de rir. As peças todas erradas!

Dona Raimunda me chamou quando chegou à porta da sala.

— Estou sabendo. Não tem mais Pioneiras Sociais. Minha sobrinha estuda lá também. Coitada! Vai estudar à noite no Sales Cam-

pos. Já tem quatorze anos. Todo mundo que tem essa idade vai ser remanejado para lá. E os que não têm? Como vão estudar? É o seu caso, né?

Balancei a cabeça afirmativamente. As lágrimas desceram pelo meu rosto. Pedrinho notou:

— Xoa não, Daele.

Passou a mãozinha gorda no meu rosto. Então, juntou tristeza com emoção, e eu passei a soluçar compulsivamente, me entalando com os soluços. Dona Martinha ouvindo o som dos meus soluços, soltou a mangueira e veio se sentar no sofá. Ela também já sabia que o projeto Pioneiras Sociais havia acabado. Ela explicou que foi apenas aquela escola que havia fechado ali no Pirambu, que havia outras escolas da mesma Fundação em Fortaleza, que iria ver se encontrava alguma para eu estudar. Pediu que eu me acalmasse por que estava assustando o menino. Realmente, o garotinho começou a fazer beicinho querendo abrir um berreiro. Eu saí para o quintal deixando Pedrinho com a mãe, que ficou chamando: “Daele” “Daele”. Então, desabei no tronco da mangueira.



## CAPÍTULO IX — O SEGUNDO MILAGRE

Passei a semana na expectativa da tal bolsa sobre a qual minha mãe falou outro dia, dizendo que pediria ao patrão dela arrumar para mim e para o Dedé. Todas as noites daquela semana interminável eu ficava na rede, olhando para os pedacinhos de céu que dava para ver através dos buracos do telhado, imaginando como seria essa tal bolsa: a cor, o tamanho, se era de colocar nas costas ou se era de alça... Eu nunca tive uma bolsa para levar os livros para a escola. Para isso eu sempre usava um saco de plástico, enquanto as outras meninas sempre olhavam torto porque eu não tinha uma bolsa de verdade. Aliás, eu não tinha nada! Sempre pegava os “cotocos” de lápis que os outros jogavam na lixeira da sala.

Finalmente, o domingo chegou. Vi a minha mãe entrando em casa, mas não trazia nenhum embrulho. Somente a bolsa de pano dela. Fiquei muito contrariada. Aproximei-me dela e perguntei:

— Mãe, e a bolsa que a senhora falou que iria arrumar?

Ela se sentou na cadeira, equilibrando-se no assento solto, suspirou e respondeu:

— O patrão vai falar com um deputado amigo dele para ver se arranja. Disse que amanhã me dá a resposta.

Eu fiquei ainda mais confusa. Precisa de um deputado para comprar uma bolsa para mim? Então, devia ser uma mochila igual à da Darlene, só pode! Muito cara! Meu coração disparou de alegria, imaginando quando eu chegasse na sala com a minha bolsa linda!

Na segunda-feira, fui para a casa de Dona Martinha, saltitando, pensando na bolsa muito cara que ganharia do deputado. Se fosse vermelha, ia ser linda demais! E eu colocando o meu caderno de arame dentro dela, os meus lápis de cores novinhos, as canetas... Só faltava achar uma escola onde estudar para todo mundo ver a minha bolsa nova.

Quando cheguei em frente à casa de Dona Martinha, toquei a campainha. Ninguém saiu para abrir. Toquei novamente mais demorado e nada! Sentei na calçada com as mãos no queixo disposta a esperar. A vizinha vinha chegando da bodega com um saco de compras.

— Tem ninguém em casa, não! A professora dormiu na casa da sogra e Raimunda foi se consultar no Posto.

Voltei para casa chateada porque não ia comer o almoço delicioso da Dona Martinha. Cedinho, antes de a mãe sair para trabalhar, ouvi a Vó Tita falando que não tinha nada para mistura. Naquele dia, como quase sempre, a gente ia comer feijão com arroz e a mistura ia ser a língua. Era assim que ela respondia para o Dedé quando ele perguntava pela mistura.

Como eu sabia que no final do mês talvez a Dona Martinha daria algum dinheirinho para Vó Tita, decidi passar na bodega da Dona Maria e pedir um fiado. Sabia que a Vó já tinha ultrapassado a cota dela do mês passado e não tinha pagado porque fez a matrícula do Didi no Sales Campos e comprou os nossos materiais, mas criei coragem e entrei na bodega.

Dona Maria estava sentada no sofá da sala, assistindo ao noticiário da manhã no seu aparelho de tv colorido. Eu bati no balcão. A mulher olhou e, com seu jeitão meio grosseiro, perguntou:

— O que é? Tua Vó mandou pagar a conta?

Eu, muito envergonhada de falar alto, permaneci calada, em pé perto do balcão. Ela, com um certo esforço por conta do excesso de peso e das veias quebradas que formavam mondronhos escuros nas pernas grossas, se levantou do sofá e se aproximou do balcão. Olhou para mim, já sabendo que eu iria falar em fiado. E foi isso que fiz, gaguejando:

— Do...Do... na Ma... Maria, a Vó Tita mandou pedir pra se... senhora vender uns ovos no fiado... é que não tem nada para mistura, só feijão e arroz.

A mulher pegou um saco sem falar nada e colocou cinco ovos dentro; depois, cortou um pedaço de mortadela e me entregou.

Da bodega até chegar na minha casa não era muito longe. De lá dava para avistar o pé de castanholha que ficava quase em frente. Era o nosso *point*. Era na calçada, debaixo dele, que aconteciam as reuniões para combinar as brincadeiras, como time de fora, bandeirinha, *Jow* cola, *Jow* ajuda, etc. Enquanto ia andando como sempre chutando as areias para ver se aparecia alguma moeda, desenterrei uma carteira de cigarros daquelas de embalagem dura, que valia cem cruzeiros de mentirinha. Juntei para dar para o Dedé. Quando abri, vi que tinha ainda alguns cigarros e bem enroladinha, junto com eles, uma cédula. Com as mãos trêmulas, retirei a nota, desenrolei e era uma nota de dez cruzeiros! Imediatamente, voltei à bodega. Dona Maria tinha voltado a assistir televisão no seu sofá macio. Quando me viu, foi logo reclamando:

— De novo, menina! O que é agora? Já disse que não vendo mais fiado pra sua Vó até ela pagar essa conta!

Toda orgulhosa, respondi:

— Vim foi pagar a conta, Dona Maria!

A mulher me olhou meio desconfiada e perguntou:

— Como é que tu acabou de comprar fiado e já voltou pra pagar?

Respondi sem pestanejar:

— A minha patroa me deu o dinheiro pra pagar a conta!

Fiquei com medo de falar que havia achado o dinheiro e ela dizer que tinha perdido. Então, paguei toda a conta da Vó Tita e ainda sobrou uns quatro cruzeiros! Fui pensando no que inventar para Vó Tita sobre as “compras” e se contava sobre o dinheiro que achei. Fi-

quei com medo que ela fosse perguntar para Dona Maria da bodega sobre o dinheiro com o qual eu tinha pago a conta. Parei um pouco na calçada da casa de Darlene para dar tempo de encontrar uma solução e achei.

Cheguei em casa, entreguei a mistura para Vó Tita que foi logo perguntando onde eu tinha arrumado “aquilo”. Contei a verdade para minha avó. Até mostrei a carteira de cigarros e o troco que salvou as compras do outro dia. Ela me deu aquele abraço com cheiro de fumaça e falou:

— Muito bem, minha neta! Fale sempre a verdade, assim nunca ninguém há de duvidar da sua palavra! E o que disse para Dona Maria?

Eu olhei meio ressabiada para vó Tita e respondi:

— Pra ela eu falei que foi a Dona Martinha quem me deu, mas foi alguém muito melhor do que ela, foi Deus quem me deu! Se eu dissesse que tinha achado, ela não ia acreditar mesmo. Acho que a dona Maria da bodega não acredita em milagres, mas a senhora acredita, não é Vó? É por isso que a Senhora reza todos os dias, não é?

No outro dia fui para a casa de Dona martinha. Já sentia até saudades do Pedrinho; estava muito afeiçoada talvez mais ao almoço delicioso da Dona Raimunda, mas é certo que gostava do menino. Muito peralta, mas carinhoso. às vezes se atracava nos meus cabelos e puxava com tanta força que eu gritava de dor. Então, Dona Martinha vinha correndo para desgrudar as mãos dele, que custava a soltar e ficava chorando, esperneando, sem querer soltar.

Vi logo que tinha alguém em casa, pois as venezianas da porta estavam abertas. O portão estava sem o cadeado. Fui pela cozinha como sempre e a porta estava aberta, mas não vi dona Raimunda. A pia estava cheia de louça. Eu gostava de lavar as louças porque tinha torneira inox e esponjas novinhas. Também as panelas eram muito limpinhas, diferentes das panelas de casa que eram muito velhas e tisnadas de carvão. A vó já não conseguia dar brilho nelas. Comecei a lavar as louças. Quando já estava enxaguando, senti uma pessoa chegando perto de mim por trás. Pensei que fosse Dona Raimunda e continuei lavando a louça sem olhar para trás, mas não era ela. Ouvi uma voz grossa:

— Menina, olha aqui!

Olhei. Meu coração disparou. As pernas ficaram bambas e minha cabeça começou a latejar. O que eu vi me deixou apavorada!

Era o Seu Williams só de cueca. Não tive forças para sair correndo. Fiquei paralisada.

Ele entrou na casa e me chamou. Não fui. Fiquei estática perto da pia, sem me mexer. Ele gritou:

— Vem logo aqui, menina! Quero te mostrar uma coisa!

Eu continuei no mesmo lugar tremendo e chorando com as mãos tapando os olhos.

Ele continuou:

— Se tu não vier, vou mandar a Martinha te mandar embora e você não vai mais brincar com o Pedrinho.

Continuei no mesmo lugar, sem conseguir me mexer, tamanho era o pavor.

Eu já tinha visto muitos homens de sunga na praia, mas o modo como ele falou foi o que me assustou. Pensei em sair correndo, mas sabia que ele me alcançaria antes de chegar ao portão. O homem continuou falando coisas que eu não entendia, como se tivesse sentindo uma dor, gemia e dizia coisa que a Vó Tita ralhava com o Dedé quando ele começava a falar em casa. Os barulhos que o Seu Williams estava fazendo eram parecidos com os que o meu irmão fazia quando fingia que estava dançando com uma moça na tertúlia. A vó mandava logo ele parar com aquilo, que ela dizia ser imoral.

Mas os barulhos daquele homem eram mais fortes e altos. Ele fungava alto demais e me chamava para ver o que ele estava fazendo.

Não suportando mais aquela situação amedrontadora, tomei uma decisão.

Olhei para o pé de jambo, muito baixinho; olhei para o cajueiro, também fácil de me alcançar e a folhagem não ia dar para me esconder. Então, olhei para a mangueira. Vi que o tronco era muito mais comprido do que o de um pé de castanhola; ia ser muito difícil fazer aquela escalada, mas eu precisava tentar. Era o único lugar onde eu poderia escapar daquele homem que estava me causando pânico. E foi o que fiz: subi primeiro no escorregador e me atraquei feito uma macaca no tronco, finquei os pés nas resinas e nas cascas, e consegui atingir o final do tronco. Os galhos também não eram fáceis de es-

calar, mas eu não tinha outra saída. A qualquer momento o homem sairia a minha procura, já que eu não atendia aos seus chamados.

Eu bem que sabia o que um homem fazia com uma mulher porque via cenas de amor nas novelas das oito e das dez, quando eu conseguia driblar a Vó Tita que sempre cochilava no velho sofá, enquanto balançava o Didi para ele dormir. Assim, fugia para assistir pelas frestas das janelas das casas, cenas das novelas Saramandaia e Gabriela; mas nunca poderia imaginar que um homem quisesse fazer aquelas coisas com uma menina.

Com os pensamentos a mil por segundo, o coração disparado, a vista turva pelas lágrimas, pés e mãos escorregadias, quase despençando dos três metros de altura do primeiro galho que estava escalando para chegar o mais alto possível, continuei ouvindo a voz do homem que tanto me tinha impressionado no primeiro dia que o vi; parecia tão educado, gentil. Havia me tratado tão bem. Eu não consegui entender aquela situação, mas sabia que estava correndo muito perigo. Disso eu tinha certeza!

Com muito esforço, me arrastando pelo galho comprido, consegui chegar ao segundo que tinha outros galhos mais finos grudados a ele, então segurei firme neles e fui subindo e subindo e subindo, até que cheguei no último galho e ali me sentei, e os soluços tomaram de conta de todo o meu corpo. Fiquei lá sentada, grudada nos galhos da mangueira na qual eu nunca havia subido para pegar uma das mangas rosadinhos que davam água na boca. Comia somente as mangas quando elas caíam no chão do quintal. Como a época das mangas é só até janeiro, no máximo, nos galhos só havia flores.

Depois de uns dez minutos, o homem chegou à porta da cozinha me procurando. O meu coração quase parou. Prendi a respiração. O homem foi até o final da casa, olhou no jardim e voltou para o quintal. Depois foi até o pequeno banheiro que havia na área de serviço e começou a falar comigo:

— Eu sei que você ainda está aqui, menina! O portão está trancado! Não vi você pulando o muro! Apareça, vamos conversar, eu só estava brincando!

E eu grudada nas folhas do galho mais alto da mangueira, quase sem respirar. Assim que o vi, engoli o choro e estanquei os soluços. Meus olhos se dilataram e acho que até o coração parou de bater. Sen-

ti uma forte tontura, minha vista começou a escurecer, pois eu sabia que era questão de tempo ele me achar.

O homem ainda só de cueca, continuou falando comigo, como se eu estivesse perto dele, olhando em todos os lugares, até na dispensa entrou.

Bem baixinho como se estivesse cochichando, quase gemendo, começou a narrar o que iria fazer comigo quando me achasse, que sabia que eu iria aparecer.

Eu sabia que o próximo passo dele seria verificar se eu estava em cima das fruteiras do quintal. Ele sabia que eu não tinha evaporação, claro.

Mais uma vez, me lembrei dos terços da Vó Tita: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”. De olhos fechados, imaginei minha Vó rezando o terço.

Mais uma vez só tinha aquela saída para mim. Sabia que aquele homem escalaria aquela mangueira muito mais rápido do que eu; tinha pernas e braços longos. Era alto, dava duas alturas do Dedé, que já era meio alto.

Com os olhos fechados, quase desmaiando, fiquei imaginando que estava com o rosário da Vó Tita na mão e, só com o pensamento, continuei rezando, o que muitas vezes me recusei a fazer por não entender o porquê dos nossos sofrimentos, do sumiço do meu pai, das dores de dentes da minha mãe, do Dedé e das minhas próprias dores; não conseguia compreender porque tinha gente com tanto e outras sem o mínimo para viver com dignidade. Eu não podia aceitar. Colocava a culpa de toda a nossa pobreza no Deus que vivia nas igrejas com padres e freiras falando para a gente rezar e rezar e rezar. Mas, depois das missas, nem direito a comer uma pipoca a gente tinha. Muitas vezes, quando chegava em casa depois de uma missa de domingo, ia dormir com a barriga roncando de fome. Enquanto isso, as caixinhas da igreja cheias de dinheiro da coleta que até minha mãe colocava, mesmo não tendo nem para comprar um ovo para a gente fazer uma farofinha.

Mas, ali, diante daquela situação de pavor, eu não via outra maneira de me consolar. Estava mais apavorada do que naquele dia em que quase morri afogada no mar. Aquele dia que eu vi o menino mais

lindo do mundo... o anjo. Cabelos lisinhos que, mesmo com o vento da beira do mar, não se assanhava. Olhos verdes da cor do mar da tarde, que a gente via de cima dos morros; parecia ter uns treze anos. Então lembrei que, embora estivesse na praia, não estava de sunga, mas usava uma camisa branca de mangas compridas, parecia seda, brilhava com os raios de sol. Ele sorria para mim e seus dentes brancos e perfeitos também reluziam como raios de sol. Eu não me conformava de ver tanta gente com os dentes perfeitos e branquinhos e os meus serem tão feios, fora do lugar e encardidos, com buracos para todo lado e ainda sentia dores de dente terríveis! Por uns momentos até consegui esquecer onde estava e por que. Mas logo voltei à realidade.

O homem fez exatamente o que eu temia e começou a me procurar em cima das árvores, sempre falando coisas nojentas sobre o que estava sentindo. Continuei rezando o terço imaginário, me apegando a todos os santos que a Vó Tita invocava no final do terço: “São José, rogai por nós, Senhora imaculada Conceição, tende piedade de nós...”

Eu estava começando a entender para que Deus servia, afinal. Talvez ele não existisse para nos dar comida, roupas ou dinheiro, mas para nos proteger nos momentos de dificuldades e perigos, como naquele momento. Se não ia me livrar daquele homem, pelo menos estava me confortando, dando esperança, me aliviando o medo tremendo.

Depois de olhar para cima do pé de jambo, cajueiro e sapoti, o homem foi para debaixo da mangueira e falou:

— Sei que está aí em cima, menina, e é melhor você descer, viu? Não quero ter que subir! Desce, vai! Eu não vou te fazer mal!

E eu pensei: como não vai me fazer mal? É tudo que quer, me fazer mal. Eu sempre ouvia as mulheres conversando, quando uma moça aparecia grávida sem se casar, e diziam que o namorado tinha feito “mal” a ela.

Acho que ele não tentou subir na mangueira porque estava com medo que eu ficasse mais assustada ainda, então poderia pular e morrer. Seria pior para ele.

Continuei rezando o terço e invocando os Santos, porque não acreditei nele. Eu tinha certeza de que, assim que descesse, ele me agarraria. Então, continuei agarrada nos galhos, rezando o terço e chorando.

Comecei a analisar o que iria fazer quando ele subisse. Pensei na altura que eu estava, que dava mais ou menos uns dez metros até o chão. Se eu pulasse, com certeza morreria. Analisei a possibilidade de me pendurar em um dos galhos mais finos que, envergando, ficaria a uns cinco metros do chão. Talvez eu quebrasse as pernas e ele ainda me pegaria.

O sujeito ficou embaixo da mangueira, tentando me convencer a descer.

Depois de uns dez minutos, notei com enorme alívio que ele não iria subir. Tentou mais uma vez me convencer a descer da mangueira. Percebi que ele estava um pouco preocupado, aflito, porque torcia as mãos e sua voz estava mais calma e já não dizia as coisas de antes, pois pedia para que eu descesse da mangueira devagar, com cuidado para não cair.

Vendo que eu não iria descer mesmo e que eu poderia cair, falou:

— Olha, eu vou sair, viu? Aí você desce e espera a Martinha que está perto de chegar. Aí você fala para ela que, assim que chegou, eu saí logo. Se contar alguma coisa sobre o que aconteceu de verdade, ela não vai acreditar em você! Então é melhor não falar nada. E não conte para ninguém, porque vão achar que você é uma menina enxerida, que fica se oferecendo para os homens e isso não vai ser bom para você.

Dito tudo isso, ele entrou em casa, se vestiu e saiu, fechando o portão. Eu, por minha vez, permaneci em cima da mangueira ainda por mais uns vinte minutos e então comecei a descer ainda tremendo. Com os pés e as mãos suados, foi muito difícil a descida. Escorreguei diversas vezes, quase chegando a despencar de cima da mangueira.

Depois de atingir o chão, me abracei ao tronco da mangueira salvadora e desabei no choro novamente. Então, me ajoelhei no chão e, com toda a força da minha voz, gritei:

— Obrigada, meu Deus! Mais uma vez o Senhor me salvou!

Aos poucos fui procurando me acalmar, respirando fundo. Depois entrei na cozinha, tomei água e me sentei em uma das cadeiras de balanço que ficavam na área de serviço. Naquele momento senti como se tivesse acordando de mais um dos muitos pesadelos que me atacavam nas noites traíçoeiras.

Com medo de que minha patroa notasse o meu estado de nervos, lavei bastante o rosto e continuei respirando bem fundo, puxando o ar dos pulmões, pensando em coisas boas, fechei os olhos, lavei o rosto e pensei que precisava mostrar tranquilidade para quando ela chegasse, já que eu não queria perder aquele trabalho tão vantajoso.

Sabia que aquele homem vivia viajando e era muito difícil ele me atacar novamente porque teria muito cuidado dali por diante antes de entrar na casa. Dona Martinha era muito boa para mim.

Dali a meia hora, ouvi o portão se abrindo e a patroa entrando, trazendo Pedrinho pela mão, acompanhada de Dona Raimunda. Eram umas dez horas da manhã.

Aproximei-me do grupo, peguei a mão de Pedrinho e o levei para brincar no quintal para evitar de olhar para dona Martinha, com medo de que ela fizesse alguma pergunta sobre o marido, afinal ela o tinha deixado em casa dormindo e ele não se encontrava em casa. Dona Raimunda começou a esquentar a comida que tinha deixado pronta antes de sair na noite anterior e colocado na geladeira. Ela dormiu na casa porque saíram de madrugada para uma consulta médica dela. Era sempre assim para quem precisasse se consultar com um médico especialista: tinha que sair de casa às quatro da manhã no máximo e ainda corria o risco de nem conseguir. A consulta era para bater uma “chapa” dos pulmões, ela me contou, enquanto eu banhava o Pedrinho na bacia quase na porta da cozinha.

Dona Martinha tinha acompanhado a mulher à consulta no INPS. Pedrinho tinha ficado na casa da avó.

Observei que os olhos de Dona Raimunda estavam mais inchados do que os meus. Havia chorado. Na semana seguinte, Dona Raimunda voltou ao médico que deu o diagnóstico de tuberculose. Assim, se justificava a magreza exagerada da mulher que comia muito bem na casa da patroa. Dona Raimunda foi se internar no hospital São José e a filha dela passou a ocupar o seu lugar na casa. Carla. Uma moça muito calma, tão trabalhadora e prestativa quanto a mãe. Nos demos muito bem. Ela conversava muito comigo e foi quem me orientou sobre menstruação.

Eu nada falei para ninguém sobre o que aconteceu naquele dia horrível. Graças a Deus, nunca mais encontrei o seu Williams sozinho. Quando chegava de viagem, se trancava no quarto e nunca

chegava perto de mim. Assim que o via chegando, fugia portão afora e só voltava no outro dia. Dona Martinha nunca reclamava dessas minhas fugas. Acho que até entendia os meus motivos. Carla também se mandava, quando o marido chegava de

viagem.

Finalmente, chegou o domingo tão esperado em que a minha mãe ia trazer a minha bolsa. Nesse momento, descobri que a bolsa era uma vaga cedida por um deputado numa escola particular. No meu caso, a escola era o Círculo Operário que ficava no Monte Castelo. Fiquei mais uma vez sem a tão sonhada bolsa para levar os meus materiais que consistiam em um caderno de arame, uma caixa de lápis de cores, um lápis preto com borracha de duas cores, um apontador de ferro novinho e só. De todo modo, estava muito feliz porque estudar era o que eu mais gostava de fazer na vida.



## CAPÍTULO X — SERÁ QUE ESTOU SONHANDO?

Naquela noite não consegui pregar os olhos e a passei em claro. Finalmente, eu ia conhecer o Centro de Fortaleza. Dona Martinha perguntou se eu queria ir com ela comprar os materiais do Pedrinho que ia começar a estudar no maternalzinho do Colégio Santa Isabel onde ela trabalhava. O maternalzinho era para crianças de dois anos e meio, a idade que Pedrinho tinha. As aulas dos maiores haviam começado em janeiro, mas o maternalzinho só iriam começar depois do Carnaval.

Eu nunca imaginei que Dona Martinha ia me levar com ela para andar nas lojas, por isso me levantei muito cedo naquele sábado, vesti uma calça US Top que ganhei da Carla. Já estava desbotada, por que ela usou muito até ficar perdida, mas até que ficou legal em mim. Só fiz umas pinças no cós com a agulha grossa da Vó Tita, aumentei a bainha e pronto. Tinha a minha primeira calça comprida. Para completar o figurino, uma blusa que Dona Martinha me deu. Era de cetim rosa, mangas fofas e gola de cetim azul. Como na minha casa não tinha espelho grande para me olhar, fiquei me entortando

toda para analisar a minha silhueta. A Vó Tita falou que estava “bonitinha”. Dedé zombou como sempre:

— Tá parecendo um palhaço!

E soltou uma gargalhada daquelas que irritam tanto, que dá vontade de colocar uma bomba rasga-lata na boca dele. Sapato eu ainda não tinha, ia de chinela de “cabresto” mesmo, mas já era tempo de comprar outra, pois o “cabresto” estava quase quebrando, mas aquele não era o momento de pedir ao Dedé que reforçasse com arame. Se fizesse isso, ele iria zombar mais ainda de mim. Aquele era um dia muito especial para ficar me irritando com ele. Nada me tiraria a alegria de ir conhecer finalmente as praças e as lojas do Centro!

Cheguei no horário de sempre à casa de Dona Martinha. Perguntei pelo menino.

— Foi para a casa da vó dele. — Respondeu Dona Martinha. — É muito pesado carregar ele nos braços pelo Centro.

Carla colocou café com leite para mim e eu peguei um pedaço de pão com manteiga. A moça de quinze anos simpatizava muito comigo; vivia com os cabelos na touca de grampos para disfarçar os “pixains”. As pessoas debochavam muito de quem tinha os cabelos assim, por isso havia um grande consumo de grampos e bobs por parte das moças do Pirambu. Os meus cabelos não eram “pixaim”, mas eram muito rebeldes. Eu só os lavava com sabão mesmo, já que não possuía creme para passar neles. Então, eu colocava uns grampos prendendo dos lados. Acho que foi por isso que o Dedé falou que eu estava parecendo um palhaço e não por causa da roupa muito grande que eu estava usando: a calça era de uma moça e a blusa de uma mulher, mas eu não me importava com isso. O importante era estar vestida, a Vó Tita sempre dizia.

— Eu vou também para a rua com vocês!

Falou Carla muito animada, enquanto me observava a tomar café com pão.

— Mesmo?

Perguntei também muito animada. Engoli bem rápido o resto do café e fui para o quintal esperar que dona Martinha terminasse de se arrumar. Ela, uma mulher muito caprichosa, sempre de unhas bem pintadas, cabelos arrumados e que usava maquiagem todos os dias. Enfim, era professora! Eu a admirava muito, assim como tam-

bém admirava as professoras das Pioneiras Sociais, mas achava a Dona Martinha muito mais com jeito de professora. Era chique, trabalhava em colégio particular de ricos. Trazia sempre duas sacolas de cadernos para corrigir. Vivia com a caneta na mão passando certo ou errado e corrigindo erros de Português. Era a disciplina que ela ministrava no colégio Santa Isabel.

— Vamos meninas, estou pronta!

Falou a professora se exibindo em um breve desfile. E estava linda! Calça Five Stars índigo blue com cinto vermelho, sandália anabela vermelha e uma bolsa de couro também vermelha, tudo combinando. A blusa no estilo cigana completava o belo conjunto.

Pensei com meus botões que nunca ficaria igual a ela, mas uma coisa eu já sabia de certo: seria professora como D. Martinha, mesmo carregando as sacolas de cadernos para corrigir!

Seguimos rumo ao ponto de ônibus que ficava em frente ao Sales Campos. De tão encantada com o que estava vivendo, eu não andava, flutuava!

Depois de uns vinte minutos na parada, avistei o ônibus Tyrol. O nome era meio apagado e o ônibus bem velhinho, mas a emoção tomou conta de mim. Formou-se um nó na minha garganta, que logo se transformou em lágrimas. Dona Martinha deu sinal e nem notou que lágrimas desciam pelo meu rosto. Carla também não notou. O ônibus parou e as pessoas começaram um empurra-empurra para subir.

Havia umas vinte pessoas querendo subir logo. Subi emocionada pela primeira vez em um ônibus. Dona Martinha pagou sua passagem e de Carla, mas não pagou a minha. O trocador olhou para mim com cara de poucos amigos. Aos doze anos, eu tinha tamanho de oito, mas o cobrador me achou com cara de mais velha. Dona Martinha falou:

— Passa por baixo, Dany!

Ela me tratava assim, porque não gostava do meu apelido original, Dadá. Dizia que Dany era mais chique e que Dadá era apelido de criancinha.

Eu logo obedeci e fui me abaixando para passar por debaixo da “borboleta” do ônibus.

Quando ia passando, o trocador colocou o pé no meio para me impedir de passar e acertou o sapato no meu nariz que começou a sangrar. O homem ficou muito aperreado, pedindo desculpas.

O sangue sujou a minha blusa, mas eu consegui atravessar aquele horrível obstáculo que estava me impedindo de realizar o meu sonho de criança. Vendo o sangue escorrendo do meu nariz, Dona Martinha ficou indignada com o trocador e começou a chamar o homem de imbecil, idiota, cretino, ridículo... eu não sabia o significado daquelas palavras, mas achei muito chique. Depois passei a chamar o Dedé daquilo tudo quando ele me aregava.

Meia hora depois de para aqui, para acolá, finalmente o ônibus chegou ao Centro. Os locais onde os ônibus estacionavam ficavam bem na frente da Praça José de Alencar. Assim que desci do ônibus, tratei logo de procurar o que estava estampado nas gravuras do calendário: o monumento em homenagem ao escritor de Iracema, a virgem dos Lábios de Mel! Vi o livro na estante da dona Martinha, mas ela não deixou que eu lesse porque, segundo ela, havia umas coisas que crianças não podiam saber, somente quando eu ficasse de maior. Tudo era proibido para de menor. De menor não pode isso, de menor não pode aquilo... Dedé tinha uma revista de moças de biquíni escondida dentro do sofá rasgado porque, se a Vó Tita visse, mandava ele rezar um terço todinho e de joelhos.

Deu vontade de chegar perto do monumento e entrar no Teatro, mas fiquei com vergonha de pedir isso para dona Martinha; ela só pensava em comprar os materiais do Pedrinho. Estava muito ansiosa para ver o filhinho estudando. Mas fiquei muito emocionada de ver a praça com suas bancas de jornal, os engraxates, os vendedores ambulantes com suas varas de maçãs e laranjas penduradas. Aí, umas lágrimas desceram dos meus olhos e lembrei do meu pai sendo perseguido pelos guardas do “Rapa”. Era como se eu pudesse ver o pobre-zinho correndo com medo de ser preso.

Pelo menos seguimos pela calçada do Teatro. Toda placa que eu via tratava logo de ler. queria memorizar os nomes das ruas. A primeira que vi foi Rua Liberato Barroso. Atravessamos e entramos na loja Samasa. Meu coração estava disparado! Cada passo que eu dava era uma novidade! Quanta coisa bonita, roupas, brinquedos! Vi as bonecas Suzi, a Amiguinha, a Ritinha; todas loirinhas com olhos verdes, azuis, vestidinhos de princesa. Todas as bonecas que a Darlene tinha em cima do guarda-roupas da mãe dela. Nunca as peguei. Acho que nem ela. A mãe guardava todas como se guarda um tesouro. Era

para Darlene não quebrar, porque foi a madrinha que deu, ou a tia, ou a avó que morava em São Paulo. Quando Darlene choramingava, a mãe as colocava em cima da cama, mas ainda dentro das caixas; depois, voltavam todas para cima do guarda-roupas novamente, assim permaneciam novinhas.

Pensei que, se eu algum dia ganhasse uma daquelas bonecas, andaria com ela para todo canto e não largaria um segundo. Como eu amava aquelas bonecas! Mas sabia que nunca teria uma delas.

Na Samasa, Dona Martinha comprou só a merendeira do Pedrinho. Depois seguimos pela rua Guilherme Rocha. Ela queria ir à rua das livrarias para comprar os materiais da lista. Então, fomos para a rua Barão do Rio Branco. Eu não perdia as placas de vista. Ia contando nos dedos as ruas por onde passávamos e ficava repetindo o nome de cada uma delas.

Eu queria pedir para ela me levar à Praça do Ferreira, mas tinha vergonha. Carla já estava com duas sacolas de compras e eu com uma. Dona Martinha só levava a bolsa dela.

Como já estava cansada e com fome, perguntou:

— Querem caldo de cana com pastel?

Carla olhou para mim, eu olhei para Carla, e juntas balançamos a cabeça afirmativamente. Então, dona Martinha seguiu no rumo contrário de onde estávamos, andamos um pouco e logo avistei a torre do relógio. Reconheci mais uma das praças estampadas no calendário, a Praça do Ferreira! Eu não falava nada, só o meu coração sabia da minha felicidade por estar ali. De quebra, ainda vi o Cine São Luís e o grande hotel Savanah. Como era lindo! Enorme!

Para dona Martinha, nenhuma novidade; era acostumada a andar por ali tudo. Quanto à Carla, não sei, mas não parecia surpresa com nada. Só carregava as sacolas cheias de materiais escolares, sem esboçar qualquer emoção. Achei que eu era a única pessoa que não conhecia o Centro de Fortaleza. Aliás, que não conhecia nada de Fortaleza, somente o Pirambu.

Depois de merendarmos caldo de cana com pastel em frente à farmácia Pasteur, Dona Martinha seguiu pela calçada e chegamos ao grande e famoso Romcy. Era a maior loja do centro. Lá vendia-se de um tudo, até móveis e eletrodomésticos. Fiquei encantada com as camas beliche. Já pensou, Dedé e eu dormindo numa daquelas camas?

Eu ia querer a cama do alto. Havia uma escadinha para subir; mas logo pensei que ele iria brigar para ficar em cima. Ele era mais velho, sempre escolhia. A professora estava querendo comprar um tapete novo. Vivia reclamando que o Pedrinho fazia xixi e o tapete da sala estava todo manchado e fedendo à urina. Fiquei pensando como que Carla e eu íamos levar aquele tapete enorme, não bastasse as sacolas que já estavam pesando, mas nada abalava a minha felicidade.

Sem mais nem menos, Dona Martinha se virou para mim e falou:

— Dany, quer conhecer a biblioteca pública?

Eu nem sabia sobre o que ela estava falando. Seria outra loja? Nunca tinha escutado falar em Biblioteca, nem minhas professoras nunca haviam falado na sala de aula.

Mesmo sem saber do que se tratava, respondi que sim. Então ela seguiu no rumo do mar. Atravessamos a rua São Paulo, passamos pela Praça da Estação, seguimos pela Santa Casa de Misericórdia e chegamos ao Passeio Público com suas árvores seculares, mas não entramos. Eu, de boca aberta, lendo todas as placas, tentava memorizar tudo que via. Chegamos à praça do Cristo Redentor e atravessamos a avenida Presidente Castelo Branco, a Leste-Oeste. Dona Martinha mostrou o prédio. Li o nome: Biblioteca Governador Menezes Pimentel. Mas eu não fazia ideia do que havia lá dentro. Pensei mesmo que fosse mais uma loja, porém, quando entramos, vi muitas estantes muito maiores do que a da Dona Martinha. E livros!! Muitos livros! Nem dava para contar! Acho que fiquei meia hora de boca aberta. O lugar era muito grande, maior do que o Romcy! Saí andando entre os corredores formados pelas estantes. Havia um salão enorme com mesas e cadeiras. Algumas pessoas, poucas pessoas, sentadas lendo. Senti um cheiro forte de mofo, mas gostei do lugar. Passamos ali menos de vinte minutos e eu queria morar, ficar ali para sempre no meio daquelas estantes cheias de livros de todos os tipos e tamanhos. Vi a coleção de obras do Machado de Assis, de José de Alencar... Estavam todos bem arrumadinhos com suas capas duras, com letras douradas anunciando que ali existia um mundo cheio de histórias maravilhosas. Eu senti uma sede imensa de ler, ler e ler. Infelizmente, ainda não podia. Só era permitido ler os contos de fadas, fábulas e histórias da Carochinha. Ainda assim, mesmo essas histórias eu só conhecia

de ouvir falar. Na escola, a Diretora ficava com todos os livros na sala dela ou em um quartinho, mas a gente não pegava neles, só os via de longe.

Apesar de a visita à Biblioteca ter sido rápida, foi para mim um momento muito especial. Parecia que eu estava nascendo para o mundo. Voltamos a pé para a Praça José de Alencar. Continuei olhando para as placas dos nomes das ruas. Procurei memorizar o trajeto. Chegamos ao Forte Schoonemborch, o do hino de Fortaleza! Comecei, então, a cantar baixinho:

— “Entre as sombras dos muros do forte, a pequena cidade nasceu...”

Tomei coragem e perguntei se podíamos passar pela Praça dos Leões, mas as sacolas estavam pesando, e a pobre da Carla estava suada, reclamando de calos nos dedos. Então, Dona Martinha resolveu que deveríamos descansar um pouco sentadas nos bancos do Passeio Público. Fiquei encantada com o coreto, onde uma bandinha de fanfarrão se apresentava. Nunca tinha visto aquilo: uns quinze rapazes com roupas vermelhas, enfeitadas com fitas de seda e chapéu com penachos, tocavam uma música do Roberto Carlos, acho que era “o cadillac”.

Depois de admirar a performance da banda, deixei a sacola sobre o banco aos cuidados da Carla, que não estava com a menor disposição para andar pelo passeio de tão exausta, e saí andando pelas alamedas entre as árvores e canteiros bem cuidados, olhando a enormidade do pé de Jequitibá centenário com seus galhos exuberantes.

Pensei que, se naquele dia horrível no lugar da mangueira tivesse aquela árvore, eu não teria escapado das garras daquele malfeitor. Tremi, senti vontade de chorar, mas me contive para não dar bandeira. Dona Martinha não sabia que tinha um monstro como marido e não seria eu que iria lhe dar essa informação horrorosa, mesmo porque ela jamais acreditaria em mim; ele era tudo para ela.

Um dia, a vizinha falou que viu o Seu Williams se beijando com uma moça no Centro. Dona Martinha ficou de mal com a mulher e nunca mais falou com ela. Era assim: quem fosse falar do marido dela arrumava uma inimiga. Ela não acreditava ou fingia não acreditar em nada do que dissessem dele, mas um dia vi que ela saiu do quarto com os olhos vermelhos e inchados.

Procurando afastar aqueles pensamentos ruins, segui minha caminhada olhando para os troncos das árvores. Impressionada com a enormidade do tronco do Jequitibá, observei que havia desenhos de corações com iniciais dentro deles. Logo, lembrei de uma música que dizia: “Em todas as árvores do mundo, eu vou gravar um coração, com o seu nome e o meu, para que falem do nosso amor”. Acho que quem cantava era o Wanderley Cardoso e lembrei dele, o menino dos cabelos que não se assanharam mesmo com a ventania do mar do Pirambu, dos olhos da cor do mar, dos dentes branquinhos como as nuvens do céu.

Fui até a mureta que separa o Passeio Público do Quartel e vi uns rapazes fardados. Eram os militares que ficavam de guarda com um fuzil. A farda deles era diferente da farda dos marinheiros, pois não era branquinha, mas verde. Eles estavam lá, em pé, feito estátuas a observar qualquer movimento suspeito. Nos tempos da ditadura militar era assim. Todo mundo tinha que “andar na Lei”. Se falasse alto, já era considerado subversivo. Fiquei com pena deles. Aquela arma devia ser muito pesada. De noite deviam sentir muitas dores nas costas. Acho que um deles adivinhou o que eu estava pensando porque sorriu para mim e acenou. Aí, com vergonha, abaixei a cabeça e saí de lá. Era um bonito rapaz, também tinha os dentes bem certinhos e brancos, mas não se parecia com o garoto do dia do milagre. Talvez o menino lindo fosse o meu anjo da guarda! Era a única explicação que eu tinha para ter visto aquele menino.

Dona Martinha chamou para irmos embora. A barriga estava roncando porque já havia passado da hora do almoço, mas a mulher não chamou a gente para comer mais nada. Era o jeito aguentar até chegarmos na casa dela, esperar que Carla esquentasse as comidas para a gente almoçar. Ela também não comprou nada para mim e nem para a coitada da Carla que carregou quatro sacolas de compras. A moça não ganhou nem uma caixa de grampos. Eu, mesmo sem ganhar nada, já me sentia presenteada por ter ido pela primeira vez na vida ao Centro de Fortaleza e ter conhecido três praças, o Forte, a Catedral em reforma, mas muito interessante... Tudo para mim foi deslumbrante.

Cada uma de nós pegou seu fardo, menos a patroa, e seguimos para a Praça José de Alencar, a fim de pegarmos o ônibus para casa.

No caminho, Dona Martinha ia me mostrando os prédios importantes, como a ENCETUR, o prédio da Estação Ferroviária, a Santa Casa.

Quando pisamos na calçada do prédio do IPNPS, havia uma confusão: vários guardas e policiais seguravam alguns meninos que estavam sendo acusados de cortar a bolsa de uma mulher. Eram os famosos “mirins” de que Dedé falava. Eram meninos parecidos com ele, magros, dentes da frente estragados, roupas sujas, cabelos assanhados com cara de fome. Um dos policiais deu um tabefe na cabeça de um deles e falou:

— Bora, rapaz, diz onde está a carteira da mulher!

O menino chorando, falou:

— Seu guarda, eu não cortei a bolsa dela, não. Eu só pedi pra ela comprar um pastel pra mim. Eu nunca roubei ninguém, não. Eu vivo por aqui pedindo comida porque na minha casa não tem! Ai, ai, solta o meu braço, tá doendo!

O policial apertava mais e mais o braço do de menor. Um dos meganhas dava peteleco no rosto de outro, exigindo que dessem conta da carteira da acusadora que falava dos trinta cruzeiros que havia nela. No entanto, a mulher com seu vestido desbotado, chinela japonesa roída nos calcanhares e dentadura cai, não cai da boca, não devia ter nem dez cruzeiros.

Foi então que um homem se aproximou dos homens da Lei e falou:

— Alguém viu um desses meninos cortando a bolsa dessa senhora?

Ninguém respondeu. A mulher então falou:

— Só pode ter sido um deles! Todo mundo sabe o que esses mirins fazem aqui na rua e ninguém toma providência! Levam eles pro Juizado de menor e depois soltam de novo. A gente não pode andar em paz por aqui. Nem merendar direito! Logo aparece um pedindo pra gente pagar merenda! Todo mundo reclama que eles cortam as bolsas das mulheres e roubam as carteiras dos homens. E o que a polícia faz? Nada! Eles vivem soltos roubando a gente!

O homem perguntou novamente:

— Alguém viu algum desses meninos cortando a bolsa dessa senhora?

O silêncio continuou. Então, o senhor se aproximou dos guardas e falou:

— Se os senhores não os pegaram em flagrante, não podem levá-los. Eles apenas estavam pedindo comida, porque estão com fome. Por acaso é crime sentir fome?

Eu pensei comigo que, se fosse crime sentir fome, eu estaria presa!

Um dos guardas falou:

— Esses mirins dão muito trabalho por aqui! Vivem metidos em confusão! Perturbando a ordem social! Querem entrar até nas lojas! Os donos das lojas vivem reclamando!

Uma senhora de vestido preto falou:

— É verdade! A gente não pode nem fazer nossas compras em paz!

— Esses moleques deviam ser proibidos de andar aqui pelo Centro! Só de calção, de pés descalços, sujos! O juiz de menores devia colocar esses meninos trancados na FEBENCE! A gente não aguenta mais!

Eu pensei que aquela devia ser umas das mulheres que não perdia uma missa ou um culto. Os meghanhas saíram arrastando os meninos para o camburão e o Senhor que os estava defendendo os seguiu. Dona Martinha não comentou nada sobre o caso.

Nós seguimos para o ponto do ônibus Tyrol.

Dias depois, Dona Martinha me chamou em seu quarto e perguntou:

— Dany, você tem coragem de ir lá no Centro sozinha pagar uma conta pra mim?

Meu coração deu um salto dentro do peito. Coragem, de verdade, eu não tinha, mas precisava dizer que tinha. Não podia desapontar a pessoa que estava me ajudando na vida, a mulher que me dava um prato de comida todos os dias, que dava um dinheirinho para Vó Tita pagar a bodega e comprar o leite do Didi. As palavras dela ainda estavam ecoando nos meus ouvidos, mas eu parecia estar sonhando. Ela repetiu a pergunta:

— Você tem coragem de ir ao Centro sozinha? Aprendeu a andar por lá?

Gaguejando, respondi:

— A...acho que s...sim.

— Acha ou tem certeza?

A mulher perguntou apertando meus ombros, me exigindo firmeza e ficou me olhando com aqueles olhos azulados que me transmitiam confiança e carinho. Então, demonstrando segurança, respondi:

— Tenho sim, senhora! Tenho coragem e sei andar por lá tudo! E, se não souber, pergunto!

Pensei comigo que, se aqueles mirins sabiam se virar no centro, eu também saberia, afinal eu era uma mirim criada no Pirambu! E pensei em uma das estrofes do hino Nacional Brasileiro: “Verás que um filho teu não foge à luta, nem teme quem te adora a própria morte”.

Quando voltei para casa naquele dia, parecia que tinha amadurecido uns cinco anos. Todavia, havia um problema. Se eu dissesse para Vó Tita que iria ao Centro de Fortaleza sozinha, ela iria ficar muito preocupada. Eu não achava certo esconder dela uma situação dessas. Então, resolvi contar para o Dedé e pedir a opinião dele.

— Dedé, eu já sei andar no Centro sozinha!

Falei com toda a segurança do mundo. Ele olhou para mim, como quem olha para uma lagartixa, e danou-se a dar risada.

— Tu? Sabe andar no Centro sozinha? Vó, Vó, olha aqui o que essa doida tá falando!

A Vó Tita parou de mexer o caldo que estava fazendo para a janta.

— O que é Dedé?

— A doida da Dadá tá dizendo que sabe andar no centro sozinha.

Com muita raiva daquele traidor, falei:

— Sei mesmo! Fui com a Dona Martinha e decorei os nomes das ruas, praças e sei andar por lá tudo!

Vó Tita olhou para mim com aquele jeito de sabida dela e falou:

— Dadá, eu sei que tu é muito inteligente e que sabe andar por lá tudo, mas sozinha tu não vai pra lá, não! Lá, tem muita gente ruim! Tu nunca ouviu falar do papa-figo? Pois lá é cheio de papa-figo! Eles te colocam dentro de um carro e te matam pra vender cada parte tua nos centros de magia negra. É minha neta! O mal existe por tudo quanto é lugar! uma menina nunca deve andar sozinha por aí.

Enquanto escutava os conselhos da Vó Tita, eu ia pensando em um jeito de fazer o que a minha patroa tinha pedido. Eu não podia decepcionar aquela mulher que estava confiando em mim.

Decidi contar que a minha patroa havia me perguntado se eu teria coragem de ir ao Centro sozinha. A Vó Tita ficou furiosa e me chamou para ir com ela à casa de dona Martinha. Fiquei gelada, pois sabia que a Vó Tita não era de brincadeira. Sabia que ela ia “escatitar” a dona Martinha.

A vó Tita tocou a campainha. Dona Martinha olhou da porta e foi abrir o portão:

— entre dona Francisca! Aconteceu alguma coisa?

Eu parecia estar no Polo Norte, de tanto que tremia. Entramos, mas não fomos para a sala de estar. Dona Martinha nos levou para o quintal onde haviam as cadeiras de balanço. Pediu que a Vó Tita se sentasse, mas ela não quis e falou zangada:

— Eu vim aqui dizer à senhora que a minha neta não vem mais pra cá, viu?

Dona Martinha ficou calada por alguns minutos, sem entender. E a minha avó continuou:

— Como é que a senhora quer mandar a minha neta pro Centro sozinha? Não sabe que é perigoso? Só por que levou ela uma vez com a senhora, já quer que ela vá sozinha? A senhora é muito irresponsável! Ela não vem mais pra cá!

Eu de cabeça baixa, sem coragem de olhar para a cara da Dona Martinha. A mulher ouviu tudo que a mina avó falou, com muita calma e paciência. Depois foi até a cozinha, pegou um copo com água e deu para a Vó Tita que estava tremendo.

— Fique calma, dona Francisca! Por favor! Eu vou explicar tudo, Viu?

Vó Tita tomou a água e ainda tremendo continuou falando que isso não era coisa, que uma menina não podia andar sozinha por aí! Dona Martinha se manteve muito calma, esperando que a minha avó se acalmasse também. Eu, sem saber onde esconder a cara, senti vontade de me esconder de novo em cima daquela mangueira.

Foi então que dona Martinha falou:

— Dona Francisca, eu queria saber se sua neta é mesmo a menina mais inteligente, honesta, corajosa e leal que eu conheço. Quan-

do perguntei se ela tinha coragem de ir ao Centro sozinha para fazer um pagamento no banco para mim, vi que ficou muito apreensiva, mas respondeu que sim, só para não me desapontar. No entanto, eu sabia que não faria nada escondido da senhora, por quem tem um amor muito grande.

A mulher segurou as duas mãos calejadas da vó Tita e a puxou para um abraço muito carinhoso. Depois a afastou e olhando em seus olhos, falou com doçura:

— Dona Francisca, eu jamais colocaria Daniela em perigo. Ela vai aprender a andar pelo Centro, mas em minha companhia. Ela precisa se desenvolver, saber se comunicar bem, fazer compras, fazer pagamentos em bancos e tudo mais que uma moça bem educada precisa saber. Eu só quero o melhor para ela.

Vó Tita não conteve as lágrimas e soluçando falou:

— Dona Martinha, eu nem sei como agradecer a senhora por querer ajudar a minha neta. Que Deus lhe abençoe! Eu confio na senhora. A mãe dela, coitada, vive naquela casa trabalhando pra dar o sustento; não tem tempo de cuidar da filha que já está ficando mocinha. Eu, cuidando do Didi que é daquele jeito, sempre doentinho, também não dou conta de dar a atenção que ela precisa; foi Deus que colocou a senhora no caminho dela. Muito obrigada!

A partir de então eu passei a ir com muita frequência com a professora ao Centro. Então, conheci todas as praças. Muitas vezes, nos domingos, íamos com Pedrinho para a praça das Crianças para ele brincar e, um dia, pude ver de perto a caverna do gorila que estava vazia. Eu entrava nela para me esconder do Pedrinho que ficava gritando por mim. Ele não tinha coragem de entrar lá. Quando eu tentava levá-lo, esperneava e se retorcia todo gritando. Como estava cada vez maior e pesado, eu não conseguia levantá-lo do chão, embora tivesse menos de três anos. Mas ele ficava muito feliz quando a gente o deixava jogar pipocas para as garças. O programa que eu mais gostava era visitar os museus históricos. Ficava de boca aberta ouvindo os instrutores contando a história do bode Ioiô. Diziam que no início dos tempos, em Fortaleza, existia um bode muito sabido que se comportava como gente: andava pela praça do Ferreira, frequentava os bares, bebia cachaça, fumava cigarros e até olhava por baixo das saias das mulheres. O bicho ficou tão conhecido e estimado, que foi

eleito vereador de Fortaleza e ainda foi o mais votado da eleição. E lá estava ele, empalhado a enfeitar o Museu Histórico de Fortaleza e a encantar os visitantes. No museu havia muitas outras atrações, como jangada de verdade, com todos os acessórios da pesca, as vestimentas dos vaqueiros, almofadas das rendeiras com seus bilros mágicos, pilões enormes com uma mulher pilando a paçoca de carne seca, apresentações de danças folclóricas... Dona Martinha não media esforços para me mostrar a cultura e a arte. Até ao Porto do Mucuripe ela me levou, onde pude conhecer um navio e um submarino por dentro e ainda estava cheio de marinheiros!

Ela me mostrou como fazer pagamentos nos bancos, como marcar consultas no INPS e até me acompanhou na minha primeira visita ao ginecologista.

Eu tinha 13 anos quando tomei um dos maiores sustos da minha vida! Eu já vinha notando umas mudanças no meu pequeno corpo: pelos em algumas partes do meu corpo, como nas pernas e nos braços. Eu sempre tive muito pelo e morria de vergonha. Alguns meninos da escola e da rua ficavam cochichando: “parece uma macaca, cheia de cabelos em todo canto”. Naquele dia eu acordei assustada. Senti a rede molhada. De vez em quando eu ainda fazia xixi na rede porque tinha medo de ir para o quintal sozinha e acabava dormindo com a bexiga cheia, mas já fazia um tempo que isso não acontecia porque eu parei de tomar água antes de deitar, aconselhada pela Vó Tita. Fiquei alguns minutos pensando: será que eu tinha feito de novo? Mas achei estranho. Era um molhado meio liguento, diferente do xixi que eu era acostumada a sentir durante muitos anos. E ainda mais, entre as minhas pernas tinha uma coisa grudenta e xixi não é grudento, pensei. Quando levantei da rede, vi que estava suja de sangue. Gelei da cabeça aos pés. Meu coração acelerou tanto que ouvi o batícum do coração na cabeça. Apavorada, procurei a gilete dentro da rede. “Só pode ter sido o Dedé que colocou uma gilete dentro da minha rede e eu me cortei”, pensei revoltada. Contudo, não encontrei a gilete. Alguns minutos fiquei em pé, atônita, sem entender o que estava acontecendo, então vi um filete de sangue descendo pelas minhas pernas. Lembrei de um dia ter ouvido uma conversa entre a minha mãe Rosa e a vó Tita sobre uma tal de puberdade, que as meninas tinham quando “ficavam moças”, mas nunca me falaram sobre aquele

sangue. E agora? O que eu faria? Peguei um pano velho nos mofos da Vó Tita, forrei a rede e voltei a me deitar, para esperar que aquele sanguamento parasse. “Se a Vó Tita ver, vai brigar muito comigo”, pensei enquanto soluçava baixinho para ela não ouvir. Ainda bem que era feriado da Semana Santa e só ia ter aula na segunda-feira. Mas quando deu 9 horas a vovó não aceitou que eu permanecesse deitada e foi me acordar. Aí ela viu a mancha de sangue na minha rede. Ainda bem que o Dedé tinha saído de madrugada para o Mercado São Sebastião comprar milho verde para vender na queima do Judas que sempre tinha na frente da casa da Dona Rita.

— Dadá, tua rede tá suja de sangue. Tu não viu isso não? Te levanta e vai fazer os forros, tu ficou moça!

Foi assim que minha avó me deu a notícia de que eu tinha “ficado mocinha”, mas ela não falou a palavra menstruação que era considerada um palavrão. Quando alguém se referia a esse fato, era com nomes pejorativos. Eu usei os tais forros que eram muito incômodos por vários meses. O pior de tudo era ter que lavá-los para poder reutilizar. Eu tinha muito nojo daqueles panos horríveis. Quando se aproximava o meu período menstrual, sentia muita raiva! Foi a Carla quem me explicou tudo direitinho e me deu um pacote de “modes”. Era assim que a gente chamava o absorvente. Meses depois tive coragem de falar para dona Martinha que estava sentindo umas coceiras na vagina e que minhas calcinhas ficavam manchadas com uma cor amarelada, coisas que eu nunca contaria para minha mãe. A doutora passou um remédio e a coceira passou.

Depois de muitos meses andando com a minha patroa pelo Centro, me acostumei a ir sozinha e a minha avó nem se importou mais com isso. Ela entendeu que eu já não era tão criança e que mostrava ser capaz de andar sozinha. Então passei a ir ao Centro com muita frequência fazer pequenos pagamentos como água, luz, telefone para a minha patroa e outras pessoas que me pediam e ficava com os troquinhos. Aproveitava para passar horas na Biblioteca Pública. Lia muitos livros da literatura clássica brasileira. De José de Alencar, procurei logo *Iracema*; da Raquel de Queiroz, os meus preferidos eram “O quinze”; do Adolfo Caminha, eu tinha lido *A Normalista*; além de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Machado de Assis

e Domingos Olímpio, com o fabuloso livro *Luzia-Homem*. A partir das leituras que fazia, minha visão de mundo foi melhorando, minha timidez foi se dissipando, passei a conversar mais com Dona Martinha e Carla, que diziam que eu estava ficando muito tagarela.



## CAPÍTULO XI — A EDUCAÇÃO INTEGRADA

Minha mãe chegou bem triste naquele domingo de fevereiro de 1976. Sentou-se na cadeira de assento solto tentando se equilibrar e falou com voz trêmula:

— O meu patrão não conseguiu a bolsa de estudos. Disse que já passou da época, que era pra ter feito o pedido ainda em dezembro.

Para resumir, eu não estudei naquele ano. Dona Martinha até que tentou uma vaga no Santa Isabel, mas lá também não aceitava alunos fora de faixa. Infelizmente, com treze anos na quarta série não dava. Ela ainda propôs à Diretora que eu fizesse uns testes para começar a quinta série, mas a freira não aceitou. Esta disse que com treze anos eu deveria estar na sétima série.

Como Dona Martinha passou a lecionar pela manhã por causa do maternalzinho do filho que só funcionava nesse turno, falou com a minha mãe para eu dormir lá, por que precisava ajudar a arrumar o menino. Acordávamos às cinco e meia para dar tempo de chegarem antes das sete ao Colégio Santa Isabel.

Carla só chegava às sete horas. Dona Martinha precisava se arrumar também e o Pedrinho dava muito trabalho. O menino acordava irritado porque ainda sentia sono, ficava esperneando e se remexendo muito, enquanto eu colocava sua fardinha. Dava chutes com suas perninhos grossos ao colocar as botinhas ortopédicas que eram muito pesadas e que muitas vezes iam parar do outro lado da sala, ou na minha cara. Ele era muito grande para a idade e bem gordinho. Eu, ao contrário, muito pequena para minha idade e muito magrinha. Portanto, era um sofrimento arrumar o menino todos os dias. Depois ligava a TV para ele assistir aos desenhos animados, enquanto arrumava a merendeira. Acho que o pessoal da televisão sabia do sofrimento de quem arrumava crianças para a escola.

Dona Martinha só saía do quarto quando estava pronta. Então, eu os acompanhava até a parada do ônibus e depois passava o resto da manhã ajudando Carla com a casa. Aguava as plantas, limpava os móveis e passava o pano na casa. Depois ia estudar Matemática na Enciclopédia Delta, onde havia muitas explicações sobre resolução de problemas, ou ler sobre a história do Brasil, suas personalidades, biografias dos presidentes, enquanto Carla preparava o almoço.

Eu queria chegar na tal Educação Integrada muito bem preparada, por isso estava me dedicando muito. Eu tirava as dúvidas com dona Martinha, enquanto o Pedrinho tirava sua soneca da tarde. Embora muito atarefada corrigindo as tarefas ou provas dos seus alunos, ela me ajudava muito a resolver os exercícios, principalmente os de divisão por dois algarismos. D. Martinha era muito boa em Matemática básica e em português, nem se fala, era a matéria que ela ensinava da quinta à oitava série. Dava-me verdadeiras aulas de gramática e redação. Às vezes, dava-me um tema, pedia para eu ler sobre o assunto na Enciclopédia, depois eu escrevia e ela corrigia me dando dicas de paragrafação, concordância, ortografia... Uma ajuda muito grande.

O programa de Educação Integrada tinha como objetivo levar os alunos “fora de faixa” a concluir em um ano as quatro séries iniciais, para ingressar no ensino fundamental noturno, que aceitava alunos a partir dos 14 anos. Era esse o meu caso. No Tyrol, funcionava no Colégio Estadual Sales Campos, no horário de cinco às oito da noite, com uma paradinha de vinte minutos para a merenda: arroz burgo com carne de Jabá ou mingau de milho. Essa era a alimentação que o governo militar garantia aos filhos dos camelôs, galegos, pescadores, vendedores de vísceras, serventes e operários das fábricas.

Sempre foi meu sonho estudar no Sales Campos, prédio grande, com muitas salas de aula. Na minha mente, estava ali a minha chance de ser uma estudante da escola pública.

Mesmo sendo à noite, estava sentindo uma felicidade sem tamanho naquele primeiro dia em março de 1977.

A sala de aula não era muito diferente da que havia no Pioneiras Sociais, pois as mesas eram iguais, compridas, com um banco de madeira para comportar quatro alunos que se acotovelavam enquanto copiavam as tarefas. A lousa era um quadro preto meio esburaca-

do, onde a professora escrevia com seu giz branco; a pobre saía da sala sempre com a roupa, a cara, as mãos e até os olhos cobertos de pó de giz.

No Sales Campos, foram cedidas algumas salas especialmente para os “fora de faixa”; durante o dia elas não funcionavam. Uma era da Educação Integrada, mais outra para os adultos do MOBRAL e as demais para o ensino Fundamental de quinta à oitava série.

As demais salas de aula, onde estudavam os filhos dos funcionários públicos, militares e comerciantes, ficavam fechadas para que os “mirins” da noite não depredassem tudo.

Era essa a visão que a sociedade tinha dos encardidos desdentados ou boca podres, filhos da miséria. A turma da Educação Integrada, apelidada de “Mobral”, era composta por sessenta pivetes e pivetas, comandada por uma professora polivalente que tinha a missão de nos preparar para fazer o exame de validação de estudos e, se aprovados, ingressar no ensino fundamental também noturno. Eu via as carteiras das salas do turno diurno bem diferentes, individuais, de fórmica e ferro. Pensei que um dia me sentaria em uma daquelas.

Tinha até um gabinete de dentista, mas nós da noite nunca fomos chamados para que examinassem nossos dentes.

Só fui parar de sentir as terríveis dores de dente quando a minha patroa me levou ao dentista particular dela. Era uma cooperativa que atendia a todos os professores do Colégio Santa Isabel. Ela falou com o dentista que aceitou me atender por um preço especial.

Uma noite em que dormi na casa dela, ouviu meus gemidos, apesar de ter procurado abafar os gritos que minha vó Tita costumava ouvir. Quando amanheceu o dia, D. Martinha perguntou sem rodeios:

— Estava com dor de dente, Dany?

Envergonhada, mas com muito desejo de resolver as minhas dores de dente e mau hálito, respondi que sim. Ela, com o seu jeito decidido e firme, me mandou abrir a boca. Pela caretta que ela fez, vi logo que não gostou nada do que viu. Então, foi para o quarto, trocou de roupa, trocou a roupa de Pedrinho e fomos nós três ao dentista que ficava no Centro. Eu já não precisava mais passar por baixo da borboleta, pois tinha carteira de estudante e só pagava meia passagem!

O dentista fez os exames preliminares e constatou que eu precisava extrair oito dentes e restaurar dez. Ainda bem que não era nenhum da frente! Eram quatro superiores e quatro inferiores. Fiquei com a “banguelisse” escondida, pelo menos. Os dentes da frente continuaram “entramelados”, dois dentinhos pequenos montados nos outros.

No primeiro dia de aula, estava muito nervosa. Primeiro por estudar à noite. Depois, porque a grande maioria dos alunos era muito mais velha do que eu; uns tinham quinze, outros dezessete e até dezoito anos, que ainda não podiam frequentar o Mabral que só recebia alunos com mais de 20 anos. Sentei-me entre duas moças feitas que me olharam com ar de superioridade, afinal eu era muito, muito, muito pequena mesmo! Elas, muito mais altas e com jeito de moças bem experientes. Mesmo assim, falei com elas:

— Tudo bem? Sou Daniela e vocês?

Uma falou já dando risadas:

— Sou Patrícia, esta é Márcia, essa outra é Luana e essa é Gabi.

Fiquei acenando para cada uma, sem nada falar. Elas ficaram dando risadinhas de deboche; fiz de conta que não vi.

A professora entrou e foi logo se apresentando:

— Boa noite, sou a professora Consuelo e vou dar aulas de todas as matérias. Hoje vou fazer um teste de leitura para verificar quem já sabe ler e quem não sabe.

Fez-se um silêncio de morte. Se caísse um alfinete no chão, daria para ouvir. Trocas de olhares, arranhados de gargantas, rangeres de dentes, batidas de canetas na mesa, até o bater das pestanas dava para escutar.

Um dos alunos, Carlos Augusto, resolveu quebrar o silêncio:

— Professora, vou logo dizendo, se for pra ler alto, não vou!

Era um rapaz de seus dezesseis anos, alto, boa fisionomia.

A professora foi até ele e falou:

— Meu rapaz, meu bonito rapaz! Como vou saber se sabe ler, se não o fizer para eu ouvir?

Ele retrucou:

— Eu não vou ler e pronto. Só faço os deveres.

A professora não insistiu, mas perguntou:

— Alguém quer ler o texto?

Silêncio total. Percebi que ali estava a minha chance! Eu sabia ler muito bem, com pontuação, entonação e tudo! Levantei a mão e todo mundo olhou para mim de uma vez só.

— Eu, professora!

A mestra, uma mulher de uns quarenta e cinco anos, corpulenta, com largos quadris, batatas de pernas muito grossas, cabelos crespos amarrados em um coque, pele escura e sem óculos, usando uma saia estilo cigana customizada e uma blusa de renda verde me chamou para perto do birô.

Dessa vez, eu fui demonstrando tranquilidade, embora estivesse bastante nervosa, mas sem fazer cena. Peguei texto, dei uma boa olhada nele, vi que estava escrito em letras de forma. Era uma poesia de apenas duas estrofes, fácil demais para quem estava acostumada a ler os autores clássicos da literatura brasileira, enciclopédias e revistas com letras pequenas.

Antes de começar a ler o texto, decidi dar uma olhada panorâmica na sala. Todos os alunos e alunas me olhando, esperando uma rata minha, um vacilo que fosse para soltarem a voz em forma de gargalhadas zombeteiras... quase podia ouvir seus pensamentos: “muitaousadia, a menor pessoa da sala, um tamborete de forró se amostrando”.

As três companheiras de carteira eram as que estavam mais na expectativa, com cara de quem não acreditava que eu fosse conseguir o que eles e elas com seus corpos do tamanho certo para a idade não tinham coragem de fazer.

Comecei sem pigarrear:

— CERTEZA:

DE TUDO, FICARAM TRÊS COISAS:

A CERTEZA DE QUE ESTAMOS SEMPRE COMEÇANDO...

A CERTEZA DE QUE PRECISAMOS CONTINUAR...

A CERTEZA DE QUE SEREMOS INTERROMPIDOS ANTES DE CONTINUAR...

POR TANTO DEVEMOS:

FAZER DA INTERRUPÇÃO UM CAMINHO...

DA QUEDA, UM PASSO DE DANÇA...

DO MEDO, UMA ESCADA...

DO SONHO, UMA PONTE... DA PROCURA, UM ENCONTRO  
(FERNANDO PESSOA)

Eles e elas, mais a professora, escutaram com atenção, parecendo não acreditar no que estavam ouvindo: uma leitura clara, em tom de voz claro, melódico com entonação correta para declamação de poesias. Eu adorava decorar poesias para declamar, porque amava ouvir a minha avó Tita fazer isso, mesmo quando estava rezando a “Salve Rainha” no encerramento dos terços.

Quando terminei de ler, entreguei o papel para a professora. Não houve qualquer comentário, nem mesmo da professora. Voltei para o meu lugar; as três colegas me olharam de canto de olho e a aula prosseguiu com a professora falando sobre o sentido daqueles versos de Fernando Pessoa, que era muito importante nos guiar por eles. E ela foi lendo novamente o que eu acabara de ler, como se eu não tivesse lido, como que tentando que cada verso penetrasse na mente da turma, para que conseguisse traçar um rumo melhor para a vida. Na minha cabeça, aqueles versos já estavam talhados a fogo; jurei que não deixaria passar uma única oportunidade na minha vida. Nada do que fizessem ou dissessem iria me tirar o foco. Ser professora, igual a professora Suely, Su para os íntimos.

Para minha surpresa, no final da aula, a professora Consuelo pediu que eu ficasse um pouco. Eu falei que não podia, porque precisava seguir os outros alunos que moravam por perto da minha rua, para não ir sozinha para casa. Embora o Sales Campos não fosse muito longe, não havia uma boa iluminação nas ruas e eu tinha muito medo do Rabo-de burro, ser mitológico que atacava as mocinhas de Fortaleza.

Ela me garantiu que me acompanharia até perto de casa, já que morava na Rua Tenente Lisboa.

— Sente-se aqui perto de mim... Daniela, não é?

Falou a mulher de voz forte e meio estridente.

— Sim, senhora, é o meu nome.

— Por que você se atrasou nos estudos, Daniela? Você lê e se expressa muito bem! Devia estar na sétima série.

Eu contei para ela das dificuldades financeiras da minha família, que nunca puderam pagar as taxas escolares, comprar os materiais e fardamentos exigidos e que fui perdendo alguns anos, abandonando fora de faixa. Falei ainda do ano anterior que perdi por que a Escola As Pioneiras Sociais tinha se tornado particular e eu não con-

segui bolsa. A professora pareceu compreender todo o resto, afinal a minha história era a de todos que estavam naquela sala.

No outro dia, foi a vez da aula de Matemática. Todo dia tinha Matemática e Português na metade do tempo, o resto ela dividia para as outras matérias.

A professora escreveu uns algoritmos na lousa e perguntou outra vez se alguém sabia resolver alguma daquelas contas. Novamente, ninguém se ofereceu para ir até a lousa. Depois de algum tempo dando chance para os demais, levantei a mão e fui até a lousa. Peguei o giz. Nunca tinha pegado um giz. Senti como se estivesse segurando uma barra de ouro e fiquei emocionada. Nas Pioneiras Sociais, a professora nunca chamava a gente para a lousa, como se tivesse ciúme do giz. Fiquei olhando para ele, pensando que aquela seria a primeira de muitas vezes que o teria nas minhas mãos, que ele faria parte da minha vida dali para frente, embora sujassem as roupas das professoras, embora deixasse os cabelos delas brancos e os olhos vermelhos, era com ele que eu queria trabalhar!

Então, apertei o giz com muita força, olhei para as contas e logo reconheci a de somar. Muito fácil, apenas três ordens. Resolvi. A professora falou:

— Certo!

Depois vi a subtração, a multiplicação, a divisão, e resolvi todos. Depois, sem me importar com a turma, falei todos os termos de cada conta. A professora ficou abismada. Também nas aulas de História, Geografia e Ciências, eu sabia de tudo que a professora ensinava, porque estava sempre lendo as Encyclopédias da estante de dona Martinha.

A professora Solange logo percebeu que eu sabia muito mais do que era ensinado naquele curso. Viu que a minha letra era melhor do que a dela, que os alunos passaram a me respeitar; então, passou a me incumbir de passar os deveres na lousa e ficar tirando as dúvidas dos alunos alfabetizados, enquanto ela levava os que não sabiam ler para outra sala para aplicar o método do professor Paulo Freire. Muitas vezes, ela deixava uma folha com os questionários e os aportamentos em cima do birô, saía para o intervalo e só aparecia uma hora depois. Eu passava as tarefas, explicava e tirava as dúvidas dos alunos, também dava lições de leitura. Quando voltava para sala, per-

guntava aos alunos se tinham alguma dúvida e dava mais algumas explicações, principalmente de Matemática e Gramática. Ela passava testes todo mês e viu que os alunos e alunas daquela turma estavam aprendendo mais do que ela esperava. Muitas vezes conversou comigo, agradecendo a ajuda que eu estava lhe dando, passou a me dar presentes, como caixas de sabonete, perfumes, blusas, etc.

Quando terminou o ano de 1976, consegui passar em todas as matérias com louvor; dez em tudo. Alguns alunos ficaram de recuperação e a professora Consuelo me pediu para ajudar no reforço. As provas aconteceram em novembro e as de segunda chance seriam em fevereiro de 1977. Fui todos os dias ajudar a tirar dúvidas dos alunos e alunas.

No último dia de reforço, a professora Consuelo me falou algo que me deixou nas nuvens:

— Daniela, estou abrindo uma escolinha. Você quer ensinar na sala de Jardim?

Minha vista escureceu. Ela só podia estar brincando!

— A... A ... senhora está falando sério?

— Claro que estou, minha querida! Você é uma professora nata! Me provou isso durante todo o curso. Se você conseguiu ensinar esses rapazes e moças a ler e a fazer contas, com certeza vai dar conta de ensinar as crianças. No Jardim, só precisa ensinar as letrinhas, desenvolver a coordenação motora, desenhar, pintar, contar histórias amar e ser feliz! Prometo ajudar no que você precisar! Tenho certeza de que vai se sair muito bem!

Eu achava que estava sonhando. Com 15 anos e já estava sendo chamada para ensinar! Eu sabia de mim, do que havia aprendido com todas as professoras que me ensinaram desde o primeiro ano fraco, até a Educação Integrada e observava tudo que elas faziam, diziam, filtrava os comportamentos negativos e admirava os positivos. Assim, já tinha uma formação prévia. Além do mais, lia muito nas enciclopédias sobre métodos de ensino, mesmo sem saber que seria convidada tão cedo para ensinar, porque sabia que um dia seria professora.

Escolhi minha profissão ainda criança, quando convivi por três meses com a professora Suely, a “tia Su” para os íntimos. Ela me colocou na turma do primeiro ano forte, porque aprendi a ler e a calcular adição e subtração no primeiro mês de aula.

A professora Consuelo, vendo a minha imensa emoção e incredulidade, colocou as mãos sobre os meus ombros, apertou um pouco para que eu sentisse a sua firmeza e falou:

— A escolinha é na Francisco Sá, bem em frente à Ironte. Vá lá segunda-feira que te apresento pra minha irmã, que vai ser a Diretora. Isaura é o nome dela.

Cheguei à casa de dona Martinha radiante! Ainda tremendo e chorando pela imensa emoção, contei para ela e Carla o que tinha acontecido comigo há minutos atrás:

— Dona Martinha, Carla, fui chamada pra ser professora na Escolinha Sonho de Criança! Aquela que fica em frente à Ironte!

Dona Martinha ficou me olhando por um bom tempo e depois começou a dar gargalhadas.

— Menina, tu só tem 14 anos e nem tem curso de Magistério! Ainda vai pra quinta série! Como é que vai ensinar crianças?

Eu expliquei que fora a minha professora que era dona da escolinha que me chamara, mas a mulher não acreditou. Ela me disse que ser professora não era fácil, que era uma irresponsabilidade da minha professora colocar ilusão na minha cabeça.

Eu fiquei muito chateada com a minha patroa, pois nunca imaginei que ela me diria aquelas coisas; ela era a primeira que me elogiava, falando que eu era muito inteligente, que deveria estar numa série muito mais avançada e agora estava me colocando para baixo! Fui dormir muito triste e até chorei.

Eu tinha lido há uns dias, no Jornal Tribuna do Ceará, uma reportagem sobre as professoras leigas, que ensinavam no interior. Aí, fui ao dicionário e encontrei o significado de leigo, para o qual havia duas definições: o primeiro servia para a religião; o segundo, “que ou aquele que é estranho a ou que revela ignorância ou pouca familiaridade com determinado assunto, profissão, etc; desconhecedor, inexperiente”.

O dicionário era o meu guia quando precisava saber o significado das muitas palavras que eu encontrava nos clássicos da literatura brasileira. Todo mundo chamava o dicionário de “pai dos burros”, mas, para mim, quem se utiliza dele é muito inteligente, porque é uma ótima enciclopédia, o qual fornece muitos conhecimentos que vão além do simples vocabulário. Na casa da dona Martinha havia um dicionário ilustrado que eu não cansava de ler.

Como viciada em leitura, lia todos os jornais que chegavam na casa de dona Martinha. Acompanhava todas as notícias do governo militar que não eram censuradas na televisão, porque eu não perdia mais o Jornal Nacional em companhia de dona Martinha; a gente comentava cada notícia.

Às vezes havia notícias de gente que tinha desaparecido, sem ninguém saber o porquê, até artistas, políticos importantes, estudantes, professores. Dona Martinha sabia o motivo, mas não falava nada porque, segundo ela, “as paredes tinhama ouvidos”.

No dia seguinte fui para casa e contei para Vó Tita, que também duvidou, não da minha capacidade, mas da minha professora:

— Dadá, Dadá, tome cuidado! Essa mulher tá te enganando, minha neta! Será que ela não vai te colocar só pra ser ajudante de alguma professora?

Eu tinha mais intimidade com a minha avó, então falei com mais calma:

— Vó, a Dona Consuelo me observou ensinando os alunos da minha turma, eu ensinei a ler e a resolver problemas de Matemática! Ela viu que eu tenho jeito e muita vontade de ensinar. Eu adoro crianças, tenho muita paciência com elas. Não vê como o Pedrinho gosta de mim? Eu só vou ensinar pela manhã, enquanto a dona Martinha está no Colégio com o Pedrinho. De tarde vou continuar trabalhando lá.

No domingo, minha mãe chegou e eu contei a novidade pra ela.

— Minha filha, tão novinha e já vai ser professora!

Ela me abraçou chorando. Dedé, com o jeito invejoso dele, soltou:

— Essa mulher vai é te enrolar! Deixa de ser abestada! Já se viu um tamborete de forró desse de professor! Os meninos vão é te derrubar!

E começou a rir.

— E ainda vai acabar perdendo a boquinha na dona Martinha!

Na segunda-feira bem cedinho coloquei minha calça Us Top que agora era do meu tamanho, calcei minha sandália, penteei, desmanchei a touca de grampos que tinha dormido com ela. O couro cabeludo meio dolorido, mas os cabelos até que estavam um pouco mais comportados; tinha cortado no modelo chanel, última moda, coloquei uma fivela do lado, colônia charisma e fui andando até a

escola. Era só atravessar a Rua Tenente Lisboa, o trilho, andar mais uns cinco quarteirões que chegava na Avenida Francisco Sá, a mais movimentada daquelas bandas. Assim que cheguei à grande avenida, vi logo a escola. Não era grande, pois a minha professora tinha comprado um apartamento e transformou a casa dela em uma escolinha. Do quintal fez o espaço de recreio. Desenhos coloridos nas paredes. Atravessei a avenida, com o coração aos pulos. Seria verdade? Será que a professora Consuelo não estava só brincando? Cheguei à calçada da escolinha. Pensei em dar meia volta, então pensei no poema do Fernando Pessoa, afinal, de que me serviram todos os ensinamentos que a professora tinha passado durante aquele ano de 1976? Ela falava que a gente não podia desperdiçar as oportunidades, que devíamos acreditar nos nossos sonhos, na nossa capacidade! Ela sempre levava textos muito incentivadores para nós e também falava que não podíamos ser dominados pelas ideias derrotistas da Ditadura Militar.

Um dia um policial ia passando na calçada, ouviu o discurso dela falando do descaso do governo com a educação, entrou na sala de aula e queria levar a professora presa por subversão.

Nós fizemos um círculo em volta dela e pedimos a ele que tivesse piedade de nós, que não levasse a nossa professora. Márcia, uma das alunas mais velhas, que já era mãe solteira, até chorou. O policial pisando firme, fazendo barulho com suas botas, foi até o birô, pegou o giz e falou:

— Professora, agradeça a esse pó de giz, que não vai no camburão direto pra cadeia!

O homem parecia enfurecido, como se a nossa professora tivesse lhe xingado e agredido a pessoa dele.

— Escute bem o que vou lhe dizer, professora. Tenha cuidado com o que fala nas suas aulas! Nós, militares, não estamos para brincadeira; respeite o governo que paga o seu salário!

E olhando pra nós falou:

— Ela foi salva por vocês, mas tenham cuidado pra não andarem por aí repetindo frases negativas sobre o nosso governo. O presidente faz o que pode, e vocês deveriam se ajoelhar e agradecer por esta escola!

Todos os alunos de todas as salas e os demais professores já estavam de mãos dadas no corredor da escola para defender a pro-

fessora. O soldado passou pelo grupo, fez um gesto autoritário, saiu quase marchando. Depois que ele foi embora, todos cantamos o Hino Nacional chorando. Depois desse dia, comecei a ler muito sobre os tipos de governos que governaram o Brasil, sobre as Constituições desde a primeira de 1824, em que Dom Pedro era o poder moderador. Também passei a prestar mais atenção na política, nas eleições e nos discursos dos candidatos.

A coragem daquela professora, que nunca parou de falar das mazelas do governo, mesmo sabendo das ameaças que sofreu e das perseguições, sempre foi para mim uma inspiração na luta pelos meus direitos.

Assim era a maioria dos professores e professoras que, mesmo diante das ameaças sofridas, não deixavam de cumprir o seu papel de educadores, libertadores.

Entrei na escolinha. Vi uma Senhora sentada atrás de um birô, bem na entrada. Ela olhou para mim por trás dos óculos e perguntou:

— É a Daniela? A Consuela me falou que vinha uma moça para ensinar na turma do Jardim...

— Eu mesma, sim senhora! É a irmã da professora Consuelo?

Procurei esconder o meu nervosismo, falando com muita firmeza, mas só eu e Deus sabíamos como eu estava.

A mulher me examinou dos pés até a cabeça, colocou a mão no queixo, abaixou os olhos, pensou, pensou, pensou e depois falou:

— Você quer mesmo ensinar crianças? É uma turma de vinte alunos de cinco anos, muito peraltas! Teve professora que saiu daqui chorando!

Para mim, pareceu que a mulher estava tentando me convencer a desistir. E eu já estava querendo mesmo, não por medo das crianças e nem do desafio, mas porque não simpatizei nada com ela.

Mas outra vez me veio à mente as palavras da professora Consuelo, dona daquela escola. Então, falei com mais firmeza ainda:

— Dona Isaura, a minha professora Consuelo me falou pra vir aqui pra me apresentar como professora da turma de Jardim. Quero conhecer a sala pra começar a arrumar. As aulas começam na próxima semana, não é?

Nesse momento a professora Consuelo chegou e foi logo falando:

— Muito bem, Daniela, é assim que se fala!

E se dirigindo à irmã:

— Daniela é a aluna que te falei. Ajudou-me muito com a turma que mal sabia ler! Foi com a ajuda dela que consegui aprovar muitos alunos! Aqui ela vai aprender muito e nós vamos ajudá-la a ser uma boa professora!

Fiquei com vergonha de perguntar quanto receberia de ordenado. Parecendo adivinhar o meu pensamento, Isaura falou:

— Ainda não sabemos quanto vamos pagar porque depende se os pais vão pagar em dia ou não.

— Vou te explicar como funciona: a gente pega o dinheiro das mensalidades pagas no mês, tiramos o dinheiro da conta de água, de luz, do telefone, dos materiais de consumo, do aluguel da casa e o que sobra dividimos entre Consuelo que é a dona da escola, as quatro professoras, o vigia, o contador e eu, que sou a Diretora.

Eu não entendia de contabilidade, mas de uma coisa já sabia: não ia ganhar quase nada, mas o que fosse já estava bom, uma vez que teria a maior riqueza da minha vida: o título de professora! Ia escrever na lousa da minha sala de aula, contar e ler histórias para os meus alunos, participar das reuniões, passar tarefinhas! Ganhar beijinhos e abraços das crianças, festa no dia dos professores! Ia ganhar presentes! O que mais eu poderia querer? Eu sempre ouvia de minha sábia Vó Tita: “Dinheiro não é tudo na vida, e a felicidade pode estar onde a gente quer e com pessoas que gostam de nós”.

Para não correr o risco de ver dona Martinha rindo da minha cara, pedi para a professora Consuelo um papel assinado por ela, confirmando que estava me contratando com professora. Ela pegou uma folha e escreveu: “Eu, professora Maria Consuelo Muniz de Oliveira, declaro para quem interessar possa, que Daniela Da Silva Mendes será professora da Escola Sonho de Criança, a partir do dia 15 de fevereiro de 1977”. E assinou.

Fui direto para a casa de dona Martinha e entreguei o papel para ela.

— O que é isso, Dany?

A mulher perguntou, mas foi logo abrindo o papel e lendo. Vi que seus olhos ficaram marejados, já que estava emocionada pela minha conquista.

A professora ficou muito preocupada pelo fato de ainda eu ser muito novinha para assumir uma turma de crianças. No mesmo momento, decidiu ir comigo até a escolinha para falar com a professora Consuelo. Chegamos lá, e a professora estava conversando com uma mulher que pretendia matricular uma criança, uma menina de cinco anos. Assim que entramos, a criança olhou para mim, se aproximou, segurou a minha mão e convidou para irmos até o parquinho. Falei:

— Vamos já já, viu? Vou falar com a professora.

Então, sentei numa das cadeiras e dona Martinha sentou em outra, a fim de esperarmos que Consuelo se desocupasse. Assim que me sentei, a menininha sentou-se logo no meu colo e começou a acariciar o meu rosto e me chamar de “titia”.

Todas as pessoas presentes pararam para observar a cena. Então, a professora Consuelo aproveitou para apresentar à mãe da menina a professora do Jardim. A mulher, vendo sua filha no meu colo toda adaptada, realizou logo a matrícula da criança. Dona Martinha nem falou mais nada com a professora Consuelo e perguntou se podia olhar as salas de aula.

Eu preferi acompanhar a minha aluna ao parquinho que, para mim, era muito mais importante. A escola eu teria todo o resto da semana para conhecer em seus mínimos detalhes.

As duas professoras conversando, eu e Lana, a menina, brincando na gangorra e a mãe olhando, encantada com a situação.

Quando contei para minha Vó Tita o que havia acontecido na escola, com os olhinhos marejados, falou:

— Minha neta, existem professoras formadas que nem gostam de ensinar, fazem isso por dinheiro apenas e sofrem, choram todos os dias, se irritam e ficam doentes. Tem também as professoras de vocação, que antes do salário amam o que fazem e se deleitam com cada momento da sua lida de professora. Você faz parte desse grupo, minha querida. Será uma excelente professora, tenho certeza!

E ela me abraçou chorando de alegria. Cada dia da minha vida me surpreendia com a sabedoria da minha avó, sem saber de onde ela tirava tanto conhecimento. Um dia perguntei e ela me disse sem rodeios:

— A minha escola sempre foi a vida. Se você me perguntar por que sei a diferença entre uma professora formada e uma de vocação,

respondo que foi convivendo com as suas. Conheci as de vocação com formação e as de formação sem vocação.

Dona Martinha ficou encantada com a escolinha e decidiu que colocaria o Pedrinho lá, porque levá-lo para o Colégio Santa Isabel dava muito trabalho e, além disso, a professora dele vivia perturbando com enredos sobre o comportamento do menino, fazendo com que a Freira-Diretora chamassem a sua atenção com muita frequência, o que estava colocando o seu emprego em risco. Pedrinho então seria mais um dos meus alunos do Jardim.

Não digo que foi fácil o meu primeiro ano como professora, mas com a ajuda de Dona Martinha, das mães e pais dos alunos, orientações da professora Consuelo e com o meu amor pela educação, consegui trabalhar com a turminha do Jardim e no ano seguinte a professora Consuelo me colocou na sala de alfabetização para acompanhar a turminha do Jardim. Nessa turminha entraram mais uns seis alunos novatos, mas tudo correu bem e eu alfabetizei a todos!

Assim se iniciou a minha carreira de professora. Pirambulando, eu aprendi a amar a cultura, a Literatura e a Educação!



## CAPÍTULO XII — ELE VOLTOU!

O meu “emprego” de professora, na verdade, não passava de um estágio, porque o meu ganho era menos do que eu ganhava na casa da Dona Martinha, por isso mal dava para cobrir os meus gastos pessoais, mas eu não me queixava porque estava ganhando experiência e o meu maior pagamento era a confiança dos pais e das crianças na minha pessoa.

Mas uma coisa me deixava triste: Isaura, a diretora da escola, não se mostrava uma boa pessoa. Além de me tratar muito mal, de inventar que as mães reclamavam de mim, dizendo que eu maltratava as crianças e outras atitudes nada corretas para uma educadora, ainda ficava sempre com os presentinhos que as crianças traziam para mim e para as outras professoras nas datas festivas, como Páscoa, dia das professoras, aniversário e final de ano. Embora não achasse a coisa mais importante do mundo receber presentes das mães dos alu-

nos, achava estranho nunca receber nada nem no meu aniversário, mas nada comentava com as colegas porque uma delas sempre passava para a diretora o que falávamos. Depois eu descobri que Isaura ficava com todos os presentinhos que as mães compravam para nós.

O desvio funcionava assim: ela dizia para as mães que ia ter uma festinha para as professoras e que seria surpresa; se alguém fosse dar presente, deveria entregar um dia antes na casa dela para que na hora da festinha as crianças entregassem para gente. Em todas as datas festivas ela agia da mesma forma: dava um dia de folga na semana, alegando que ia fazer uma limpeza geral. No entanto, já tinha falado com as mães que teria uma breve reunião para falar da surpresa que faria para as professoras e pedia segredo. Assim, nem as crianças poderiam saber para que não estragassem a surpresa.

Eram tantos presentes, que ela abriu uma lojinha de variedades na esquina da casa dela. As mães davam de perfumes a toalhas de banho, roupas, bolsas, sandálias e tudo mais. A escolinha tinha uns 80 alunos.

Uma das mães que morava por perto da escola me encontrou e perguntou:

— Tia Dany, gostou do presente?

Sem entender, perguntei:

— Que presente?

A mulher parou e se pôs na minha frente:

— Eu entreguei uma linda toalha bordada à diretora Isaura para o Eduardo lhe entregar na festa surpresa do dia das professoras! Ela não entregou?

Sem saber o que dizer, mas temendo que houvesse uma confusão na escola, respondi:

— Ah, sim aquela toalha! Amei! É linda, obrigada!

A mulher desconfiada da minha resposta, perguntou:

— Gostou da cor, tia Dany? Não sei se gosta de verde!

Mais que depressa, falei:

— Eu adoro verde!

A mulher então falou:

— Mas a toalha que lhe mandei era rosa!

Fiquei muito constrangida por ter tentado enganá-la. Ela, então, tratou de falar com as outras mães que foram até a lojinha e

reconheceram os presentes que haviam mandado para nós. Foi uma grande confusão porque as mães exigiram uma reunião com todas as professoras e desmascararam a Isaura, que colocou todas nós para fora. Dona Consuelo não podia ficar contra a irmã e acabou concordando com a demissão em massa, talvez mais por vergonha pelo que sua irmã andou fazendo. Assim, lá se foi a minha carreira de professora. Onde mais uma mocinha de 15 anos cursando o primeiro grau iria ensinar? Somente quem me conhecesse muito bem, como a professora Consuelo, mas não havia outra que tivesse uma escolinha.

De toda forma, meu sonho não acabou. Passei a dar aulas de reforço para as crianças da rua e ganhava um dinheirinho das mães que podiam pagar. As que não podiam, ficava de graça mesmo. Eu sentia muito orgulho das minhas aulinhas, mesmo na minha casa nada engracada. Pelo menos tinha uma mesa de fórmica e quatro cadeiras novas; foi o que consegui comprar de um galego com os ganhos que eu consegui na casa de Dona Martinha e o “emprego de professora”.

Dona Martinha foi morar no Conjunto Nova Assunção que ficava mais perto da sogra e da irmã. Convidou-me para morar com ela, mas eu não aceitei porque gostava muito da minha turma do Sales Campos e também estava tomando consciência que ela e muitas outras pessoas exploravam as mocinhas como eu, utilizando-nos como empregadas sem compromisso de uma remuneração adequada, visto que davam apenas uma pequena ajudinha às famílias.

Para mim, bastava a minha mãe que era explorada já fazia uns oito anos. Nunca melhorou de vida, nunca teve um aumento de salário, a patroa nunca assinou sua carteira de trabalho. Essa era mais uma das muitas mazelas da Ditadura Militar: permitir que os mais pobres fossem explorados pelos mais abastados, que se aproveitassem das filhas dos miseráveis que vinham para Fortaleza fugindo da seca, que se aglomerassem os retirantes nos arredores da Capital.

Eu sempre me emocionava quando ouvia uma música que dizia: “Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho, eu pedi pra chover, mas chover de mansinho, pra ver se nascia uma planta no chão! Se eu não rezei direito, o Senhor me perdoe, eu acho que a culpa foi desse pobre que nem sabe fazer oração”. Coitados, ainda se culpavam pela própria miséria.

Os nossos corajosos professores, mesmo sendo ameaçados constantemente de serem presos, torturados ou até mortos por subversão, nos orientava sobre os nossos direitos como cidadãos e cidadãs durante suas aulas. Denunciavam as atitudes funestas dos governantes que agiam de acordo com as diretrizes impostas pelo governo federal. Muitos patrões não assinavam a carteira dos trabalhadores e demitiam por motivos banais, sem pagar qualquer indenização e ficava por isso mesmo, embora existisse uma Lei chamada CLT- Consolidação das Leis do Trabalho. Os nossos professores falavam muito do trabalho escravo nas fazendas dos estados do Sul e Centro Oeste, principalmente. No momento dessa fala, eu sempre acabava chorando por me lembrar do meu pai que havia saído para um trabalho desses em uma fazenda e nunca mais havia voltado. Um dia, o professor Carlos, de Geografia, me vendo limpar os olhos, chegou perto da minha carteira e perguntou:

— Minha jovem, porque sempre se emociona assim quando falamos sobre esse assunto? Quer nos contar?

Como eu já havia contado a história do meu pai para muitos colegas, fui até a frente e contei o que havia acontecido. O professor também ficou muito emocionado, falou mais ainda sobre o assunto e disse mais:

— Meus alunos e alunas, muitos desses homens muitas vezes são levados para os seringais no Amazonas, no Pará e também para os garimpos; infelizmente, muitos morrem por lá mesmo.

E olhando com ar piedoso pra mim:

— Espero que não seja o caso do seu pai!

As empregadas domésticas como minha mãe eram tratadas como escravas e se ficassem doentes, como dona Raimunda, eram colocadas para fora sem dinheiro para o tratamento e morriam como indigentes.

Apesar de ter ficado muito triste com a perda do meu trabalho de professora na Escolinha Sonho de Criança e a dona Martinha ter se mudado, levando com ela o meu amiguinho Pedrinho, mas também aquele monstro que deve ter molestado muitas mocinhas que trabalhavam na sua casa, aconteceu uma coisa muito especial naquele ano.

Eu estava ensinando a três crianças naquela tardinha. De repente, vi um homem magro, de boné do time do Fortaleza na cabeça, me olhando com os olhos molhados de lágrimas. Por um momento achei que pudesse ser o meu pai, mas não se parecia nada com aquele homem forte, bronzeado, que eu conhecia. Era um homenzinho pálido, quase esquelético, olhos fundos... O homem ficou parado à porta sem nada falar. Perguntei

— quer falar com a Vó Tita? Espera que vou chamar; ela está no quintal.

O homem continuou me olhando como se estivesse hipnotizado:

— Não me conhece mais, minha filha?

— N... não, senhor!

Respondi já meio desconfiada. O homem foi abrindo a porta devagar e, chorando, falou:

— Dadá, sou eu, minha filha, seu pai! Eu voltei! Venha me dar um abraço!

As crianças foram logo pegando o caderno e saindo porque sabiam que a aula naquele dia estava encerrada. Abracei o meu pai chorando e comecei a gritar:

— Vó Tita, Vó Tita, ele voltou! O meu pai voltou!

Vó Tita foi chegando e perguntando:

— Ele quem, menina?

E ficou paralisada também ao ver aquele quase esqueleto amarelado no meio da salinha esburacada.

— Mas ora se não é tu, homem de Deus!

Ela falou com a voz trêmula pela emoção. Minha vó sempre gostou muito do meu pai, porque era muito trabalhador e tratava a minha mãe com muito respeito; não bebia e nem fumava, seu único vício era o futebol, tanto para torcer como para jogar as peladas nas areias do Pirambu ou nas areias molhadas na beira do mar. Ela então deu um abraço nele e dando tapinhas em suas costas esqueléticas foi conduzindo o pobre homem para se sentar em uma das cadeiras que eram novas, com medo que ele desmoronasse de tão fraco que estava.

Puxei outra cadeira e fiquei abraçando o meu paizinho, e as lágrimas inundaram os nossos olhos.

Ele tentou começar a contar o que havia acontecido, mas eu o interrompi; falei que seria melhor ele contar a história quando esti-

vesse todo mundo reunido. No momento seria melhor ele descansar. A Vó Tita armou uma rede nova que eu havia comprado do galego e que ainda estava pagando cinco cruzeiros por mês, dinheiro que eu conseguia arrecadar das aulas de reforço e dos bicos que eu fazia como marcadora de consultas no INPS.

Foi se deitar na rede e meu pai pegou logo no sono. Minha avó tratou logo de fazer um caldo de carne moída para ele, enquanto eu ia até a bodega da dona Maria para comprar três fichas, a fim de ligar e contar a novidade para minha mãe:

— Alô? Eu queria falar com a Rosa?

Do outro lado da linha uma voz abusada que eu sempre ouvia, a de dona Sara:

— Quem quer falar com ela?

Com vontade de falar poucas e boas para ela, tentei me acalmar e respondi com a educação que uma quase professora deve apresentar:

— Por favor, dona Sara, é a filha dela, será que a senhora pode chamar a minha mãe? É urgente!

A mulher ficou em silêncio por alguns instantes e então perguntou:

— Alguém morreu?

Com um nó na garganta, falei:

— Não, senhora. A notícia que eu vou dar pra ela é boa!

Ouvi a voz humilde de minha mãe:

— É a Daniela? Daniela, o que aconteceu, minha filha?

Chorando, falei:

— Mãe, ele voltou!

A mãe perguntou:

— Ele quem, menina?

— O pai voltou mãe, tá dormindo na rede nova! Vem logo pra casa!

Fez-se um silêncio e ela respondeu:

— Vou só domingo, menina! Não posso sair daqui, não! A patroa não vai me dispensar. Diz pra ele vir aqui amanhã, viu? Diz pra ele que estarei esperando!

Minha mãe soluçava, assoava o nariz e eu ouvi a patroa falar ao fundo:

— Morreu alguém, Rosa? Por que está chorando?  
E minha mãe desligou o telefone.

Voltei pra casa e o Dedé já estava lá, deitado na beirada da rede alisando a cabeça do nosso pai e os dois choravam. Didi sentado no chão, brincando com seu carrinho de bois, falou:

— O papai chegou, Dadá, o papai chegou.  
O menino nunca conheceu o pai dele, então adotou o nosso pai.

Como ainda era quinta-feira, o meu pai foi até a casa da patroa de minha mãe e a trouxe com ele. Queria contar a sua história para toda a família e não podia esperar até o domingo.

Vi com muita emoção meu pai entrando na nossa sala da mesa de fórmica, de braços dados com a minha mãe. Mais de oito anos que não via aquela cena. Os dois se sentaram à mesa, minha mãe alisando o seu tempo, como se quisesse acreditar que ela era de verdade, que finalmente tinha uma mesa sem ferrugem, cadeiras que não colocavam em perigo a integridade física de ninguém, que não arriscava pegar um tétano ao sentar-se nelas. O tétano era a doença do momento: “Um menino furou o pé em um prego e morreu de tétano! Quem mandou andar descalço pelos monturos”. Era sempre culpa da falta de cuidado das pessoas e não dos governantes que descuidavam da saúde pública. Criança que morria de desidratação, culpa da mãe que era imunda e não lavava e nem escaldava a mamadeira da criança. Crianças com curuba, coqueluche, lombriga, piolho, nanismo, dentes cariados, mães que não alimentavam direito, não cuidavam da higiene bucal. Nunca era culpa da falta de saneamento básico, do desemprego, subempregos, escravidão doméstica... Assim era nos tempos da Ditadura Militar.

Vó Tita, mamãe, Dedé e eu estávamos ansiosos para escutar do meu pai o que acontecera com ele para estar tão desmazelado daquele jeito. Mas ele preferiu contar como foi recebido na casa da patroa de sua esposa querida. Com a voz ainda fraca, rouca, quase sem forças ele começou:

— Cheguei, o portão fechado. Toquei a campainha. um rapazinho veio atender. Olhou pra mim com cara de que via um cachorro sarnento: “Perdoe, tem esmola não!”. Eu tentei falar, mas ele bateu o portão na minha cara. Deixei passar uns minutos pra me acalma, toquei a campainha outra vez. O rapaz apareceu de novo já me “es-

colachando”: “Já disse que não tem esmolas! Por que não vai embora? É surdo por acaso?”. Tentei explicar, mas ele novamente bateu o portão sem me ouvir. Passados uns dez minutos, um senhor chegou de carro e buzinou. Eu sentado na calçada. O homem do carro mesmo falou: “Ei, rapaz, o que está fazendo sentado na minha calçada? Procure outro lugar pra pedir esmolas, vai, vai, vai!”. Ele balançava as mãos como se estivesse enxotando um bicho bruto. Fui me levantando devagar por causa da fraqueza e cheguei perto do carro. Ele me enxotou outra vez: “Sai, sai de perto do meu carro, que vai sujar; acabei de lavar!”. Continuou buzinando para alguém abrir o portão. Então, pra minha sorte, quem veio abri foi a Rosinha. E eu peguei a mão dela e beijei. Quando ela me viu, começou a chorar. O patrão entrou com o carro e nós ficamos abraçados na calçada chorando. Ele saiu do carro e se aproximou com jeito de poucos amigos: “— Quem é esse, Rosa? Agora vai ficar abraçando mendigo na calçada?”. E soltou uma gargalhada. Rosa explicou que eu era seu marido desaparecido. O homem, que nem lembrava mais do caso, colocou o dedo na lateral da testa e elevou os olhos, buscando na memória. Depois de uns segundos falou: “Ah, lembrei! Aquele que foi trabalhar na fazenda do Mato Grosso e nunca mais deu notícias! Abandonou a família e agora volta na maior cara de pau!”. Rosa ficou olhando para o patrão, enxugou as lágrimas, engoliu o choro e falou: “Quero minha demissão. Vou só pegar minhas coisas!”.

Minha mãe tomou a palavra:

— Quando entrei, dona Sara estava na sala. Cheguei perto dela e falei: “Meu marido voltou!”. Ela olhou pra mim e perguntou: “Aquele que te abandonou? E tu vai querer ele de volta?”. Eu falei: “Estou pedindo demissão; meu marido foi tratado muito mal pelo Alexandre e pelo Dr. Mauro. Se vou querer o pai dos meus filhos de volta, é problema meu. Vou embora com ele. Se a senhora tiver algum dinheiro pra me dar, faça o favor de me entregar o que tenho direito, que vou arrumar minhas coisas”. Dona Sara se levantou e eu tive que levantar a cabeça pra poder olhar pra ela que estava vermelha de raiva. Ela gritou: “Como é, Rosa? Tu vai me deixar na mão por causa de um sujeito que te abandonou? Tu não tem vergonha? Ai de ti se não fosse eu te dar o que comer e aos teus filhos! E é assim que tu me paga, sua mal agradecida! É isso que dá ter pena de negro e pobre! Quando

não suja na entrada, suja na saída. Pois pode pegar teus molambos e sair desta casa, que não vou te dar um tostão!”. Ela partiu pra cima de mim furiosa! O Dr. Mauro entrou no mesmo instante e falou: “O que é isso, Sara! Vamos pagar direitinho o que ela tem direito”. Ele sabia que não tinha sido nada correto comigo, parecia envergonhado. Ele parecia estar admitindo que eu estava certa de não querer mais trabalhar pra eles. O homem foi até o quarto e voltou com este envelope; nem abri ainda, mas sei que vai dar pra gente passar até eu arrumar outro serviço.

O envelope amarelo era bem grande. Olhamos para ele com admiração. Minha mãe abriu-o e vimos o seu conteúdo com os olhos arregalados: tinha ali muitas notas de cruzeiros e graúdas. O homem pagou grande parte dos direitos trabalhistas de minha mãe, menos as humilhações que ela passou durante o tempo que foi usada como escrava por ele, sua esposa, filhos e parentes.

Minha mãe contou que, muitas vezes, era emprestada para a mãe da patroa, quando sua empregada tirava uns dias de folga, porque férias as empregadas domésticas não tinham; minha mãe nem essas folgas nunca tirou. Segundo ela, a mãe de dona Sara era muito mais carrasca do que a filha e fazia minha mãe arrear todas as panelas de alumínio, limpar e arrumar todos os armários, e tudo mais que sua empregada, que não era nada besta, jamais fazia. A velha vivia reclamando que a Margá não limpava a casa, só passava a vassoura pelo “miolo da casa”. A verdade é que a Margá só fazia o que o seu salário pagava.

Quando as domésticas se encontravam no ônibus, era só para falar mal das madames da Aldeota. Um dia peguei o ônibus às cinco horas da manhã para marcar uma consulta para dona Maria da boleia no INPS e ouvi uma conversa: “Mulher, a dona Suzana me deu o maior cagaço porque me pegou no flagra comendo um pedaço de queijo. Que mulher miserável!”; “E eu, só por que esqueci de lavar os panos de chão, a Dona Helena quase me bate”, falou a outra. Uma das domésticas que estava na cadeira da frente se virou e desabafou: “Se sumir qualquer coisa, a minha patroa diz logo que fui eu! O filho dela rouba dinheiro dela pra comprar baseado e ela me acusa! Ela sabe que é ele quem pega as coisas pra vender! Fico revoltada, mas não

posso sair desse trabalho. Arrumar outro vai ser muito difícil e tenho quatro filhos pra dar de comer; tenho que aguentar!".

Nunca ouvi uma empregada doméstica elogiando uma patroa; só a pobre da dona Raimunda que amava a dona Martinha e dizia que, abaixo de Deus, era ela quem a socorria nos momentos de aflição. Era dona Raimunda quando tinha saúde que fazia tudo na casa, lavava roupas, engomava, fazia comida, limpava a casa, varria o enorme quintal, aguava o jardim, cuidava das plantas. Só veio diminuir o trabalho dela quando chegou para “brincar com o Pedrinho” porque, enquanto ele tirava a soneca, eu ajudava a pobre mulher. Se ela ganhava o mesmo que a dona Martinha entregava para minha avó no final do mês, era uma miséria, mal dava para comprar comida que desse uma semana. Dona Raimunda era arrimo de família e moravam com ela o marido inválido e cinco filhos, apenas um de maior que era camelô, os outros de doze anos para baixo. Dona Martinha, na sua infinita bondade, deixava que ela levasse os alimentos que sobrassem do almoço e da janta para casa.

Dona Raimunda, assim como a minha avó, era mais uma das meninas que tinha sido expulsas do interior, pela “Seca do 58”. Todo mundo falava dessa seca que deixou o Ceará arrasado! Muito gado morreu de sede, as plantações de feijão, milho e algodão secaram e a única saída de milhares de família foi arribar para a capital, deixando suas terras abandonadas. Ocorriam saques e muitos morriam atingidos por tiros da polícia e seguranças dos supermercados. Dona Raimunda, assim como a Vó Tita, era sobrevivente dessa época.

Depois de olhar bem para o dinheiro que nunca tínhamos visto na vida, minha mãe pediu ao marido que começasse a contar sua história desde aquele domingo de dezembro de 1972, em que ele saiu contratado para trabalhar na fazenda de Goiás.

E ele, com sua vozinha fraca, começou:

— Chegamos à Rodoviária dos Pobres no Antônio Bezerra, mas não entramos. Tinha um ônibus muito velho estacionado do lado de fora; era uma lata velha mesmo! Nem sei como ainda funcionava. Fiquei com medo de pegar um tétano de tanta ferrugem que tinha nele. O Seu Ambrósio era o motorista e tinha mais uns cinco homens com ele, encarregados de acompanhar a gente na viagem. Subimos; as cadeiras rasgadas, aparecendo a ferragem, e eu perguntei: “Motorista,

esse ônibus chega pelo menos a Sobral?”. Os companheiros riram e o motorista respondeu: “Cala a boca, nego! tua boca fede a bosta!”. Eu me revoltei, quis partir pra cima dele, mas um dos “acompanhantes” mostrou o cabo de um revólver. A partir dali, todos nós percebemos que se tratava de um sequestro e não de contratos de trabalho, mas já era tarde pra nós. Eles só paravam em lugares onde não tinha uma casa! A gente fazia as necessidades nos matos e comia rapadura com farinha. Eles vigiavam a gente o tempo todo. Quarenta homens contra seis, mas eles estavam armados até os dentes e nós só tínhamos a chinela como arma. Eles se revezavam para dormir; havia sempre dois pastorando a gente. A lata velha deu o prego umas dez vezes, mas um deles era mecânico. Levavam óleo diesel em galões, suficiente pra abastecer o veículo durante os seis dias de viagem. Banho a gente só tomava em lagoas, entrávamos na água de quatro em quatro, sempre com as armas apontadas para nós.

Meu pai parava de vez em quando, abalado pelos soluços, diante da revolta. E nós começamos a chorar também; as lágrimas não paravam de sair dos meus olhos, imaginando o que meu pobre pai passou nessa viagem macabra. Ele continuou:

— Eles mataram cinco companheiros na nossa frente, porque tentaram se embrenhar nos matos durante uma das paradas, quando o ônibus deu o prego. Quando os coitados começaram a correr, os homens atiraram bem nas costas deles. Nem sequer enterraram; deixaram lá para os urubus comerem. Aí o resto nunca mais tentou fugir.

O meu pai não contou mais detalhes da viagem para não assustar a gente, tenho certeza!

Minha mãe, notando que ele estava muito cansado e emocionado, pediu que parasse. Eram umas dez horas. Os dois saíram para comprar frango assado e baião de dois para a gente almoçar, além de refrigerante. Foi a primeira vez que almoçamos em família com certa dignidade. Didi ganhou uma coxa de frango e comeu com gosto tomando refrigerante. Embora muito contente por estar ali sentada à mesa que eu havia comprado, a comida não me descia porque eu ainda estava muito emocionada com tudo que ouvira naquela manhã; olhava para aquele homenzinho tão diminuído pelos estragos causados pelo descaso das autoridades que deveriam cuidar dos cidadãos brasileiros.

Depois do almoço, fomos contar o dinheiro que minha mãe havia recebido da indenização pelos oito anos de trabalho na casa dos dentistas: cinquenta mil cruzeiros! Para nós era muito dinheiro, dava para pagar todas as contas de luz e água atrasadas, fazer o mercantil para um mês e sobrava um dinheirinho que o meu pai falou que serviria para comprar um carrinho para vender frutas e verduras de casa em casa com o Dedé, mas o meu irmão foi logo dizendo que queria mesmo era ser ajudante de mecânico, já que não tinha estudos para fazer um curso. A discussão correu no sentido de trabalho durante o resto da tarde.

Minha mãe falou de arrumar outro trabalho sem ser de doméstica, pois estava cansada de tanta humilhação. Eu dei a ideia para ela fazer um curso de costureira. Ela gostou e ficamos de sair à procura deste curso. Também dei a ideia para ela continuar estudando à noite para terminar o primeiro grau. Fui com ela ao Sales Campos e a matriculamos no Supletivo.

Meu pai estava muito fraquinho. A vó tratou logo de fazer mastroz com leite, gemadas e caldo de caridade. Ela colocou água para ferver, pisou pimenta e alho, colocou tudo dentro do papeiro com manteiga da terra e deu para ele, dizendo ela que levantava até defunto da cova. No entanto, a gente sabia que ele precisaria ir ao médico. Pra isso era preciso passar uma noite na calçada do posto de saúde para marcar a consulta, que demoraria uns três meses. Enquanto isso, era melhor tomar as “meisinhas” da Vó Tita e procurar a rezadeira mais famosa do Pirambu, a Dona Candoca, que rezava para quebranto de criança, espinhela caída, dor nas cadeiras, “dor nas cruz”, febre, dor de garganta e todas as doenças dos pobres que não tinha INPS para consultar um especialista e que não podiam ser tratadas pelo médico do posto de saúde.

A Vó Tita também sabia fazer lambedores para tosse e garrafadas para dores no útero; aprendeu com a mãe, que aprendeu com a avó dela e assim a cultura foi passando de geração para geração.

No sábado, depois que todo mundo se fartou com cuscuz com ovo e café, ficamos todos ao redor da mesa de fórmica, e o meu pai recomeçou a contar sobre as suas aventuras na fazenda de Goiás. Ele respirou fundo buscando fôlego para controlar a emoção, como se estivesse buscando forças para relembrar o que vivera e começou:

— Foram seis dias de viagem e muito sofrimento, mas finalmente chegamos à fazenda. Fomos levados direto para o alojamento, um galpão só com as paredes, umas colunas pelo meio com armadores e um fogão a lenha. Nem banheiro tinha. O capataz da fazenda chegou logo por lá rodeado pelos capangas armados até os dentes. Mandou todo mundo se sentar no chão de barro batido e começou a explicar sobre a vida na fazenda: “Vocês estão aqui pra trabalhar. O salário será pago por quinzena. No final de semana podem tomar a cachacinha de vocês por aqui mesmo; nada de sair por aí arrumando confusão. A comida de vocês é vendida na venda da fazenda; tudo que precisarem tem lá pra vocês comprarem. O patrão vende fiado pra descontar do salário. Vocês já vão precisar de rede, panelas, pratos colheres e mantimentos. Vocês mesmo vão fazer a comida”.

Meu pai suspirou. Percebi que suas mãos começaram a tremer e umas gotas de suor se formaram na sua testa, mas continuou:

— Todo mundo olhou um pra cara do outro, sabendo que aquilo não estava correto; se a gente ia trabalhar na fazenda, tinha direito pelo menos ao almoço! Levantei a mão e perguntei: “Nós precisamos ir até a cidade dar um telefonema pra nossa família, colocar uma carta no correio...”. Um dos capangas colocou o cano da espingarda no meu queixo e o capataz falou: “Escuta aqui, sujeito. Vocês vieram aqui trabalhar pra juntar dinheiro e levar pra casa quando terminar o serviço. Pra quê telefonar só pra ficar de blá-blá e preocupando a família? Trabalhem, trabalhem e trabalhem que daqui há um ano vão poder voltar cheios de dinheiro pra casa! Evitem conversa fiada entre vocês, que viverão em paz aqui. Toda noite cinco homens ficarão de vigia aqui no galpão se revezando pra vocês dormirem sossegados, sem perder tempo com conversa; é chegar do serviço, tomar banho no rio, jantar e cair na rede pra dormir. Vocês vão se levantar todos os dias às quatro da manhã pra prepararem a boia de levar pro eito, porque vão almoçar lá mesmo. Se alguém tentar fugir, a ordem é meter bala; aí a família de vocês nunca mais terá notícia. Melhor obedecer!”. Depois que ele nos ameaçou de todas as formas, um sujeito apareceu com um caderno e ele começou a anotar as coisas que cada um ia precisar comprar na venda do patrão. Só pra começar, ficamos devendo mais da metade do que o capataz falou que a gente ia ganhar; um salário mínimo, mas com os descontos do aluguel do barracão.

Assim, de cada um ia descontar dez por cento. Como tinham assassinado cinco de nós, agora estávamos em trinta e cinco. Depois que o capataz foi embora, deixando os vigias, tratamos de dividir o pessoal em grupos pra fazer a comida. Todo mundo se coçando pra comentar a situação, mas de vez em quando um dos capangas colocava a cabeça pra dentro do galpão, para a gente saber que não podia conversar uns com os outros sobre o que estava acontecendo e evitar algum motim pra fugirmos de lá, que certamente era o que todo mundo queria fazer desde o início daquela maldita viagem. Olhamos uns para outros como que combinando com os olhos que não devíamos comentar nada, então tratamos de combinar a divisão das tarefas dali por diante: ficou acertado que cada turma de sete companheiros cuidava da comida por uma semana. Depois de descansar um pouco deitados no chão com a cabeça forrada por alguma peça de roupa ou toalha, fomos escoltados por uns dez capangas até a venda pra pegar as coisas que o capataz tinha anotado no caderno. A lista era grande pra cada um. Só as coisas da cozinha é que foram divididos entre todos. Pegamos quatro panelas de barro das grandes que resistia melhor ao fogo de lenha, uma frigideira grande de cobre, uma cuscuzeira também das maiores, duas colheres de pau, duas conchas, duas bacias, um tambor pra armazenar água da chuva e um balde. O resto era individual; cada um pegou seu prato, sua colher, um caneco de alumínio e uma de ágate. Sim, e a rede e um cobertor. Depois foi a vez dos mantimentos pra quinze dias: feijão, farinha, massa de cuscuz, arroz e carne de jabá, alho, pimenta do reino, sal, café, açúcar, uma lata de banha, de porco, sabão, pasta de dentes, escova. Tudo anotado na conta de cada um. E ainda tinha uma foice, uma enxada, um par de botas e um chapéu estilo mexicano de abas bem largas, que eram os nossos instrumentos de trabalho. O patrão não arcava com nenhuma despesa e ainda ia descontar os gastos da viagem de seis dias, ou seja, naquele mês, além de a gente não receber nada do salário, ainda ia ficar devendo pra descontar do salário do outro mês. essa dívida iria se acumular com as outras coisas que a gente ia ter que comprar pra comer o resto do mês.

Meu pai suspirava, suava e se tremia, um pouco pela fraqueza e muito mais pela revolta que estava dentro dele, como se ainda estivesse passando por aquilo.

Minha mãe preferiu interromper um pouco a narração dele, temendo que tivesse um troço. Não era só o nosso herói que estava quase passando mal; nós também estávamos muito abalados com a história dele. A vó Tita, cortando a galinha do almoço, estava escutando da cozinha e soluçava, assoando o nariz na manga da blusa; minha mãe, Dedé e eu também não conseguimos conter as lágrimas.

Quando o sol esfriou, a vó Tita chamou o meu pai para uma consulta com a rezadeira, dona Candoca. Eu fui junto. A casa dela não era muito diferente da que a gente morava: a rua de terra, com um monturo bem perto, uma cerca de arame farpado coberta por melão caetano, rodeado de pés de carrapateiras, pés de ciúme, grãos de bico, urtigas, salsa e um urubu que bicava um cachorro morto. Tapamos o nariz, por que a carniça fedia muito. Passamos por um portão caído e chegamos à sala de visitas. Havia um altar com muitas imagens de personagens da umbanda, mas só reconheci São Jorge no seu cavalo branco, São Benedito e Iemanjá com seu lindo vestido azul; as outras muitas imagens, não reconheci. Tinha também muitas velas acesas e instrumentos que eu tinha visto nas encyclopédias, na parte que trata da cultura africana. Já havia umas cinco pessoas esperando para serem atendidas. Como eu sempre ouvia falar muito mal dos terreiros de umbanda, senti um estremecimento no corpo, também senti um cheiro forte de fumaça que não identifiquei, o cheiro das velas queimando e o do cigarro de palha que vinha e detrás de uma cortina de renda branca meio transparente, um tanto encardida, com manchas de gordura, como se alguém, ao terminar de comer, limpasse as mãos nela. Dona Candoca estava rezando em alguém naquele momento e dava para ouvir um sussurro em forma de oração. A meninada gostava de fazer uma brincadeira de rezadeira quando alguém levava um tombo durante uma brincadeira de *Jow Cola*. Enquanto a menina ou menino ficava se contorcendo de dor, alguém dizia: “Eu te benzo, eu te curo, eu te jogo no monturo”. E todo mundo caía na gargalhada, depois dando continuidade às brincadeiras.

Depois de uns dez minutos, um homem saiu e a mulher apareceu atrás dele: cachimbo na mão, levando de vez em quando à boca, soltando baforadas de fumaça e cuspidos no chão esburacado igual ao da nossa casa, ainda dando algumas orientações:

— Bem, Seu Galdino, o senhor carece de tomar banho de mar, pra tirar a urucubaca! Entre de costa no mar durante uns três dias, tá “intendeno”? O senhor tem atraído muita mazela. Faça uma oferenda pra Iemanjá, viu? Deixe de ser canguinha, homi!

Ela deu uma risada bem espalhafatosa, arqueando o corpo e se contorcendo com as mãos na cintura.

A figura de dona Candoca era bem africana mesmo. Uma negra alta e magra, uns quarenta e cinco anos, turbante branco na cabeça deixando à mostra um pouco da cabeleira “pixaim”, saia rodada de renda branca e uma blusa de tecido floral de mangas cavadas, de maquiagem, apenas um batom bem vermelho, unhas longas pintadas também de vermelho já descascando; no pescoço um grande rosário de sementes com um crucifixo de madeira, misturado com colares de miçangas. Depois que o homem foi embora acompanhado de outras duas mulheres que o aguardavam, a rezadeira atendeu uma mulher que estava com uma criancinha de uns seis meses tão magrinha, que dava para ver seu coraçãozinho batendo no peitinho. O menino estava com muito cansaço. Depois de uns quinze minutos, a mulher saiu do compartimento seguida de Dona Candoca com um vaso de lambedor, mas desta vez a rezadeira não estava com o cachimbo na boca e estava com um vestido simples, preto, com um véu azul na cabeça. Mais uma vez fez as orientações:

— Liduina, minha fia, dê garapa de rapadura, mingau de aveia, “caldin” de galinha e de feijão! Ovo cozido também, e muita água viu? Se der só mingau, mingau, mingau, ele não vai ter sustança, não! Mas leve ele ao médico do posto pra ele passar um remédio; a reza é só pra aliviar...

E a mulher, de olhos fechados, passou a mão demoradamente pela testa da criancinha, como se ainda estivesse fazendo uma oração.

Era a vez do meu pai. Minha Vó perguntou se a gente podia entrar com ele:

— Pode, pode, venham.

Disse a mulher:

— Aqui num tem segredo, não!

E nós a acompanhamos para o outro compartimento. A sala era iluminada por uma lâmpada vermelha, e tinha lá também um altar com várias imagens de umbanda e velas acesas. Havia também

na parede um quadro enorme da Iemanjá saindo de dentro do mar. Vi várias prateleiras com vidros e mais vidros de vários tamanhos cheios de lambedor de diversas ervas e muitos litros que um dia tiveram aguardente dentro deles, agora cheios de um líquido esverdeado.

Dona Candoca, percebendo a minha curiosidade, foi explicando o que havia dentro dos vidros e dos litros. Segundo ela, eram todos remédios naturais para curar diversas doenças como tísico, coqueluche, vermes, coceiras e doenças de mulheres.

Dadas as devidas e generosas explicações sobre sua farmácia particular, a mulher deu um profundo suspiro, passou um óleo nas mãos e nos braços, foi até o altar, se ajoelhou, aproximou as mãos das chamas das velas e, depois de uns três minutos concentrada diante das imagens, levantou-se, tomou uma pequena taça de conhaque, eu creio, e voltou para perto do meu pai. Passou uns dois minutos com as mãos postas, depois colocou a mão direita na testa dele e a outra espalmada na própria testa, sempre com os olhos fechados, respirando fundo.

Terminadas essas preliminares, ela se dirigiu ao meu pai:

— O senhor andou sumido, né? Votou quando?

— Quarta-feira passada.

Respondeu o meu pai com a sua vozinha fraca. Dona Candoca pegou um cordão que estava pendurado no armador e pediu que ele ficasse em pé de costas para ela. Depois mandou que ele ficasse de braços abertos como se estivesse crucificado. Ele obedeceu; ela mediu as costas dele de uma ponta a outra, depois mediu cada braço. Quando terminou essa parte, pediu que ele juntasse os dois braços à sua frente e ela mediu do pescoço até a altura das nádegas.

— O Senhor sente muita “dor nas cruz”, seu Tobias?

Meu pai respondeu que sim. Ela perguntou novamente:

— E no peito? Sente também?

— Sinto sim.

Respondeu o meu pai.

— Anda sentindo febre de tardezinha?

Meu pai foi respondendo a todas as perguntas da mulher. Depois de umas dez perguntas, Dona Candoca acendeu o cachimbo, deu umas baforadas na cara do meu pai, depois foi até o quintal e voltou com uns ramos de arruda, foi até o altar, aproximou os ramos das

chamas das velas, voltou para perto do meu pai e começou a bater com eles nas costas, no peito e na cabeça do meu pai, sempre soltando baforadas de fumaça nele e falando umas palavras que eu não entendia, agindo como se estivesse dentro de um barco navegando. Esse ritual demorou uns vinte minutos. Depois ela falou:

— Seu Tobias, o senhor tá com muita fraqueza nos pulmões. O senhor vai passar quinze dias tomando uma garrafada das que eu preparam. Se continuar tendo febre, tem que ir pro médico bater uma chapa pra ver se tem alguma mancha, viu? O senhor toma três vezes ao dia e evite ir pro sereno da noite. Durma cedo e tome banho de sol todos os dias de manhãzinha. Beba muito caldo de feijão e de arroz, coma rapadura, sopa de galinha, caldo de mocotó e nada de sol quente. Toda semana o senhor manda buscar um litro dessa garrafada.

A minha Vó Tita colocou duas cédulas no bolso da mulher que falou:

— Agradecida, viu? É pra comprar as minhas velas e o fumo do cachimbo.

Ela nem olhou quanto era.

No Domingo fomos todos para a missa no Jacarecanga. Meu pai se afastou de nós e devagar foi se aproximando do local onde havia um crucifixo de Jesus Cristo. De onde estávamos, o vi se ajoelhando e colocando as mãos postas. Depois ergueu os olhos para o teto da igreja. Vi quando lágrimas rolaram pelo seu rosto. Por coincidência, no alto falante da igreja tocava a música do cantor Antônio Marcos: “eu hoje estou tão triste, eu precisava tanto conversar com Deus, falar dos meus problemas, também lhe confessar tantos segredos meus”. E nós de longe imaginando o que estava se passando pela cabeça e pelo coração do magro e triste Tobias. Depois de alguns minutos, o padre se aproximou do altar, convocando a todos para o início da missa. Meu pai se levantou, enxugou os olhos com a ponta da camisa e colocou dinheiro na fenda da caixa que estava aos pés de São Francisco.

A missa parecia ter sido encomendada para o meu pai. O padre anunciou a campanha da Fraternidade daquele ano: “Fraternidade no mundo do trabalho. Lema: Trabalho e Justiça para todos”. O coroinha saiu a entregar os livretos que tinha esse lema escrito na capa. Meu pai olhou para minha mãe e os dois, emocionados, começaram a chorar abraçados.

O padre iniciou o seu sermão falando das injustiças para com os trabalhadores nas fábricas, nas casas de famílias sobre os maus tratos aos trabalhadores, dos patrões que não pagavam horas extras e nem assinavam a carteira dos seus empregados, negando-lhes os direitos trabalhistas que eram assegurados pela CLT, criada pelo Presidente Getúlio Vargas. Falou também da onda de falsos agentes de empregos que recrutavam homens e mulheres para se deslocarem das suas cidades, prometendo boa remuneração nas fazendas do Sul e Centro-Oeste, mas que não passavam de vendedores de trabalhadores para serem escravizados pelos donos das fazendas, onde muitos eram assassinados brutalmente, e o governo nada estava fazendo para combater esses crimes.

Enquanto falava com seu sotaque estrangeiro, o padre, de nome também estrangeiro, mostrava toda a sua revolta agitando os braços e levantando os calcanhares do chão e seu rosto vermelho mostrava toda a sua indignação com o regime escravocrata, racista, ditatorial, assassino e cruel.

O padre deu uma verdadeira aula de cidadania, mostrando não ter medo dos militares apoiadores da ditadura que com certeza estavam ali mesmo na igreja e, principalmente, dentro da Marinha do Brasil que ficava bem do outro lado da rua. Além do mais, tudo que ele falava no sermão dava para se ouvir a vários quarteirões da igreja porque tinha um alto-falante na torre dela.

Em seu “sermão”, o padre ainda falava de como o medo paralisava as pessoas, impedindo-as de lutarem pelos seus direitos e dos seus familiares, questionando sobre o que os pais queriam deixar para os seus filhos, se estavam satisfeitos com a vida que tinham no presente, se era esse mesmo futuro que queriam para seus descendentes.

O padre orientou os presentes para que não deixassem de participar dos movimentos pelas eleições diretas que sempre estavam acontecendo na Praça José de Alencar. Ele fez quase uma convocação.

Pela primeira vez eu prestei bastante atenção a um sermão daquele padre, pois ele estava falando igualzinho ao professor Pedro de OSPB, que era chamado de comunista pela Diretora do Sales Campos. Foi assim que passei a participar dos grupos de jovens organizados pelas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).

Nesses grupos havia uma certa orientação política, em que eram discutidos assuntos não apenas sobre evangelhos, mas também sobre a união e a luta pela liberdade, justiça e democracia. Era nos encontros em退iros que as rodas de conversas aconteciam. Por conta desse movimento, muitos padres foram excomungados da Igreja Católica, outros foram exilados, muitos desapareceram ou foram assassinados brutalmente.

Depois daquele domingo, meu pai se engajou muito nos movimentos da igreja e passou a apoiar com muita paixão os movimentos pelas eleições diretas. Começou a estudar nas salas de MobraI e terminou o Supletivo do Primeiro Grau. Dinheiro continuou sem ganhar muito, mas vivia feliz vendendo óculos escuros nas praias. Foram anos bem mais sossegados para ele e minha mãe.

Mas como, segundo a Vó Tita, cada um tem o seu destino traçado. Era um daqueles domingos de sol, céu azul de brigadeiro. Minha mãe até que pediu para ele não ir naquele dia vender óculos, que ficasse em casa para o almoço!

— Vou comprar um galete, homem!

O rádio tocava a música “Amada amante”, do Roberto Carlos. Ele, muito animado, agarrou a minha mãe e começou a dançar.

— Mulher, hoje o dia tá bom pra vender óculos! Vou ganhar dinheiro pra dar entrada numa televisão!

Meu pai vestiu a camisa do Fortaleza, colocou na cabeça o boné também do seu time do coração e saiu porta afora ainda associando a música que acabara de dançar com a minha mãe. Eu estava estudando como sempre e apenas dei uma olhada pra ele, que seguiu para a praia de Iracema vender seus óculos escuros para os turistas.

Era cinco da tarde quando um moço bateu palma. Minha mãe foi atender o homem e voltou em prantos. Era a notícia do atropelamento do meu pai. Como nós não tínhamos condição de realizar o enterro, os comerciantes do bairro providenciaram tudo. Foi assim que descobrimos o quanto os nossos vizinhos gostavam de nós.

Com a morte do meu pai, minha mãe se casou no civil com o Seu Raimundo, um senhor que sempre gostou dela, desde que o meu pai havia sumido no mundo. Ele, sendo um operário da Fábrica Ironite, passou a ajudar muito nas despesas da casa e minha pôde sair das casas de família. Ela começou a lavar e a passar roupas para fora. As-

sim, ajudava nas despesas da casa. Didi começou a estudar no Sales Campos e logo aprendeu a ler e a escrever. Melhorou muito a saúde porque minha mãe ficou com mais tempo para cuidar dele e tinha leite, frutas, verduras e legumes na alimentação de todos nós.

Dedé não quis mesmo estudar. Conseguiu um trabalho numa oficina de carros e por lá se fez, até se casar com 22 anos. Vó Tita passou a ter mais tempo para viver. Se aposentou pelo FUNRURAL no interior dela e vive viajando de trem para lá, para conviver novamente com seus parentes e amigos. Para ela é uma vida muito boa. Quando volta, traz na bagagem umas espigas de milho, doce de caju, rapadura, mel e feijão verde.

A vida continua muito difícil. O que eu ganho com as minhas aulinhas particulares dá apenas para comprar algumas roupinhas, alguns livros e revistas que eu gosto muito de ler.

E, assim, sigo a vida pirambulando e estudando muito para um dia realizar o meu sonho de ser uma professora com diploma, ter um bom salário e, dessa forma, poder comprar uma casa digna aqui mesmo no lugar onde aprendi a respeitar a minha cultura e o meu povo.



## A AUTORA

Filha de Regino Teixeira de Araujo e Maria Petronília Marques Araujo, Vera Lucia Marques Araujo nasceu aos 28 de outubro de 1962 em uma casinha de barro, coberta com palhas de palmeira babaçu na pequena Meruoca, à época ainda distrito de Sobral-CE. Quando tinha 3 anos, o pai foi demitido do emprego de cuidador do sítio Mundauá e a família foi morar em Massapé, no sítio Cajazeiras de propriedade da família Marques. Foi nesse lugar que a menina



Vera Lucia aprendeu a subir em árvores para pegar cajus, mangas, goiabas, siriguelas e xixás. O lugar é rodeado por imensas pedras. As mais conhecidas delas são a pedra d'água, que tem uma lagoa dentro e onde há lendas da cobra gigante que encanta as meninas desobedientes, e a pedra do armador, que recebeu esse nome porque era onde a meninada costumava armar quixós e mundés para pegar rãbudos, mocós e outras caças que eram assadas para servir de mistura ao feijão com farinha no almoço.

Em 1970, a família mudou-se mais uma vez, vindo morar em Fortaleza, no bairro Tyrol que faz parte do grande Pirambu. Ali a menina passou o resto da infância e pré-adolescência procurando carteiras de cigarros para usar como dinheiro de brinquedo nos jogos de bila com os irmãos e os vizinhos. Encontrava cabeças de bonecas ou bonecas sem cabeças e qualquer outro material que pudesse servir de utensílio nas brincadeiras de casinha. Era nos monturos que os moradores depositavam o lixo de suas casas.

Vera Marques só começou a sua vida estudantil aos 9 anos na Escola As Pioneiras Sociais, um projeto que acolhia meninos e meninas “fora de faixa” para ensinar a ler e a contar. Completou o nível Fundamental I, o antigo primário, no projeto Educação Integrada na Escola Rogaciano Leite que fica no conjunto Habitacional Prefeito José Walter aos 13 anos. Aos 14, ingressou no antigo primeiro grau no turno noturno na Escola Municipal Francisco Nunes Cavalcante no mesmo conjunto habitacional. Iniciou o curso de Magistério aos 18,

oferecido pela Fundação Ana Furtado Leite, que funcionava na mesma escola também à noite.

O sonho da escritora desde menina era ser professora. Convivia as crianças da rua para a sua casa e, escrevendo com pedaços de tijolo branco numa banda de porta, ensinava as letras para elas. Foi nas areias dos quintais que Vera Marques começou a contar histórias para a meninada, desenhando com gravetos.

Como sempre foi ajudante da professora nas tarefas de copiar os deveres na lousa. Por conta disso, sua professora, Dona Alda, a convidou para lecionar na turma de Jardim da Infância da sua escola. Assim, aos 15 anos, Vera Marques teve a sua primeira experiência no magistério, mas sem registro em carteira.

Foi no ano de 1987 que Vera Marques realizou o seu primeiro grande desafio: ser aprovada no difícil Vestibular da UFC (Universidade Federal do Ceará) para o curso de Pedagogia, mesmo não tendo cursado o Científico, que preparava os estudantes para o temido concurso. As disciplinas mais difíceis como Matemática, Química, Biologia e Física estudou em livros do mestre que conseguia com professores do cursinho preparatório, único contato que teve com as disciplinas em questão.

Seu primeiro emprego formal com registro na carteira profissional foi como costureira na empresa SARONORD — Roupas do Nordeste, aos 18 anos. Nessa empresa, trabalhou durante um ano, sem lograr êxito algum, pois cochilava muito durante o trabalho de pregar punhos de camisas. Por isso, o que produzia em um dia, precisava desfazer no outro. Assim, nunca bateu a meta estipulada pela empresa. Vera Marques logo concluiu que aquele não era o emprego certo para ela que já amava ensinar.

Em 1998, passou no Concurso Único para Professores, incentivada pelos políticos que defendiam a bandeira de educação pública, gratuita e de qualidade para todos, afirmando que os salários dos professores seriam unificados. Decidiu ir morar na sua cidade Meruoca, onde lecionou e foi Coordenadora da Secretaria de Educação de Meruoca. Foi nesse período que passou no concurso para Mediadora do Selo UNICEF.

Desde muito mocinha ainda, a professora-escritora se engajou nas lutas sócio-políticas. Participou ativamente do movimento “Dire-

tas Já”, promovido pelos partidos de esquerda e pelos artistas. Nunca faltava às passeatas nas lutas por justiça social. Logo que passou no concurso Público para professora da Rede Municipal de Educação de Fortaleza em 2010, passou a participar ativamente das greves que reivindicavam mais direitos para a categoria, como o Piso Nacional dos Professores. No ano de 2013 passou no concurso para provimento de cargo comissionado de Diretores das escolas da Rede Municipal de ensino. Largou o cargo em 2014, voltando para a sala de aula, local de sua preferência para exercer o seu trabalho.

No ano de 2021, em meio à Pandemia do coronavírus, Vera Marques pede aposentadoria e começa a se dedicar ao ofício de escritora. Este é o primeiro de muitos livros que Vera Marques colocará à disposição das leitoras e leitores deste nosso Brasil leitor!

“Quando a alma está feliz, a prosperidade cresce, a saúde melhora, as amizades aumentam, enfim, o mundo fica de bem com você... o mundo exterior reflete o universo interior.”

(Mahatma Gandhi)



Gráfica e Editora  
imprece@hotmail.com  
Fone: (85) 3055.0102  
Impressão e Acabamento

Este livro, com o formato final de 14 cm x 21 cm, contém 164 páginas.  
O miolo foi impresso em papel Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup> LD 64cm x 88cm.  
A capa foi impressa no papel Cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup> LD 66cmx96cm.

Tiragem: 300 exemplares. Agosto de 2021.  
Fortaleza-Ceará.